NA PAGINA CENTRAL: «OS BONS SENTIMENTOS» POR JOÃO MEDINA

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1969 N.º 16 626 ANO 48.º UM ESCUDO

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA

CHECOSLOVÁQUIA

«Caça às bruxas» em perspectiva

PRAGA, 3 — (F. P. e R.) — Os checoslovacos encontravam-se hoje sob o impacto de novas medidas duras impostas de acordo com exigências soviéticas quando os relações entre os dois países atingiam o seu ponto mais baixo desde a invasão de Agosto.

Agindo rápidamente para apaziguar a irritação de Moscovo, por causa de grandes manifestações anti-soviéticas que ocorreram no ultimo fim de semana, os dirigentes da Checoslováquia anunciaram uma politica de dureza, cujos pontos principais são:

— Crítica publica a Josef Smrkovsky, presidente-adjunto no Parlamento e proeminente reformador, que tem sido um dos alvos principais da furia soviética.

— Reimposição da censura á Imprensa, suspensão de um semanário liberal do partido e anuncio de medidas contra outras três revistas.

— Fornecimento de mais armas á Polícia para que possa, com a ajuda do Exército, esmagar quaisquer outras manifestações.

— Aviso sobre a adopção de medidas económicas mais drásticas nos próximos dias e aumento de preços nos artigos de consumo.

A severidade das medidas apanhou muitos checoslovacos de surpresa. Contudo, não se viam indícios de protestos organizados entre o povo, ao começar a sofrer o impacto da politica de dureza.

A rápida aplicação de uma das séries de medidas decididas ontem de manhã pela presidência da comissão de medidas do P. C. checoslovaco — a censura á Imprensa — será seguida de uma «caça ás bruxas» sob a forma de um ataque em força aos liberais do Partido? Ontem em Praga toda a gente fazia esta pergunta, tendo sobretudo em mente Josef Smrkovsky, presidente da Câmara do Povo que serviria de «bode expiatório».

Entretanto, atribui-se ao enviados de Moscovo — marechal Gretchko e Vladimir Semionov, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros — a firme intenção de ver a situação restabelecer-se dentro de 48 horas.

Uma nova profissão foi criada para as raparigas australianas: guias-educadoras em «Zoos». Joanne Gaston, de 18 anos (na foto) é uma das que se dedicam a tal «job». No Jardim Zoológico de Melbourne, Joanne dispõe de 500 espécies diferentes de animais, os quais deve «apresentar» aos visitantes. Segundo o director do «Zoo», a missão das guias-educadoras consiste, sobretudo, em dar a conhecer aos professores e alunos que visitem o jardim um maior conhecimento da natureza e dos hábitos dos espécimes ali existentes

HOJE 32 PAGINAS VISADO PELA CENSURA

NAVIOS DE GUERRA VISITAM A SUÍÇA PELA PRIMEIRA VEZ

Pela primeira vez na História da Suíça, navios de guerra estrangeiros visitaram o país. Dois draga-minas britânicos, o «HMS Flintham» e o HMS Dittisham», descendo o Reno fundearam, há dias, em Basle, onde oficiais helvéticos apresentaram as boas-vindas à tripulação dos barcos, composta por 24 oficiais e 24 cadetes. Na foto, os navios no momento em que entravam no porte de Basle.

AS BASES EM ESPANHA

As conversações devem terminar em meados do corrente mês

WASHINGTON, 3 — (A. N. I.) — O subsecretário de Estado norte-americano, Elliot Richardson, opor-se-á á renovação do acordo sobre as bases americanas em Espanha, desde que isso custe aos Estados Unidos mais do que os vinte milhões de dólares (570 mil contos) anualmente pagos á Espanha nos últimos cinco anos — revelou o senador Frank Church, depois de uma reunião em que Richardson esclareceu a comissão senatorial de relações externas sobre o progresso das negociações.

Segundo o senador William Fullbright, presidente da comissão, a secretaria de Estado espera terminar «á volta de 15 de Abril» as negociações sobre a prorrogação das bases norte-americanas em Espanha.

Fullbright declarou que não se chegou ainda a acordo sobre a compensação a pagar pelos Estados Unidos mas que tem ouvido falar em aproximadamente 175 milhões de dólares, parecendo-lhe que a importância exacta «não andará longe disso».

A comissão presidida pelo senador teve ontem duas longas reuniões com o subsecretário de Estado Elliot Richardson e outros funcionários daquele departamento envolvidos nas negociações com a Espanha.

Vida, nascimento e morte da lista telefónica (reportagem na central)

Lisboa tem a partir de agora uma nova lista de assinantes — a 88 — e em 1 de Maio terá uma nova lista classificada, cada uma com uma tiragem de 435 mil exemplares. Em ambas se gastaram 15 600 toneladas de papel, que estendido ao comprimento ocuparia cerca de 27 mil quilómetros... Mas há outros números impressionantes sobre o que é o livro, o volume que, durante um ano (pelo menos), nós todos mais consultaremos e folhearemos. E, além de números, para lá da sua fria abstracção, há histórias e há casos humanos: de tudo se fala na reportagem que hoje principiamos a publicar.

OS PRÉMIOS BAYER TÊM NOVO REGULAMENTO

No sentido de estimular o intercâmbio cultural, económico e técnico luso-germânico, a Bayer Portugal começou em 1966 a atribuir prémios a jornalistas e a alunos do Ensino Técnico. Aquela organização renovou uma vez mais a sua iniciativa, do que ontem deu conhecimento aos órgãos de informação, numa reunião efectuada no Hotel Tivoli. Os convidados foram recebidos pelo administrador da Bayer Portugal, sr. João Minnemann, e pelo sr. Jaime Mourão Ferreira, do serviço de relações públicas da importante organização. Estavam presentes representantes da Imprensa e da rádio e outros, nomeadamente os srs. dr. Mateus Bouventura, da Casa da Imprensa; Georg Treftz, adido da Imprensa junto da embaixada da Alemanha Federal; dr. Luís de Oliveira Guimarães, D. António Infante da Câmara, David Ferreira, Alexandre Ferreira (Riba de Ave), dr. Pinto Leite, presidente da Câmara de Comércio Alemã; e numerosas senhoras.

Os prémios Bayer

Os Prémios Bayer de Jornalismo, estabelecidos com o patrocínio da Casa da Imprensa e a atribuir pela terceira vez, têm por finalidade distinguir artigos publicados em jornais diários ou em jornais desportivos portugueses.

1.º prémio: uma placa de prata gravada. Uma viagem de ida e volta de avião, a Leverkusen, sede das Farbenfabriken Bayer A. G. e permanência de dois dias na Alemanha, e a importância de trinta mil escudos; *2.º prémio:* uma placa de prata gravada; uma viagem de ida e volta de avião, a Leverkusen e permanência de dois dias na Alemanha, e dez mil escudos.

Poderão concorrer todos os jornalistas portugueses inscritos no Sindicato Nacional de Jornalistas e todos os jornalistas desportivos que, no período de 1 de Julho de 1968 a 31 de Dezembro de 1969, publiquem em qualquer jornal diário ou em qualquer jornal desportivo português, artigos ou reportagens relacionadas com a economia, a arte, a política, a ciência, o desporto, o turismo, a cultura ou a técnica alemã.

Os Prémios Bayer para alunos do Ensino Técnico são constituídos por dez prémios iguais que se compõem de: uma placa de prata gravada; uma viagem de ida e volta de avião a Leverkusen, sede das Farbenfabriken Bayer A. G. e permanência de dois dias na Alemanha e 3 mil escudos; uma bolsa de estudos no valor de dez mil escudos, oferta de um dos clientes da Bayer Portugal.

Podem concorrer os alunos do ensino técnico secundário que tenham frequentado com aproveitamento o ano lectivo de 1968-1969 e que enviem um trabalho de redacção sobre um tema que relacione qualquer das disciplinas do curso que frequentaram, com qualquer secção, produto ou trabalho de investigação da Bayer. Haverá ainda, para os distinguidos, bolsas de estudo de 10 mil escudos cada.

Referindo-se aos prémios de jornalismo, o sr. Jaime Mourão Ferreira justificou a decisão tomada de alargar a possibilidade de concorrer aos jornalistas desportivos, concluindo: «Se esta nossa decisão servir, de algum modo, para apressar o reconhecimento dos jornalistas desportivos como simplesmente jornalistas, que na realidade são, o serviço de relações públicas da Bayer sentir-se-á muito e muito feliz.»

O administrador da Bayer Portugal, sr. João Hinnemann, acentuou ser a informação técnica um dos elementos mais importantes no futuro da economia nacional.

Salientou o facto de o serviço de relações públicas da Bayer Portugal ter tido sempre a preocupação de colaborar com as Escolas Técnicas, e acrescentou: «Dentro desta linha de colaboração, tenho, hoje, o grande prazer e a honra de dar a V. Ex.ª uma notícia de grande alcance para o Ensino Técnico e, por consequência, para os industriais portugueses. Trata-se de uma modalidade, senão totalmente inédita em Portugal, pelo menos raríssima, porquanto, junta num esforço comum, pela primeira vez, uma casa fornecedora, a Bayer e alguns dos seus clientes mais antigos e dedicados. Assim, clientes da Bayer, que a seguir nomearei, decidiram repartir connosco a responsabilidade e aumentar o valor dos prémios para o Ensino Técnico, com bolsas de estudo. Até este momento, temos já, os seguintes patrocinadores para bolsas de estudo, de 10 000$00 cada: sr.ª D. Branca Moleiro (Joaquim Dias Amado, Sucrs.); sr.ª D. Olinda Reis Oliveira (Fábrica Têxtil Riopele, S. A. R. L.); dr. Detfim Alexandre Ferreira; Ernesto Cruz & C.ª, Lda; Fábrica Têxtil Riopele, S. A. R. L.; José Dias de Oliveira (fundador de Riopele); Sundiete, S.A.R.L.

Até Outubro serão comunicados os nomes das restantes firmas patrocinadoras.»

E a concluir: «Estamos certos de que todos reconhecerão o extraordinário alcance desta iniciativa, pelo que me resta, em nome da Bayer, agradecer aos nossos clientes a sua elevada compreensão, na certeza de que valorizando os técnicos portugueses, prestamos o melhor serviço á Economia Nacional, da qual todos nós, afinal, dependemos.»

O sr. João Minnemann pronunciando o seu discurso

Seis «indomáveis para bifes» na garraiada de Veterinária

Quatro cavaleiros, três espadas, dois grupos de forcados totalizando vinte e quatro pegadores, outros tantos bandarilheiros e ainda dois campinos de serviço vão lidar (de perto e de longe) seis espectaculares «indomáveis para bifes», conforme reza o programa da XI Garraiada dos Alunos da Escola Superior de Medicina Veterinária.

O «show» está marcado para o próximo dia 13 (domingo), no redondel de Vila Franca de Xira, com preços de saldo: sombra e sombra-sol desde 25$00, sol desde 12$50. Alguns pegadores, como os drs. Luís Melo e Carlos Vaz, concentram-se desde há dias no Gambrinus. A sua forma é excelente.

O NOVO «FIAT 128» É UM «1100» DE TRACÇÃO À FRENTE

A Fiat deu a conhecer as características do seu novo 1100, designado por «128».

Rompendo completamente com a tradição, a grande casa italiana construiu agora, pela primeira vez, um tracção-á-frente.

Trata-se de um projecto pleno de soluções avançadas, com o motor colocado transversalmente, quatro rodas independentes e uma carroçaria espaçosa e de linhas sóbrias mas de agradável desenho. Tudo isto num automóvel destinado a ser vendido a baixo preço. Na nossa página semanal dedicada ao automobilismo faremos uma descrição circunstanciada do novo «Fiat 128».

OS CONVIDADOS FORAM «À FESTA» DE MADRUGADA...

Cerca de meia centena de convidados estiveram esta madrugada na festa... ou melhor, na «Festa» do S. Jorge. À uma da madrugada foi propectado em antestreia, o filme «A Festa», com Peter Sellers.

Como se dizia no convite «A Festa» é uma verdadeira «pândega» cinematográfica. E também, tal como se prometia, não foi preciso levar garrafa...

E assim se passaram umas horas agradáveis, na «Festa» do S. Jorge.

Necrologia

FALECIMENTOS

José Manuel Teixeira Junior

PORTO, 3 — Faleceu, esta madrugada, na sua residência, na Rua do Campo Lindo, 146, o sr. José Manuel Teixeira Junior, de 62 anos, casado, comerciante.

O funeral, a cargo da Companhia Funerária, realiza-se amanhã, às 10 e 15, para o cemitério do Prado do Repouso.

FUNERAIS

Palmira dos Anjos

Para o cemitério da Ajuda foi hoje a sepultar a sr.ª D. Palmira dos Anjos, viúva, de 79 anos de idade, natural de Lisboa. A extinta, que há dias travava com a morte luta desesperada, acabou por sucumbir vítima de doença imperdoável. Era mãe da sr.ª D. Maria do Céu Fernandes Domingos e do sr. Alfredo Manuel Fernandes, agente do «Diário de Lisboa», a quem apresentamos condolências.

Joaquim Dias Pereira

Da igreja de S. João de Brito para o cemitério do Alto de S. João, saiu esta tarde o funeral do sr. Joaquim Dias Pereira, natural de Meãs, Unhais-o-Velho, Pampilhosa da Serra, funcionário aposentado dos C.T.T.

O extinto, que era pai do sr. Albino Dias Pereira de Oliveira, casado com a sr.ª D. Leonilde Araúde Oliveira, D. Maria de Lurdes Natália Pereira Bessa, casada com o sr. Luís Bessa, industrial no Porto, D. Maria Augusta de Oliveira Pereira e do sr. Alberto de Oliveira Pereira, radicado em São Paulo (Brasil), casado com a sr.ª D. Walkaria Santana Pereira, escreveu diversas obras para concursos dos C. T. T. e fez parte da Comissão da Casa da Comarca de Arganil. Colaborou nos jornais «A Gazeta das Serras», «Jornal de Arganil», «Cantanhede» e «Comarca de Arganil». Era actualmente o presidente da União Progressiva de Unhais-o-Velho.

José Jacinto

MONTARGIL, 3 — Foi muito concorrido e constituiu sentida manifestação de pesar o funeral do sr. José Jacinto, viúvo, agricultor, de 78 anos, natural desta vila e aqui residente e que era muito estimado na região.

CURSO LICEAL
DIURNO E NOCTURNO
PREPARATÓRIO ADM
INSTITUTOS
Bem apetrechados laboratórios
ESCOLA SÃO VICENTE
Rua do Paraíso, 28
EXT. MARQUÊS DE POMBAL
R. Carrilho Videira, 10
Telefs. 86 9204 - 83 46 58 - 82 02 21

EMISSORA NACIONAL

Pagamento de taxas

AVISO

Devem ser pagas durante o corrente mês, as taxas correspondentes ás licenças do rádio e de televisão anuais com numeros terminados em 2 (dois), e semestrais em 4 (quatro) ou 5 (cinco).

Este pagamento pode ser efectuado, até ás 18 horas, em qualquer estação dos Correios do continente ou ilhas adjacentes, na Tesouraria da Emissora Nacional — Rua Castilho, 30-A, em Lisboa, ou nos Emissores Regionais, ás horas normais de expediente.

Também até final deste mês podem ainda ser pagas na Emissora Nacional as taxas das licenças anuais com numeração terminada em 1, ou semestrais com numeração terminada em 2 ou 3, acrescidas de 25%. Decorrido este prazo, segue-se a cobrança através dos juízos fiscais.

Os vales de correio destinados ao pagamento de taxas, devem mencionar o numero da licença, sem o que serão recusados.

Cofres de aluguer
Av. Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

DE ONTEM PARA HOJE

O OPERÁRIO E A FÁBRICA

«Eu sou realmente o último operário desta fábrica», disse ontem, na sua linguagem clara e franca a todo o pessoal e a muitos amigos que foram á Fundição de Oeiras para assinalar o 13.º aniversário da sua entrada para a empresa o industrial António Cardoso. Arcando com a responsabilidade de tudo, tudo vendo e dirigindo e a tudo sendo capaz de deitar mão, nos treze anos que vão decorridos, a empresa transformou-se por completo. Nada resta do que era: nem as instalações nem os processos de trabalho. Mas encontram-se lá ainda muitos trabalhadores que conheceram os métodos de antes e conhecem os de agora e dispõem de uma assistência e habitações realmente modelares. António Cardoso, homem empreendedor, de rara visão e qualidades de trabalho, usa aquela palavra directa que chama ás coisas pelo seu nome. «O caldeireiro que eu sou não sabe usar de outras palavras». E ainda: «O País só pode ser um País próspero quando todos nós trabalharmos com afinco. O resto é totobola. Por isso nenhum de vós pode imaginar o que eu tenho sofrido para manter esta fábrica ao nível em que ela se encontra. Bem sei que eu posso perguntar-vos e vocês me podem responder: — Algum patrão, neste país, entra ás 8 horas para a fábrica? E só assim eu tenho feito o que fiz porque sabem que é muito difícil». E de facto a nação é a sua gente e os seus homens de trabalho a sua principal riqueza. Com os centros de trabalho, verdadeiras colmeias como aquela, se pode servir o País. Disse ainda António Cardoso: «Eu nunca tirei um tostão de dividendo desta empresa. O que aqui se ganha aqui se emprega». Antes o dr. Teófilo Carvalho dos Santos enaltecera a obra até agora realizada na Fundição de Oeiras por esse industrial de rara fibra que é António Cardoso, pondo em contraste os números de produção de há treze anos e os de agora, os métodos então utilizados e os de agora, a retribuição do pessoal então e agora, numa palavra quanto vale uma vontade forte e estimuladora ao serviço de uma inteligência clara. Só assim se consegue realmente criar riqueza: na colaboração ordenada e satisfeita de quantos dão seu esforço braçal ou intelectual a uma empresa.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. general Flávio dos Santos, dr. Armando de Oliveira Magatong e prof. Raul Cabral; eng.º José Pedro Iglésias de Oliveira e dr. José António Benito Garcia da administração da Sociedade Estoril; comodoro Daniel Duarte Silva, acompanhado do deputado sr. eng.º Tito Lívio Feijoó; contra-almirante Luís de Noronha Andrade; e dr. Freitas da Costa. Recebeu ainda o sr. Presidente da República os quatro pequenos que foram distinguidos com o Prémio da TAP, tendo vindo da Madeira e Porto Santo ao continente, por serem os melhores alunos das escolas primárias daquele arquipélago. São: Roberto Correia Marques Joaquim e Maria Rosa Vasconcelos Gomes, José Duarte Pestana Leão e Maria José da Silva, todos de 11 anos, os dois primeiros da Madeira, os dois ultimos do Porto Santo.

GENERAL FRANÇA BORGES

Para Sevilha, a convite do respectivo município, seguiu ontem o general França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Ali vai assistir ás cerimónias da Semana Santa. Acompanha-o sua esposa e ainda o sr. Aníbal David, vice-presidente da Câmara, e o sr. Vicente Rodrigues, seu secretário.

OS CONTOS DE ANDERSEN

Quem não leu os contos de Andersen? E as crianças de todo o mundo os têm apreciado e ontem, aniversário da morte do escritor dinamarquês, foi o seu nome lembrado numa sessão da S. N. B. A. Entre outros Lília da Fonseca falou sobre os livros infantis ali expostos, seguindo-se colóquio sobre o tema.

MARIA LEONOR

É das pessoas mais populares de Portugal a locutora que ontem foi homenageada com um jantar de convívio. Muitos dos seus camaradas puderam verificar que Maria Leonor só conta amizades nos meios da Rádio, da Televisão e entre os jornalistas. E o pretexto da homenagem estava até no facto de Maria Leonor ter sido distinguida com um dos prémios da Casa da Imprensa. Aos brindes falou o dr Silva Gonçalves, novo director do Serviço de Programas da E. N.

O AUTOMÓVEL E O GATUNO

Foi na segunda-feira que o sr. António Lopes dos Santos, morador na Av. Elias Garcia, 12, foi ao Cacém e lá lhe roubaram o automóvel. Ontem, vê o automóvel parado na Trav. da Boa Hora e é claro esperou por quem viesse meter-se nele. E veio o que dele se apropriara e não tem carta de condução. E, é claro, que este, António Joaquim, de nome, foi entregue á Polícia.

A PROPÓSITO DA REDE ANTI-MÍSSEIS «SALVAGUARDA»

MELVIN LAIRD DISSE DEMASIADO (OU POUCO) ACERCA DO ACTUAL ESFORÇO NUCLEAR DA U. R. S. S.

WASHINGTON, ABRIL. — O presidente Nixon passou hàbilmente a prova das suas primeiras conferências de imprensa televisadas. Deu a sensação de conhecer bem os problemas do dia, sem, com isso, deixar de informar-se e de se interrogar. Atitude de expectativa estudiosa que não procura provocar o entusiasmo, mas que pelo menos requer o respeito e a paciência de que um novo presidente bem necessita para encontrar o seu caminho.

Em contrapartida, os dois dias de audiências públicas (hearings) televisadas levando a todos os lares americanos a boa palavra do secretário da defesa, Melvin Laird, a respeito do programa de interceptadores balísticos rebaptizado «Salvaguarda», que o Governo americano decidiu prosseguir, em ritmo lento, terão deixado todos os observadores relativamente perplexos. Não que Laird e os seus conselheiros hajam feito má figura. A experiência parlamentar do sucessor de Clifford imuniza-o dos maus passos do noviço. Conhece as regras do jogo e mostrou-se, como é devido, diferente, amável, quase confraternal tanto na sexta-feira perante a subcomissão do desarmamento da comissão dos negócios estrangeiros do Senado, composta por senadores na sua maioria hostis ás suas posições (senão á sua pessoa), como na véspera perante a comissão das forças armadas, muito mais fácil de convencer.

Por ALAIN CLÉMENT

Mas a convencer de quê? É provável que a maioria dos telespectadores não tenha compreendido sobre que incidia o debate ouvido durante dois dias, e cujo objectivo oficial é um sistema de defesa antifoguetões legado por Johnson a Nixon e que este simultaneamente reviu, reorientou e por agora reduziu a metade. A estação política é vazia, é certo. A actualidade, alimentada de notícias, sente-se muito feliz por lhe aparecer um assunto litigioso, pensa-se afinal de contas bastante fraco na sua própria substancia. Quem se deu ao trabalho de seguir a troca de perguntas e de respostas entre os senadores e Laird será doutra opinião. O objectivo nominal destes duelos oratórios é ainda bastante fraco. Mas implica perguntas de repeercussões longínquas consideráveis.

CRÉDITOS POUCO EM RELAÇÃO COM A AMEAÇA DESCRITA

Primeiramente, quem define em público ou quem tem competência para coordenar a política estrangeira de Nixon? O secrtário de Estado, William Rogers, tem a confiança do presidente, mas ainda não teve ocasião de pronunciar um discurso-programa. Nixon pessoalmente tem-se acantonado até agora em generalidades afáveis «*todos os azimutes*». É o seu direito e utiliza o. Laird, por diversas vezes perante os microfones senatoriais, enviou os seus interlocutores ao departamento de Estado, único qualificado segundo ele quando se trata do conjunto das relações internacionais.

Mas qual é a coerência deste «conjunto»? Há dias o Senado ratificava sem história o tratado de não-proliferação das armas nucleares. O menos que se pode dizer é que esta ratificação supunha um mínimo não de entendimento mas sim de convergência de interesses entre as duas únicas superpotências realmente interessadas na não-proliferação atómica entre os seus satélites e aliados respectivos. Ora, que se soube na quinta e sexta-feira da boca do secretário da defesa? Nada menos do que isto: a U. R. S. S. lança-se desenfreadamente numa corrida ao superarmamento para alcançar e ultrapassar o potencial nuclear dos Estados Unidos. Não é de afastar a hipótese duma passagem de mão — afinal de contas, se tem para isso os meios, por que motivo a Rússia soviética se satisfaria com o papel perpétuo de segundo da água americana? — Laird, sem trazer provas irrefutáveis disso, não inventou certamente os elementos da sua demonstração.

Só que é preciso escolher, ou pelo menos dosear os efeitos. Laird pode ter deixado cair frases como esta: «*Quando os nossos foguetões Minuteman tiverem sido bloqueados nos seus silos, quando os nossos bombardeiros tiverem sido pulverizados no solo, poderemos pelo menos contar com a invulnerabilidade dos submarinos de pro-*

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

pulsão atómica para dar uma resposta semelhante ao adversário? Nem isso. Também estes poderão ser neutralizados...»

Que proporção existirá entre estas alegres perspectivas e um pedido de créditos inferior a um bilião de dólares (metade, recordemos para todos os fins úteis, do que Johnson reclamara) que neresto em rejeitar totalmente? nhum parlamentar pensa de resto em rejeitar totalmente? E que «apaziguamento», mesmo a longo prazo, se pode esperar duma Rússia que, a acreditar no Pentágono e no seu chefe, não recuaria perante nenhum sacrifício financeiro para se pôr em estado de «*esmagar com um só golpe*» os Estados Unidos?

A TENTAÇÃO DOS ESPECIALISTAS

Escusado é dizer que Laird não descobriu sòzinho o perigo duma Rússia a trabalhar na sombra em suplantar o peão atómico americano. Todas as suas declarações lhe foram, bem entendido, pontadas pelo Pentágono que pode ter motivos muito complexos neste período que ainda resta de interregno para despertar a nação americana de uma «quietação enganadora». McNamara adiantou-se com desenvoltura a Laird. Em copiosos capítulos do orçamento militar que apresentou o ano passado ao Congresso antes de sair, previa várias situações desfavoráveis, sendo a pior a duma «*ameaça que derrube as nossas previsões*» combinando um súbito aumento das panóplias de agressão nuclear soviéticas e a construção dum sólido bastião de foguetões. Mas confrontada com esta má surpresa pintada por Laird como a realidade de amanhã, McNamara estava seguro de que ficariam suficientes cargas atómicas americanas intactas para aspergir o agressor e destruir «*18 a 25 por cento da sua população e entre dois terços e os três quartos das suas instalações industriais*».

Evidentemente, a tentação dos «especialistas» é querer obter resultados ainda mais brilhantes. Passam neste momento por uma época de inflação imaginativa. Laird fez referências constantes e rápidamente fastidiosas ao que podia dizer mas que a segurança nacional lhe proibia revelar. O que se chama aqui a *intelligence community*, a quem se poderia mais prosaicamente chamar o «pool» dos serviços de informações, tem boas costas. Extrai-se dali em cada ocasião o oráculo apropriado. Mas, mais uma vez, se este oráculo está certo, se a Russia está a ponto de anular pelos seus próprios progressos dois decénios de superioridade americana incontestada, os Estados Unidos estão condenados a um esforço prodigioso para conservar o seu adiantamento e a repensar as próprias bases da sua política de equilíbrio entre o Leste e o Oeste. Será a esta conclusão que Laird queria chegar?

Nota do dia

FADIGA DAS CIVILIZAÇÕES

FÉRIAS DA PÁSCOA nas escolas, estudantes em férias, dois terços do ano lectivo já passados, famílias em alarme com o terço que falta. Que pensam, como procedem, que aspirações têm os jovens, mesmo os mais jovens deste tempo que é o nosso? Talvez seja um tanto incómodo arvorar-se o comentador em Velho do Restelo, para murmurar jeremíadas, profetizar desgraças ou arrepelar-se com as nuvens negras da sua própria incompreensão. Mas será efectivamente, apenas incompreensão, será apenas o consabido choque de gerações, será apenas um estilo que vem substituir outro estilo de uma vida que continua a ser a mesma?

Mas em que pensam algumas dessas novas gerações? É arriscado e às vezes conduz a conclusões desairosas ou mesmo injustas o generalizar por obstinação. Mas os casos perturbadores são tantos que não é possível ignorá-los, se bem que com a reserva das excepções que a si próprias se consideram como tais. É possível responder à pergunta sobre o que pensam que não lhes deixamos tempo para pensar, pois muitos são os que vivem num atordoamento de festa em festa, à tarde ou à noite, ou à tarde e à noite, entregues a si próprios, concessões, transigências ou abdicações, sem qualquer «contrôle» efectivo ou afectivo.

A moda, os costumes, a linguagem, as frequências, o impacto sucessivo das diversões fazem o ambiente em que se desenvolve esta evolução, a que ninguém contestará o qualificativo de inquietante, as famílias desinteressadas ou impotentes para travar o declive que, nalguns países, vai até à delinquência em muitos graus. Nalgumas grandes cidades, de países onde a vida material conhece todos os requintes, adolescentes fazem incursões nocturnas, de armas na mão, para o assalto ao transeunte desprevenido e suspeito de levar consigo valores que apeteçam.

Como é possível? Onde aprenderam, como aprenderam? Certa espécie de cinema, nas salas públicas onde vai quem quer ou na casa de cada um onde entra sem ser chamado, ou a absorvente técnica das histórias de quadradinhos, que oferecem como prato forte o bandido simpático, que se mostra impune ou até glorificado, constituem o veículo através do qual a criança vai recebendo, dia a dia, o gérmen da revolta sem nexo, da vida que vem a ser, afinal de contas, caracterizadamente anti-social.

De quem é a culpa? É do tempo, é de nós todos. De que serve querer apontar o mal aqui ou ali, sentenciar que os Governos são fracos, que a moral pública está dessorada? Jovens isolados ou bandos improvisados, uns e outros em fúria, ignoram todas as regras ou, pior ainda, têm consciência delas para deliberadamente as infringir, em gritos de revolta, de raiva e de desespero. Quem contraria? É uma doença da época que reclama a mobilização de todos os meios do bom-senso. Mas não atiremos com as culpas aos Governos que não resolvem. A subversão está dentro das famílias.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

TAPETES
Carpélio
Dist. Exclus.
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO—LISBOA
CARPETES

HOTEL RIOMAR
CENTRO DE LAGOS (5 minutos das praias)
Passe as suas férias no mais confortável Hotel de 2.ª classe do mundo. Preços acessíveis. Redução especial de 10% durante o mês de Abril. Todos os quartos com casa de banho e aquecimento central. Salas de convívio com ar condicionado. Marcações pelo telef. 490.

RECTÂNGULOS DA VIDA

A PEQUENA BATALHA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Ontem, ao fim da tarde, passei pelo campo de batalha, enfim, passei à sua beira. Não era o dia 10 de Outubro nem o dia 18 de Fevereiro, mas um dia qualquer, tão tranquilo, tão sossegado como só um dia de Lisboa o sabe ser. De Lisboa, grande-cidade-aldeia. Era o fim da tarde, como já disse, e os exércitos haviam partido, vencido e vencedor, desta vez sem mortos a lamentar. Só se via terra revolvida, e aqui e além um homem inclinado sobre invisíveis destroços. Um tanque amarelo tinha ficado para ali abandonado. Um tanque porque é bom não esquecer que estamos — nós — na época dos carros de assalto.

No centro do largo devastado, o duque no seu pedestal de pedra lavrada por toda a chuva deste Inverno. Tinha — tem — muitas coisas úteis à sua volta, o duque. Um teatro e um cinema, um supermercado... Até uma esplanada Tudo menos a pequena revolta, a batalha a lembrar-lhe os velhos tempos de Almoster

Seria para isso toda aquela terra revolvida? Para trazer um certo consolo ao duque de Saldanha ali imóvel há tantos anos, imóvel e vazado em bronze, ele que tão irrequieto foi em vida?

Enfim, porque não havemos de colocar — de vez em quando — sobre as obras da Câmara Municipal o manto diáfano da nossa fantasia? De vez em quando, claro, quando não caímos em nenhum buraco, nos limitamos a passar, a ver, a esquecer o que vimos.

A TELEVISÃO E A CRIANÇA

— TEMA DE UMA CARTA ABERTA ENVIADA POR PAIS À R. T. P.

Um grupo de pais acaba de remeter à Radiotelevisão Portuguesa uma «carta aberta», de inegável interesse e oportunidade, sobre um problema a que o nosso jornal, nomeadamente através do seu crítico da especialidade, tem sempre dedicado a melhor atenção, pondo em relevo a sua extraordinária importância com que ele ali tem sido tratado — problema que é o dos «perogramas infantis».

Dessa carta-aberta à R. T. P. encontram-se cópias, para recolher assinaturas, nas seguintes livrarias: em Lisboa — Espaço, Sá da Costa, Bertrand (sede e sucursais), Concorrente, Morais, Quadrante, Galeria 111, Divulgação e Buchholz, Lda.; no Porto — Árvore e Leitura.

A carta é do seguinte teor:

«Desde Dezembro de 1968 que alguns pais se têm reunido regularmente, a fim de se esclarecerem, com a colaboração de pedagogos, sobre os problemas da educação dos seus filhos e das crianças em geral.

Logo numa das primeiras sessões alguns pais focaram aspectos relacionados com a existência da televisão em suas casas, tendo-se reconhecido exercer esta uma forte atracção sobre a criança, podendo por isso actuar significativamente na sua formação.

Todos foram unânimes em admitir que o que normalmente se dá às nossas crianças, não é por certo o que de melhor se lhes pode oferecer. Também todos, após algum tempo de trabalho e reflexão sobre o problema da «Televisão e a criança», verificaram a possibilidade de se propiciar programas pedagogicamente adequados, solucionando um estado de coisas que parece urgente modificação.

Que fazer em prol desta modificação foi a pergunta veemente que se nos pôs. Daí a ideia desta carta e de com ela trazer a lume as preocupações que, por certo inquietam outros pais e educadores.

● «Não uma acção contra a R. T. P. mas sim a favor da criança»

Para nós, a televisão pode e deve ser um elemento útil e fecundo no processo educativo das crianças. Salientemo-lo desde já, que *o que nos move — e uns e não é uma acção «contra» a R. T. P., mas sim «a favor» da criança.*

Interrogámo-nos preocupada e insistentemente — Como é possível discernir uma qualidade e intenção educativa na maioria dos programas que se dizem destinados às crianças, quando neles predominam a violência, o ridículo e o absurdo?

Impedir os nossos filhos de ver programas infantis ou juvenis, não se nos afigura fácil nem, *apesar de tudo*, conveniente — Que fazer então?

O problema, quanto a nós, é o da reforma dos princípios que parecem inspirar a organização dos programas infantis e juvenis. Para tal, seria conveniente, e viável por certo, a criação de um «conselho» formado por pessoas de reconhecida competência: pedagogos, sociólogos, psicólogos, educadores, artistas, críticos, pais, e a quem deveriam garantir-se condições de trabalho sério e responsável.

É evidente que o juízo das crianças, a quem afinal os programas se destinam, não deve ser ignorado. Recordemos por exemplo que, recentemente, no Festival de Cinema Infantil, em Gijon, na vizinha Espanha, as crianças foram estimuladas a exprimirem-se livremente sobre a matéria que lhes dizia directamente respeito.

● Um amplo debate público

Possível ou não, de momento, a formação de um tal «conselho», deve-se *desde já*, promover um amplo debate público do qual a R. T. P. participaria não só colocando as câmaras á disposição dos interventores, como também esclarecendo os princípios que enformam os programas infantis e juvenis.

Deste debate colher-se-á um manancial de elementos, favorável a um melhor aproveitamento do tempo que a RTP entende e — muito bem — dedicar ás crianças e aos jovens. Dele resultará ainda uma maior consciencialização dos diferentes aspectos que o problema implica sejam eles de ordem pedagógica, médica ou social.

Pela nossa parte iniciámos já a colaboração desejável. Ficámos a saber por investigação directa, que em diversas cinematecas de embaixadas estrangeiras existem filmes que podem oferecer, um mínimo pelo menos, de garantias educativas. Soubemos ainda, junto destas embaixadas, que muitos filmes poderão ser cedidos ou alugados á RTP — como já alguns o foram — e que outros poderão ser procurados na produção internacional.

E em Portugal? Nada poderá ser feito? Certamente que sim. — Não tem a RTP realizadores e técnicos capazes de, em colaboração com educadores, realizar filmes para crianças?

● Filmes, teatro e novas rubricas

Mas os programas não são apenas os filmes. Há ainda o Teatro...

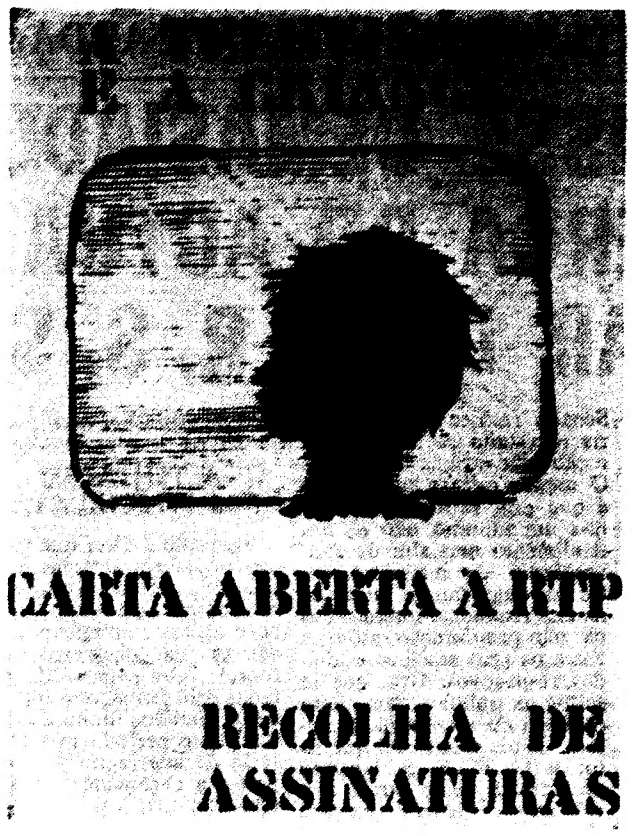
Impõe-se também a criação de novas rubricas onde as crianças participem com liberdade de expressão e movimento, com expontaneidade criadora, a exemplo do que em certa medida acontece nos actuais programas de Iniciação Musical e de Ginástica, que em boa hora a RTP incluiu na sua programação.

Também não nos parece demais pedir que os adultos animadores dos futuros programas tenham um mínimo de intuição e preparação para comunicar com as crianças.

Muitas sugestões são possíveis, algumas fácilmente realizáveis.

Nada mais pretendemos do que trazer á discussão problemas que nos preocupam e sabemos preocupar outros pais. Foi por isso que fizemos desta «uma carta aberta á Rádio Televisão Portuguesa» solicitando ainda a colaboração da Imprensa diária, e utilizando vários locais para a recolha de assinaturas de outros a quem o problema igualmente preocupa.

Lançamos por fim um apelo a todos aqueles que, pela sua formação, actividade ou interesse possam trazer o seu contributo ao debate que sugerimos».



Reprodução da capa do texto dirigida á R. T. P.

Quem faz o funeral ao mendigo?

SETUBAL, 3 — No dia 28 do mês findo faleceu, no pavilhão do I. N. A. T., do hospital do Espírito Santo, um pobre mendigo, conhecido por «Tio Alberto», de quem não se conhecia família, nem residência.

Comunicado o óbito á Misericórdia, para que a instituição se encarregasse do funeral, verifica-se, com estranheza, ter ficado o cadáver aguardando qualquer decisão.

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

Acentuada expansão em todos os ramos da Companhia de Seguros «Confiança»

Na assembleia geral ordinária da Companhia de Seguros «Confiança», a que presidiu o sr. dr. Fernando Rocha Gonçalves, foi aprovado o relatório e contas e o parecer do conselho fiscal relativos ao exercício de 1968.

O administrador-delegado, sr. Eugénio Furtado, prestou vários esclarecimentos á assembleia, tendo salientado a acentuada expansão em todos os ramos, que totalizam 202 243 054$69, o importante aumento de reservas que atingem 183 576 029$13 e a magnífica selecção dos seus valores. Referiu, ainda, que as filiais de Luanda e Lourenço Marques possuem importantes carteiras, com destacada posição nas respectivas províncias.

A assembleia aprovou os documentos que constituíam a ordem do dia. O dividendo a distribuir é de dez por cento.

Da Companhia de Seguros Tranquilidade

Quase vinte mil contos foi o saldo da conta de ganhos e perdas da Companhia de Seguros Tranquilidade em 1968 — foi revelado na assembleia geral da empresa ontem reunida no Porto, sob a presidência do sr. dr. Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva.

O relatório da administração recorda, com mágoa, a morte do seu antigo presidente, dr José Ribeiro Espírito Santo Silva, falecido em Junho, e do vice-presidente, eng.º António Manuel e Almeida, falecido em Outubro.

Quanto ao saldo escudos (1 963 938$01), foi proposto que dele fosse feita a seguinte aplicação: 5 % para o fundo de reserva legal, 990 000$; 3 % de dividendo as acções, cativo de impostos, 3000000$; conselho de administração 1 450 828$40; conselho fiscal 342 330$60; dividendo antecipado, cativo de impostos, 5 000 000$00; complemento de dividendo, cativo de impostos, 4 000 000$; fundos de reserva livres, 4 800 000$; e saldo para conta nova esc. 66 225$01.

Em resultado as reservas totais ficaram em escudos 904 652 641$77, sendo esc. 702 109 983$76 em reservas técnicas e 202 542 658$01 em reservas legais, livres e flutuação de valores, atingindo assim pela primeira vez, um valor superior a um milhão de contos para o total do capital e reservas da companhia.

Da Sociedade Propaganda de Portugal

Sob a presidência do almirante Sarmento Rodrigues, secretariado pelo jornalista José Maria Dias da Cruz e pelo eng. Fernando de Sousa Coutinho (conde do Funchal) realizou-se a assembleia geral da Sociedade Propaganda de Portugal para aprovação do relatório e contas de 1968.

O relatório faz referências aos acontecimentos políticos verificados no ano passado, assinala a criação da Secretaria de Estado de Informação e Turismo e acentua que «as relações com o dr. Francisco da Cunha Leão, agente-geral do Ultramar e seu departamento, decorreram cordialmente e com a melhor utilidade».

O relatório informa ainda que «foi de rotina a actividade da S. P. P.», que a utilidade da Agência Lusitania «se evidencia e consolida em cada ano» e que «a vida económica da Sociedade se manteve equilibrada, graças á generosidade de alguns sócios».

TAÇA DAS CIDADES COM FEIRA

O Glasgow eliminou o Atlético de Bilbau

BILBAU, 3—(F. P.)—Em encontro da segunda «mão» dos quartos de final da «Taça das Cidades com Feira», o Atlético de Bilbau (Espanha) venceu o Glasgow Rangers» (Escócia) por 2 a 0 (ao intervalo 1-0).

Embora tenham perdido o encontro, os escoceses qualificaram-se para as meias-finais, porquanto haviam batido os espanhóis, no jogo da primeira «mão», por 4 a 1.

Empate do «Barça» em Colónia

COLÓNIA, 3 — (A. N. I.) — Terminou empatado a dois golos (com 1-1 ao intervalo) a primeira «mão» das meias-finais da Taça dos Vencedores de Taças, entre o Colónia e o Barcelona.

Com uma assistência de mais de quarenta mil espectadores, as equipas alinharam:

COLÓNIA—Heyeres; Thielen (Hermmerbach) e Pott; Blusch, Weber e Biskup; Ruehl, Simmet, Loehr, Overath e Horning.

BARCELONA — Sadurni; Franch e Torres; Zabalza, Gallego e Fuste; Rife, Zaldua (Castro), Marti, Pellicer e Rexach.

O árbitro foi Leon Callagham, do País de Gales.

PHILIPS

A PHILIPS PORTUGUESA
S. A. R. L.

Comunica que, devido à solenidade do dia, encerra amanhã todos os seus serviços reabrindo na Segunda-feira, dia 7, às horas normais de expediente.

SENNA, BOTTO & LEITÃO, LDA.
METAIS — FERRAGENS — FERRAMENTAS
LISBOA — PORTO — FARO

Cumprimentam os s/ Ex.mos Clientes, Fornecedores e Amigos, desejando-lhes alegres Festas da Páscoa, informando-os de que todos os seus Serviços encerrarão no dia 4 reabrindo no dia 7.

NOVO CASINO ESTORIL
apresenta
TAKE FIVE
CONJUNTO VOCAL AUSTRALIANO

D'ANGOLY'S JR.
ORIGINAL MALABARISTA
Ada de Castro

Les Ballets de PIERRE FRANCK

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
FERRER TRINDADE e sua orquestra
JIRINA'S COMBO
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.30h m/21 anos
Nadja Nadlova só no wonder bar

No CINEMA, às 17 e às 21 h. (M. 12 anos)
O EVANGELHO SEGUNDO S. MATEUS

CINCO ÓPERAS BARROCAS NO XIII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

De acordo com a orientação cultural que preside às suas actividades, tem a Fundação Gulbenkian procurado apresentar, no âmbito dos seus Festivais de Música, o repertório de ópera menos divulgado entre nós. Deste modo, o público português tem tido ensejo de admirar verdadeiras obras-primas, tanto do passado como do presente, com que de outro modo não teria podido contactar. Estão ainda na memória de todos os magníficos espectáculos realizados em anos anteriores com as óperas «Orfeu», de Monteverdi; «Fairy Queen», de Purcell; «Sonho de uma noite de Verão» e «Gloriana», de Britten; e «Les Malheurs d'Orphée», de Darius Milhaud.

No prosseguimento desta directriz, a Fundação incluiu na programação do XIII Festival Gulbenkian de Música sete espectáculos operáticos, prenchidos com obras bem representativas das estéticas barroca, romântica e contemporânea: respectivamente «Alcina», de Haendel; «A Danação de Fausto», de Berlioz, e as três óperas em um acto «El retablo de Maese Pedro», de Falla; «Hin und Zurück», de Hindemith; e «Il Mantello», de Chailly.

«Alcina» será apresentada em duas récitas na capital (17 e 18 de Maio) e uma no Porto (16 de Maio) protagonizada por Teresa Stich-Randall. Graças á encenação de Gianfranco de Bosio, constituirá por certo um espectáculo feérico de grande beleza visual. Colaboram nestas récitas o Coro e a Orquestra de Câmara Gulbenkian, e ainda o Grupo Gulbenkian de Bailado, tendo como solista Pala Hinton.

«A Danação de Fausto» será levada á cena no Coliseu dos Recreios em 31 de Maio e 1 de Junho, com direcção musical de Jean Périsson e a participação dos cantores Janes Rhodes, Guy Chauvret, Ernest Blanc e Álvaro Malta, Coro Gulbenkian, Grupo Gulbenkian de Bailado e Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. Esta obra-prima de Berlioz será valorizada teatralmente pelos sumptuosos cenários e figurinos de Jacques Rapp e a magnífica encenação de Louis Erlo, que ainda recentemente alcançou o maior êxito no Teatro da Ópera de Lyon.

Por último o espectáculo de ópera contemporânea, a apresentar no Teatro Nacional de S. Carlos (27 e 28 de Maio), terá a colaboração de um excelente elenco de cantores italianos, espanhóis e portugueses, e da Orquestra de Câmara Gulbenkian sob a regência de Gianfranco Rivoli. A encenação será de Carlos Avilez. Na ópera de Falla participará ainda a Companhia de Marionnettes de Maria Perego.

«O Jovem Mentiroso» sai do cartaz no Domingo de Páscoa

Sai do cartaz no próximo domingo a peça inglesa «O Jovem Mentiroso», extraída da novela «Billy Liar», original de Keith Waterhouse e Willis Hall, numa tradução de Botelho da Silva.

Esta peça, primeiro espectáculo do Teatro Laura Alves foi recebida entusiásticamente pelo público, esgotando todas as noites as lotações deste novo teatro e aplaudindo o seu notável elenco de que fazem parte Brunilde Júdice, Rui de Carvalho, nos principais papéis, com Manuela Maria, Célia de Sousa, Fernanda Figueiredo, Benjamim Falcão e ainda o par-revelação Guida Maria-Vasco Morgado Jr.

Até domingo, o cartaz dos espectáculos é o seguinte: hoje, ás 21 e 45; amanhã, descanso oficial da Companhia; sábado e domingo de Páscoa, duas sessões, ás 20 e 45 e ás 23 horas; no domingo, ainda «matinée», ás 16 horas.

RUI DE MASCARENHAS

Rui de Mascarenhas: regressou aos E. U. A.

Rui de Mascarenhas regressou aos Estados Unidos da América do Norte: até Setembro, o artista português cumprirá contratos em Las Vegas (nomeadamente no «Cesar's Palace»), gravará um L. P. para a Columbia, cantará no Queen Elisabeth Hotel (de Montreal) e, por intermédio da agente Eleonor Ross, fará uma larga digressão que se prolongará do México á Venezuela.

Com cerca de oitenta discos gravados, Rui de Mascarenhas prossegue em terras estrangeiras uma carreira verdadeiramente destacada. Uma composição de que é intérprete («I can only love you», de Noel e Jo Sherman) encontra-se em oitavo lugar no «Top-Ten» de Nova York: a melodia foi gravada num «single», com acompanhamento da orquestra da C. B. S. e um coro de doze vozes, com solos de guitarra por Al Cayola.

No próximo L. P. (intitulado «Portugal»), Rui de Mascarenhas vai incluir quatro poemas de Fernando Peres (com melodias clássicas: «Fado Alexandrino», «Évora Antiga», «Pedro Rodrigues» e «Zé Negro»), além de duas baladas de Francisco Fernandes com versos de Homem de Melo e João Apolinário.

Em Miami, onde esteve há dois anos, Mascarenhas voltará a actuar: desta feita no Hotel Fontainebleau. Aliás, também voltará a Porto Rico, para cantar no «show Jo S», um dos mais categorizados da TV da América Latina.

CANDELABRO
RESTAURANTE-BAR
UTILIDADE TURÍSTICA
Promovido pela Rádio Televisão Portuguesa, hoje jantar de homenagem a Simone, que foi nossa digna representante no Festival Eurovisão-69.
A Gerência agradece a distinção concedida pela administração da R. T. P.
RUA MARQUÊS DE SUBSERRA, 10—Tel. 680906—LISBOA

VIOLÊNCIA E PAIXÃO...
CRUELDADE E TERNURA...
ÓDIO E AMOR...
A IMPLACÁVEL LUTA DE DOIS HOMENS EM CÓLERA
UM HOMEM SEM MEDO
UM HOMEM QUE SOBRESSAI PELO SEU VALOR SELVAGEM...
UM FILME QUE SOBRESSAI PELO SEU GRANDIOSO REALISMO...
HOJE
UMA ESTREIA DE GRANDE CATEGORIA
UNIVERSAL FILMES LUSOMUNDO
MAIORES DE 12 ANOS
POLITEAMA
UM ELENCO FABULOSO
MARLON BRANDO
ANJANETTE COMER
JOHN SAXON
REALIZAÇÃO DE SIDNEY FURIE
SCOPE
TECHNICOLOR

TINO COSTA —«tournée» europeia

Por intermédio da Penco Record Company, mais um elenco de artistas portugueses esteve recentemente ante plateias dos Estados Unidos e Canadá: Mafalda Sofia, Tristão da Silva, o viola Faustino Neto, o guitarrista Jorge Fontes e o acordeonista algarvio Tino Costa. Este conjunto, denominado «Disco - Show», actuou em Stoughton, Ludlow, Valley Falls, New Bedford, Waterbury, Danbary, Hartford, Chicofee, Bethlehem, Newark, Mineola, Jamaica, Taunton, Bristol, Fall River e Cambridge.

Tino Costa foi, indubitàvelmente, um dos artistas que logrou maior aplauso, ampliando o sucesso que conseguira naquelas paragens, quando da deslocação do ano anterior. Nascido em Lagos (a 21 de Março de 1943) começou a tocar acordeão aos quatro anos: pelo estudo, apurou durante diversas temporadas as qualidades que precocemente evidenciara. Aos 18 anos, envereda pelo campo profissional E, a 29 de Julho de 1968, vence um concurso de acordeão realizado em Tavira. Prossegue com diversos êxitos em certames musicais e surge em Lisboa, ante os microfones de Rádio Clube Português. Ingressa nos «casts» da Emissora Nacional e da RTP, participando em vários programas antes de se deslocar ao Ultramar, ao serviço da Força Aérea.

Com cinco discos gravados, Tino Costa prepara agora uma longa «tournée» pela Europa: partida marcada para fins de Maio e um itinerário a cumprir que se alonga de Espanha à Grécia.

TINO COSTA

RECINTOS DE DIVERSÕES

✲ *A artista Ana Hortense vai gravar para a etiqueta Estúdio um disco com canções do conhecido compositor Arlindo de Carvalho.*

✲ *Regressa dentro de dias a Lisboa a artista Maria Pereira.*

✲ *Já regressou a Portugal a Tuna Académica de Coimbra, que deu alguns espectáculos em França.*

✲ *Continua a actuar na «Lisboa à Noite» a artista Beatriz da Conceição.*

✲ *Obteve grande êxito em S. Paulo a artista Maria Alice Ferreira.*

✲ *Estreou-se na «Taverna do Embuçado» a cantadeira Emília Reis.*

O DISCO VEM AÍ

Para a etiqueta «Alvorada», a fadista **Fernanda Maria** *gravou três composições da dupla António José-Ferrer Trindade («Viram-te com outra», «O fado é vida» e «Tu verás»), incluindo no mesmo 45 rotações uma melodia de Ferrer Trindade com letra de César Oliveira («Arraial no Tejo»).*

★

José Pracana, também intérprete de fado, no seu primeiro disco comercial: «Primavera perdida» (Alfredo Correeiro-António Calém), «Porque choraste por mim» (de António Calém, com música do «Fado Porto»), «Pelas ruas da cidade» (Linhares Barbosa no «Fado Corrido») e «Saudades de mil lembranças» (João Ferreira Rosa no «Fado menor do Porto»).

Os acompanhamentos estão a cargo de **José Nunes** (guitarra) e **Castro Mota** (viola).

★

A «Alvorada» reuniu sob o genérico «Êxitos» quatro melodias que se destacaram, recentemente, nos hip-parades *norte-americanos: «Blackberry Way» (Roy Wood), «For once in my life» (Millen- Murden), «Son-of-a Preacherman» (Hurley - Wilkins e «aint got no-i got life» (do trio Ragni-Rado-Macdermot».*

«CARTAS NA MESA» – estreia no sábado

Mais um espectáculo de Vasco Morgado vai subir á cena, já no próximo sábado, no Teatro Variedades. Trata-se da peça «Cartas na Mesa» (Las Cartas Boca á Bajo), original de Buero Vallejo, um dos melhores dramaturgos espanhóis do pós-guerra, com tradução de Egito Gonçalves.

«Cartas na Mesa» tem a particularidade de reunir pela primeira vez numa peça de teatro, dois dos nossos melhores artistas — Eunice Muñoz e Paulo Renato. A seu lado, estarão Fernando Gusmão, que é também o encenador e, ainda, Fernanda Alves e Morais e Castro.

As cenas pertencem a João Vieira.

As estreias de hoje

No Politeama

Título em português — Um homem sem medo»
Título Original — «Appaloosa»
Produção — Americana
Realização — Sideny Furie
Intérpretes—Marlon Brando, Anjanette Comer e John Saxon.
Género — Aventuras
Distribuição — Filmes Lusomundo
Processo — Scope-Technicolor
Classificação — 12 anos

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

2 ESPECTÁCULOS DE VASCO MORGADO

TEATRO T. 555133

MONUMENTAL

SÓ ATÉ DOMINGO

113.ª Representação

HOJE às 21.45 h.

A farsa de CLAUDE MAGNIER tradução de Mariana de Morais

QUANDO ELA SE DESPIU...

com CAMILO, FLORBELA, CARLOS COELHO, Cármen Mendes, Yola, Linda Silva, Aldo Pinto, Alice Carla

Encenação de SANTOS CARVALHO

SÁBADO e DOMINGO 2 sessões, 20.45 e 23 h. DOMINGO, à tarde às 16 h.

TEATRO LAURA ALVES

— T. 864756 —

(ADULTOS)

163.ª REPRESENTAÇÃO HOJE, às 21.45 h.

O JOVEM MENTIROSO

com BRUNILDE JUDICE, RUI DE CARVALHO, Manuela Maria, Célia de Sousa, Fernanda Figueiredo, Benjamim Falcão e o par-revelação Guida Maria e Vasco Morgado Jor

Encenação de JACINTO RAMOS

SÁBADO, matinée às 16 h. Para todo o público ESTUDANTES 10$00 SÁBADO e DOMINGO 2 sessões — 20.45 e 23 h.

AMANHÃ: DESCANSO OFICIAL DA COMPANHIA, NÃO HÁ ESPECTACULOS NOS 2 TEATROS

COLISEU

HOJE, às 21.15

(Maiores 6 anos)

O GRANDE DRAMA BIBLICO

«O DIVINO MESTRE»

(VIDA DE CRISTO)

e o filme

SANGUE DO MEU SANGUE

Amanhã, á tarde e á noite o mesmo programa

ABC

Às 20.45 e 23 horas

TEL. 36 67 45 DOMINGO

(ADULTOS) às 16 horas

IVONE SILVA

Elas é que sabem

REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natalina José, Jill Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos

TRINDADE

— F. N. A. T. —

HOJE, às 21.45

o T. N. P. (sob pelo Fundo do Teatro) apresenta a sensacional peça de Samuel Beckett

À ESPERA DE GODOT

Sábado e Domingo Tarde, às 16 h. (M/17 anos)

Teatro Capitólio

Telef. 320879

SÁBADO, às 16 e às 22 horas

OS VISIGODOS

de Jaime Salazar Sampaio

M/17 anos

Devido à solenidade dos dias hoje e amanhã não há espectáculos

VASCO MORGADO apresenta

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

ADULTOS

AMANHÃ NÃO HÁ ESPECTÁCULOS ATENDENDO À SOLENIDADE DA DATA

4.º MÊS DE ÊXITO

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.

A PREGUIÇA

com RAUL SOLNADO

e ainda

ALINA VAZ

MÁRIO JACQUES

ANTÓNIO MONTEZ

DAVID SILVA

FERNANDA BORSATTI (a mãezinha)

(Nunca tiveram preguiça?)

XIII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

16 DE MAIO A 7 DE JUNHO

LISBOA ● PORTO ● AVEIRO ● BEJA ● BRAGA ● CASTELO BRANCO ● COIMBRA ● COVILHÃ ● ÉVORA ● FARO ● GUIMARÃES ● LEIRIA ● SANTARÉM ● SETÚBAL ● VISEU

7 espectáculos de ópera ● 10 espectáculos de bailado ● 4 concertos de coro e orquestra ● 15 concertos sinfónicos ● 3 concertos de órgão e orquestra ● 9 concertos de música de câmara ● 3 recitais de piano ● 2 recitais de violino ● 2 recitais de violoncelo ● 3 recitais de órgão

CALENDÁRIO DAS BILHETEIRAS EM LISBOA (Abril)

● VENDA DE ASSINATURAS

Dias 7, 8 e 9 — **Antigos assinantes** — Tivoli: Séries A e C/Coliseu: Série B

Dias 11 e 12 — **Novos assinantes** — Tivoli: Séries A e C

Dias 15, 16 e 17 — **Novos assinantes** — Coliseu: Série B

● VENDA DE BILHETES AVULSO

Dia 19 — **Assinantes das Séries A e B** — Tivoli: para os concertos da Sé Catedral e Ruínas do Carmo

— **Assinantes das Séries B e C** — São Carlos: para todas as manifestações que têm lugar neste teatro

A partir do dia 21 — **Restante público** — Tivoli; Coliseu e São Carlos: para todos os espectáculos.

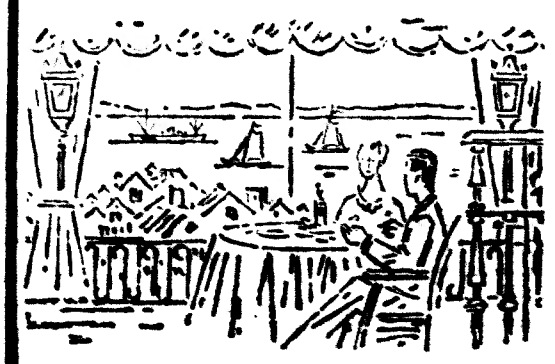
N. B.: Os bilhetes para os concertos da Sé Catedral e das Ruínas do Carmo estarão á venda no Tivoli.

=PROGRAMAS EM DISTRIBUIÇÃO NAS BILHETEIRAS DO TIVOLI E DO COLISEU=

Espectáculos das 16.30 e das 18.30, e dos sábados às 21.30 h.: para maiores de 6 anos

Restantes espectáculos: para maiores de 12 anos

Varanda do Chanceler



6.ª FEIRA SANTA

ENCERRADO

DOMINGO DE PÁSCOA

EMENTA ESPECIAL

Foi votado um donativo para a Fundação Salazar na Assembleia Geral da Companhia de Seguros Comércio e Indústria

REUNIU-SE a Assembleia Geral Ordinária da Companhia de Seguros «Comércio e Indústria» para apreciação e votação do relatório e contas referentes ao 61.º exercício, findo em 31 de Dezembro de 1968, sob a presidência do Sr. Raul Pereira da Rocha.

Antes de se entrar na ordem dos trabalhos, o Sr. Joaquim Esteves Ribeiro da Cunha, Administrador da Companhia, saudou o Sr. Raul Pereira da Rocha, amigo dedicado da «Comércio e Indústria» cujas assembleias gerais vem presidindo há anos.

A Assembleia associou-se ás homenagens da Administração e do Conselho Fiscal prestadas ao Sr. Manuel Thomaz Rodrigues Troya, subdirector da Companhia, que serviu durante mais de 50 anos, tendo exarado um voto de pesar pelo seu falecimento ocorrido em 28 de Fevereiro passado.

A concluir este período dos trabalhos o Sr. Joaquim Esteves Ribeiro da Cunha, depois de salientar a personalidade do Sr. Presidente da República, Almirante Américo Thomaz, mais uma vez vincada nos recentes acontecimentos politicos do País, propôs a atribuição de um donativo para a Fundação Salazar, proposta que foi imediatamente aprovada por unanimidade sendo fixado o montante em cinquenta mil escudos. Além desta verba vai também a Companhia de Seguros «Comércio e Indústria» oferecer um seguro de incêndio para as primeiras casas da Fundação até ao valor de cinco mil contos.

Já dentro da ordem dos trabalhos, e pela análise dos documentos apresentados, verificou-se que a «Comércio e Indústria» apresentou no exercício do ano findo uma receita geral de prémios de 154 464 contos, ou sejam mais 25 000 contos que no ano anterior. O capital e as reservas actualizadas ultrapassariam o meio milhão de contos.

Foi justamente referido na Assembleia o incremento verificado na automação dos serviços e o seu real desenvolvimento, que culminou com a instalação de um computador «Century», bem como a permanente preocupação em garantir a todos os segurados da «Comércio e Indústria» uma assistência rápida e cada vez melhor.

O relatório e contas e as conclusões do Conselho Fiscal foram aprovadas por unanimidade, assim como a distribuição dos lucros líquidos que totalizaram 6728 contos.

A encerrar, o Director Geral Sr. Dr. Joaquim Espírito Santo Ribeiro da Cunha agradeceu o voto de louvor que lhe foi atribuído, prestou homenagem á memória do seu saudoso irmão Dr. José Espírito Santo Ribeiro da Cunha, e terminou pondo em destaque a colaboração e o espírito de iniciativa demonstrados por todo o pessoal no esforço comum para o desenvolvimento constante da Companhia. O Sr. José Elvas Ribeiro da Cunha agradeceu as palavras de homenagem prestadas á memória de seu pai.

A sensação «pop» da semana é o cantor Marvin Gaye

LONDRES, 3 — (R.) — A grande novidade desta semana nos «top ten» da musica moderna é fornecida por Marvin Gaye, cuja versão dinamica do antigo exito de Gladys Knight e dos «Pips», «I heard it through the grapevine», passou para a primeira posição na Grã-Bretanha.

Nos Estados Unidos, o conjunto «Fifth Dimension» subiu cinco lugares e ocupa agora o segundo, com duas canções da revista musical «Hair», as já famosas «Aquarius» e «Let the sunshine in».

Tem sido também uma boa semana para os «Hollies», cuja canção «Sorry Suzanne» subiu quatro lugares, passando para o terceiro na Grã-Bretanha, e seis em Amsterdão, onde ocupou o quarto. Em Amsterdão, porém, a subida mais sensacional foi a de «Where do you go to?», de Peter Sarstedt, que pulou treze lugares e ocupa agora o quinto.

A tabela de Estocolmo revela o aparecimento do terceiro L. P. deste ano, uma colecção de canções do Festival Mundial de Estrelas, cujos lucros revertem para beneficio dos refugiados. Esse disco, que apareceu em oitavo lugar, inclui clássicos como Ray Charles («Georgia on my mind») e «Homeward Bound», de Simon e Garfunkel.

Damos a seguir, os «top ten» da semana, com a classificação da semana passada entre parêntesis:

Londres: *1.º, «I heard it through the graperine», Marvin Gaye, (2); 2.º, «Gentle on my mind», Dean Martin, (4); 3.º, «Sorry Suzanne», «Hollies», (7); 4.º, «Where do you go to», Peter Sarstedt, (1); 5.º, «Monsieur Dupont», Sandie Shaw, (9); 6.º, «Surround yoursself With sorrow», Cilla Black, (3); 7.º, «Games people play», Joe South, (12); 8.º, «Boom bang-a-bang», Lulu, (19); 9.º, «First of May», «Bee Gees», (18); 10.º, «In the bad old days», «Foundations», (16).*

Nova York: *1.º, «Dizzy», Tommy Roe, (1); 2.º, «Aquarius Let the sunshine in», «Fifth Dimension», (7); 3.º, «Time of the season», «Zombies», (4); 4.º, «Run away child, running wild», «Temptations», (5); 5.º, «Galveston», Glen Campbell, (5); 6.º, «You've made me so very happy», «Blood, Seat and Tears», (15); 7.º, «Traces», «Classics IV», (2); 8.º, «Only the strong survive», Jerry Butler, (12); 9.º, «My whole world ended», David Ruffin, (9); 10.º, «Proud Mary», «Creedence Clearwater Revival», (3).*

Temporada de bailado do Teatro de São Carlos

Começou a venda avulso para os poucos lugares que restam para todos os espectáculos da Temporada de Bailados de 1969 do Teatro Nacional de S. Carlos, que será inaugurado no próximo dia 7 e trará ao nosso País três grandes e famosas companhias de bailados dando, assim, ao nosso publico a oportunidade de tomar contacto com escolas e estéticas baléticas diferentes: o Ballet da Ópera Nacional de Bucareste com a sua grande companhia de mais de 100 artistas e o seu repertório eminentemente clássico; o Ballet-Théâtre Contemporain, a já famosa companhia modernista francesa criada por Malraux na Maison de la Culture, de Amiens, que muitos críticos consideram uma réplica ao «ballet-total» de Maurice Béjart; e o Ballet Nacional Polaco «Mazowsze», uma das mais conceituadas e autênticas companhias de raiz folclórica.

A temporada deste ano tem, ainda, uma novidade: a sua prolongada e espaçada duração. Com efeito, entre a apresentação de cada companhia medeia um espaço de tempo de forma a que o publico não se fatigue e possa apreciar devidamente os excelentes artistas e os belos programas de cada uma das companhias.

A temporada inicia-se com a apresentação, pela primeira vez entre nós, de uma companhia romena, o Ballet da Ópera Nacional de Bucareste, companhia que tem conquistado um êxito estrondoso em todas as grandes cidades do Mundo onde se tem exibido e é hoje considerada como uma das mais reputadas companhias clássicas e tradicionais do Leste da Europa.

ASSOCIAÇÃO LISBONENSE DE PROPRIETÁRIOS

Assembleia Geral

AVISO

Não se tendo obtido o quorum necessário para a realização da Assembleia Geral Ordinária convocada para o dia 24 do corrente mês de Março é convocada a Assembleia Geral a reunir-se no dia 23 de Abril pelas 15 horas, na Sede social, na Rua de Dom Pedro V, 82, a fim de tratar da seguinte ordem do dia:

— Apreciar e aprovar ou modificar o relatório, balanço e contas e o parecer do conselho fiscal relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1968.

Lisboa, 25 de Março de 1969.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
a) — Pedro Gaivão

TODOS PERDEM A CABEÇA !
COM
TER-E-TEL
TT
67 % Polyester
TER-
E
-TEL
com 33% algodão
AGORA EM 3 QUALIDADES !
CAMISA LISA CLÁSSICA
CAMISA EXTRA FINA
CAMISA FANTASIA

SEMINÁRIOS PARA JOVENS NO CENTRO DE BIOLOGIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

A Fundação Gulbenkian vai realizar, no seu Centro de Biologia em Oeiras, seminários de Biologia dedicados a estudantes universitários.

Cada seminário (das 9 e 30 ás 12 e 30) constará de uma introdução teórica sobre o assunto em estudo e demonstração e execução dos métodos utilizados.

Está já programada a realização dos seguintes seminários: 12 de Abril — A aplicação da microscopia electrónica em Biologia; 19 de Abril — Microscopia de contraste de fase e microscopia de fluorescência; 26 de Abril — A cultura de tecidos em virologia; 3 de Maio — A organização ultrastrutural da célula; 10 de Maio — A anatomia dos vírus; 17 de Maio — Tumores induzidos por vírus; 24 de Maio — Separação de fracções celulares; 31 de Maio — Estrutura e função da pele.

Para cada seminário serão admitidos um máximo de 10 participantes, não sendo obrigatória a inscrição simultânea em todos os seminários. Se o número de inscrições o justificar, repetir-se-ão ulteriormente alguns dos seminários agora previstos.

As inscrições podem ser feitas pelo telefone 2431451 das 14 ás 17 e 30 ou por escrito para: Seminários de Biologia — Laboratório de Biologia Celular — Instituto Gulbenkian de Ciência — Oeiras.

Eng.º Amaro da Costa

Teve a amabilidade de vir apresentar cumprimentos ao «Diário de Lisboa» o sr. eng.º Amaro da Costa, que acaba de deixar o cargo de secretário de Estado da Industria.

A Páscoa do Vareirinho

Como nos anos anteriores, a Casa do Concelho de Ovar, em Lisboa, distribui no dia 6, ás 10 horas, aos filhos de vareiros associados, a costumada consoada da Páscoa.

Anda a monte o autor da agressão a tiro em Alijó

ALIJÓ, 3 — Continua a ser activamente procurado pela G. N. R. o carpinteiro José dos Santos, o «Armindo», de 53 anos, morador no lugar da Granja, deste concelho, que alvejou a tiro de pistola o seu vizinho, sr. José Augusto Pereira Necho, de 48 anos, pedreiro, após uma discussão havida entre ambos, por causa dos filhos.

O agredido, atingido por diversos projecteis encontra-se internado no Hospital de São João, no Porto, para onde foi conduzido, em estado grave. Parece, contudo, estar livre de perigo.

ora diga-nos...

— Aonde vai passar a Páscoa?

«Para mim, a Páscoa é mais um motivo de festa». (De um anónimo, que não sabia mais que isto).

● — Passo a festa em casa, com a família, pois como havia de ser? Devem-se juntar lá as minhas duas filhas, que já são casadas, e os meus três netos...

— E faz alguma festa especial?

— Não, não faço festa nenhuma...

Assim nos respondeu o sr. Jaime Joaquim, condutor da Carris.

● *O segundo entrevistado foi o sr. Alexandrino Milhano, que nos respondeu:*

— Em Santo António dos Cavaleiros, onde vivo com a minha mulher.

E lá seguiu para o Sindicato dos Profissionais de Escritório, onde é empregado.

● *Resposta mais triste foi a do sr. Herculides Faleiro, serralheiro, que nos disse:*

— A trabalhar...

— Mas é domingo...

— Na empresa onde estou não há domingos. todos os dias são de trabalho.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

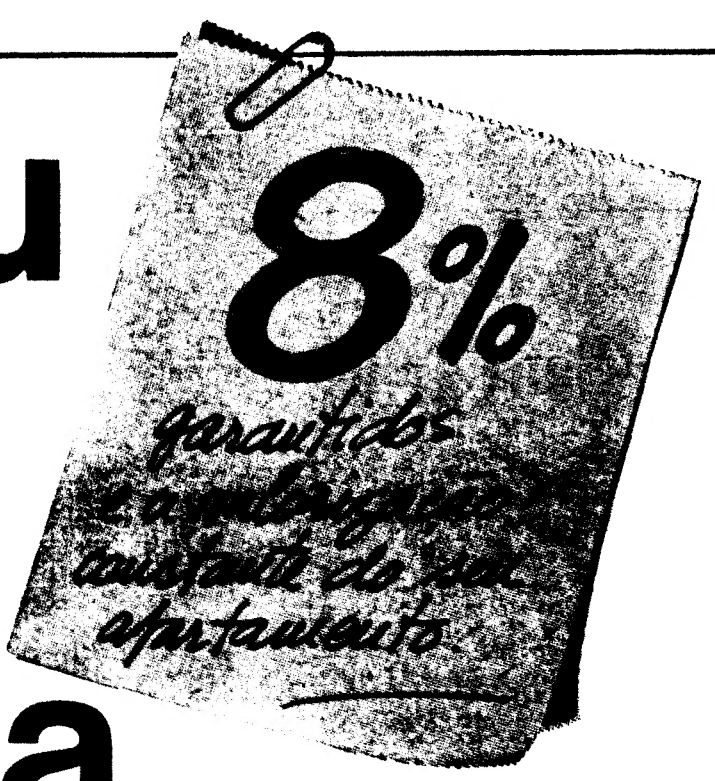
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Detidos no Porto três «ratos» de automóveis

PORTO, 3 — A Policia Judiciária desta cidade informou que, na sequência de diligências para pôr cobro á crescente vaga de furtos de objectos que se encontram dentro de viaturas na via pública, foram detidos em flagrante delito diversos individuos, na Rua da Firmeza, durante a madrugada. Trata-se de Sérgio Augusto de Moura Fernandes, 27 anos, morador na Rua General Silveira, 49, Joaquim da Silva Pinto, 20 anos, morador na Avenida dos Aliados, 22-5, e Manuel de Magalhães, 19 anos, com a mesma morada do anterior. Todos eles são solteiros e operários na panificação. Foram conduzidos á subdirectoria da P. J., onde confessaram, durante os interrogatórios, que tinham efectuado 35 furtos em automóveis estacionados em diversas artérias da cidade e que, segundo aquela Policia, montam a algumas dezenas de contos.

Foram-lhes ainda apreendidos numerosos artigos, furtados de automóveis.

o seu capital pode ser ainda mais rentável



Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital.

Apartamentos desde 230 a 990 contos.

TORRALTA

Informações:
Lisboa-Av. Duque de Loulé, 66-A, Telefs. 51748 e 54479
Algarve-Hotel Golfinho Praia de D. Ana, Telef. 302, Lagos
Praia de Alvor Telefs. 1324 e 428 de Portimão

Comunicado das Forças Armadas da Guiné

BISSAU, 3 — (A. N. I.) — É o seguinte o texto do boletim informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 24 a 30 de Março findo:

«Durante este período, o inimigo flagelou aquartelamentos em Ganturé, Biambe, Canjambari, Empada, Nova Sintra, Samba Sabali, Jadabá, Guilege e Saliquinhe-Din.

Implantou engenhos explosivos nas regiões de Bolama e de Curtia, emboscou as nossas forças nas regiões de Dembadado, Farim e Sambuiá, e, ainda ao norte de Mansabá.

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu, na região de Inquiré-Binar, um capturado; na península de Pobreza-Capió, dois mortos, um capturado e apreensão de documentos diversos; na região de Encherte-Binar, a apreensão de munições; na região Sarenhaco-Fajonquito a apreensão de material diverso; na região de Faquina-Cuntima, 6 mortos; na região de Dembadado-Farim 2 mortos; na região de Brufa-Tiligi, por acção conjunta das forças metropolitanas e milícias, o inimigo sofreu 5 mortos, um capturado e aprensão de armamento; na região de Gan Fará-Talicó-Madane-Inchula, o inimigo perseguido por forças da milícia e caçadores balantas, abandonou no terreno 17 mortos, cinco espingardas e outro material; nas vias fluviais foram recuperados e destruídos meios de transmissões.

No conjunto das acções levadas a efeito foram recuperados 44 elementos da população e o inimigo sofreu 32 mortos e três capturados.

As nossas forças sofreram três mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados pelos órgãos da Informação».

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

Comunica o Serviço de Informação Públicas das Forças Armadas que morreram, em combate, na província de Angola, o primeiro-cabo n.º 10662867, Alvarinho de Sousa Carneiro, natural de Santo Tirso, filho de Benjamim Carneiro e de D. Lucinda de Sousa; e o soldado do recrutamento da província n.º 6083696., Serafim da Silva, natural de Vila Real, filho de Serafim da Silva e de D. Maria Emília Silva.

Também foi morto em combate, na Guiné, o caçador nativo Sanca Dyata, natural de Quantera, filho de Quela Dyata e de Lei Meranachalan.

Casas de renda económica dos Serviços Sociais das Forças Armadas

Encontra-se aberto o concurso destinado a Sargentos, para atribuição das casas de renda económica dos Serviços Sociais das Forças Armadas, a vagar no período de 1 de Julho de 1969 a 30 de Junho de 1970.

O prazo da entrega dos Boletins de Inscrição é de 1 a 20 de Maio.

Qualquer informação pode ser prestada na sede dos S. S. F. A., na Rua Pedro Nunes n.º 8, Lisboa ou pelo telefone 536966.

VISITA AO HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL

A delegação em Portugal do jornal «Lusitano» que se publica em Montreal (Canadá) promove, no domingo, uma visita de apoio aos militares internados no Hospital Militar Principal.

... e os leitores...

Os engarrafamentos de trânsito na estrada marginal

Recebemos do sr. Luís Ferreira, a seguinte carta, contendo uma sugestão, que, por se nos afigurar de interesse ou contribuição para se resolver um dos aspectos cruciantes do problema do trânsito, remetemos à ponderada con-

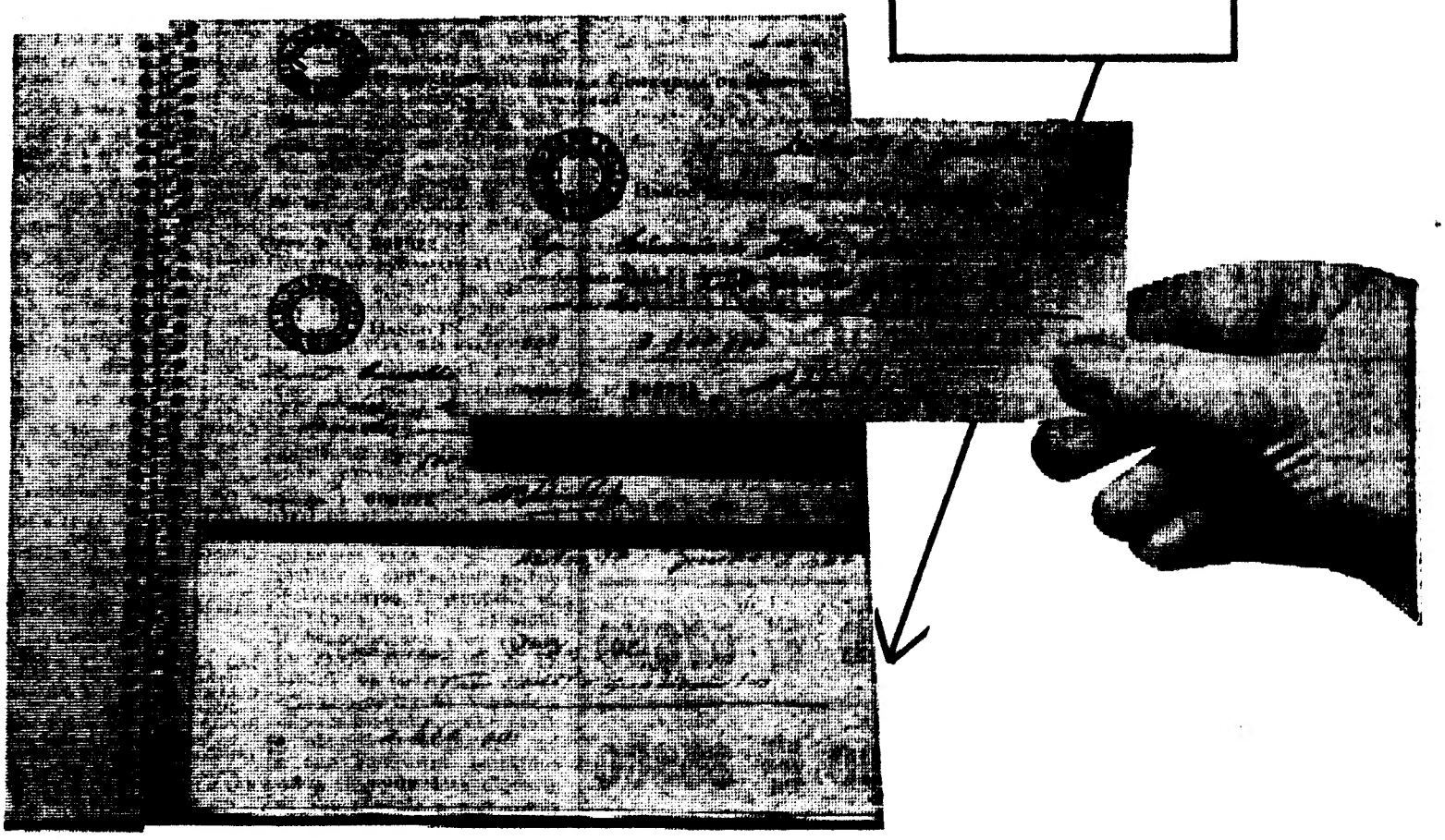
(Continua na 16.ª página)

«DIÁRIO DE LISBOA»

Da Sociedade Nacional de Sabões, Lda. recebemos um amável ofício de agradecimento pelo relevo dado às cerimónias com que aquela sociedade comemorou o cinquentenário da sua fundação.

Temos ao seu dispôr um contrôlo automático de cada cheque preenchido!

acabaram-se os clássicos talões!



No livro de Cheques de Contrôlo Automatico do B.E.S.C.L.

Escreve-se tudo simultâneamente —preenche-se o cheque e obtem-se imediatamente um duplicado, sem utilização do vulgarissimo papel químico. Estes cheques, são especialmente concebidos para quem o tempo é dinheiro: Sociedades, Associações, Clubes, etc.

Estes livros de cheques são também ideais para todos os responsáveis por dinheiros de terceiros: administradores, advogados, etc.

Mais ainda, são pagáveis na sede ou em qualquer das agências do banco. Cada livro de cheques de contrôlo automático tem 99 cheques devidamente personalizados, de cada um dos quais se obtem automàticamente o respectivo duplicado exato:

SEM TALÕES A PREENCHER
SEM QUÍMICOS SOLTOS E COM TOTAL IMPOSSIBILIDADE DE ERRO.

Dirija-se ao:

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

TÉCNICOS DE CONTAS

Sob a presidência do sr. Jaime Franco e com os srs. Albino Rodrigues Maneira e Amadeu João Martins a secretariar, reuniu-se no dia 28 de Março, na sede da Associação Comercial de Lisboa, a secção profissional dos Técnicos de Contas do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, para eleição da sua comissão directiva. Foram escolhidos os srs. Alfredo Júlio dos Santos, Carlos Alberto Moreira de Afonseca e José Pereira Lázaro (efectivos), e Alexandre Ascensão Cardoso, Carlos Alberto Afonso Rebelo e Eugénio de Jesus Marques Perdigão (substitutos).

Também no mesmo dia, reuniu-se em assembleia geral esta mesma secção profissional, para apreciação e votação do relatório de 1967-1968, que foi aprovado por unanimidade.

Diário do Porto

Misericórdia de Gaia

Sob a presidência do sr. Zeferino Pedrosa de Almeida, reuniu-se a assembleia geral da Misericórdia de Gaia, durante a qual o provedor, sr. Manuel Moreira de Barros fez uma desenvolvida e judiciosa apreciação da actividade da gerência da benemérita instituição. No que se refere ao hospital, o seu movimento, que se pode considerar notável, falam os seguintes números: consultas, 15 480; análises, 21 107; exames radiográficos, 4283; agentes físicos, 613; electrocardiogramas, 186; transfusões de sangue, 370; doentes internados, 4488; intervenções cirúrgicas, 3167 e nascimentos, 1071.

REVELAÇÕES do presidente do F. C. P.

A direcção do F. C. do Porto reuniu novamente com a Imprensa, numa linha de contactos mensais que tem vindo a ser mantida. Presidiu Afonso Pinto de Magalhães, presidente da direcção da colectividade, que era ladeado pelos drs. Correia da Silva, Fernando Cabral, Miguel Pereira e Mota Freitas, Albano Pedroso, Rodrigues Canedo, Cunha e Silva, Silvio Soares, Júlio Santos e Delfim Ferreira.

Entre os vários assuntos tratados muitos deles já foram noticiados pelo nosso jornal. Em síntese foi dado conhecimento oficial á Imprensa do seguinte:

TREINADORES — Estão estabelecidos contactos com técnicos de basquetebol (americano), andebol (checoslovaco), natação (japonês).

SÓCIOS — No mês de Março entraram 251 e saíram 229, pelo que o número exacto de associados no fim do último mês era de 30 429.

MOVIMETO FINANCEIRO — No mês de Março houve um saldo positivo de 371 contos.

TORNEIO DE FUTEBOL «Taça da Cidade» — Foram estabelecidos contactos com o Munique 1860 para tomar parte no torneio.

DIGRESSÕES — Na primeira quinzena de Junho a equipa principal de futebol vai disputar um jogo a Paris com o Reims e está também a ser estudado um convite da Bélgica para um jogo particular no princípio da próxima época. Uma digressão á América Central é também motivo de negociações.

CICLISMO — Vai ser inaugurada na «Lar do Jogador» uma sala para refeições dos ciclistas.

SECÇÃO DE FUTEBOL — Acerca dos últimos acontecimentos relacionados com esta secção do clube, o sr. Afonso Pinto de Magalhães fez uma detalhada exposição. E falou do inquérito mandado instaurar aos jogadores, das declarações do treinador, das relações entre o técnico e os seus comandados, assuntos que o «Diário de Lisboa» já pormenorizadamente noticiou e confirmados pela voz responsável do presidente do F. C. do Porto. Quanto ao futuro treinador (é certo que Pedroto não continuará no clube logo após terminado o contrato) informou que a direcção está a rodear o assunto com a atenção que as circunstâncias aconselham. Tanto pode ser português como estrangeiro (os treinadores nacionais que poderiam servir ao clube já estão comprometidos) mas tudo leva a crer que não seja nacional.

Foi ventilado o nome de Yustrich mas o famoso técnico brasileiro nunca será contratado — segundo a afirmação de Afonso Pinto de Magalhães — enquanto o actual presidente se mantiver no clube.

Farmácias de serviço esta noite (7.º turno)

ALIANÇA, Rua da Conceição, 2 (Tel. 2-4203) * **BONFIM**, R. do Bonfim, 73 (Tel. 5-2444) * **CARDONA DOS SANTOS**, Rua D. Manuel II, 90 (Tel. 2-7188) * **CORREIA**, Praça Mouzinho de Albuquerque, 77 (Tel. 6-0869) * **COSME**, Rua Costa Cabral, 584 (Tel. 4-7511) * **FERREIRA**, Pr. Afonso V, 55-B (Tel. 68-1975) * **FERREIRA DE CARVALHO**, Rua do Bonjardim, 354 (Tel. 2-7640) * **GOMES FERREIRA**, Rua Faria de Guimarães, 449 (Tel. 41907) * **HENRIQUES**, Pr. da Batalha, 64-64-A (Tel. 2-5173) * **LUSO FRANCESA**, R. Sá da Bandeira, 140 (Tel. 2-6134) * **MORENA**, L. S. Domingos, 44 (Tel. 2-3545) * **PORTO**, Pr. da República, 22 (Tel. 2-0294) * **PRELADA**, Rua C. de Francos, 316 (Tel. 6-43 21) * **S. DINIZ**, Rua de S. Diniz, 428 (Tel. 4-2281) * **CAMPOS**, R. P. Cabral, 943 — Foz (Tel. 68-0118)

Embate de um camião numa furgoneta

SÃO JOÃO DA MADEIRA, 3 — Esta manhã, na estrada Porto-Lisboa, no lugar das Vendas Novas (Lourosa), um camião carregado de cimento, conduzido pelo sr. José das Neves Marques, de 30 anos, casado, residente em Coimbra, embateu numa furgoneta, que ia virar á esquerda, e foi cair num campo que margina a estrada, depois de ter derrubado um muro.

Uma motorizada, que vinha em sentido contrário, tripulada pelo sr. Guilherme Gomes de Oliveira, de 35 anos, casado, do lugar de Ramil, Argoncilhe (Vila da Feira) embatera, por sua vez, na furgoneta.

Do espectacular acidente sairam ligeiramente feridos aqueles dois condutores.

O primeiro, transportado pelos Bombeiros Voluntários de Lourosa, ao hospital desta vila, ali recebeu tratamento, seguindo depois para casa. O segundo, que sofreu ligeiros ferimentos, foi socorrido por um médico no local.

Espectáculos Para hoje

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «A Raposa e as Uvas» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Um homem para Ivy» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «A Túnica» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Gigantes em duelos» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Oliver» (12 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «O Livro da Selva» (6 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O melhor de Bucha e Estica» (6 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «O pequeno banhista» (12 anos)
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «A Palavra» (17 anos)
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Quando digo que te amo!» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Roubo no metropolitano» e «Trânsito em Saigão» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Os dez mandamentos» (12 anos)
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «Os Devassos» (17 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «Presidiário» (17 anos).

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Um homem para Ivy» (12 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «A Túnica» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Gigantes em duelo» (17 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «Desafio das Águias» (17 anos).
BATALHA — Às 5 e 30: «O Livro da Selva» (6 anos)
OLIMPIA — Às 5 e 30: «O melhor de Bucha e Estica» (6 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 5 e 30: «O pequeno banhista» (12 anos)
ESTÚDIO — Às 5 e 30: «A Palavra» (17 anos)
JÚLIO DINIS — Às 15 e 30: «Quando digo que te amo!» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «A Rainha Viking» e «Império do Gado» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 5 e 30: «Os Dez Mandamentos» (12 anos)

MATANÇA DA PÁSCOA

PORTO, 4 — Prosseguiram hoje no Matadouro Municipal e nos matadouros dos concelhos limítrofes as matanças da Páscoa, no meio de grande actividade.

No Matadouro Municipal, o mais importante, foram abatidos só ontem de manhã, 93 bois 21 882 quilos), 79 vitelas (6216), 362 carneiros (2326), 369 cabritos (1485) e 140 suínos (7519).

Atrasos nos comboios

Embora já restabelecida a circulação de comboios entre as estações de Santarém e Vale de Santarém, continuam a verificar-se atrasos nas marchas dos comboios. Assim, continuam a verificar-se atrasos nas marchas dos comboios Assim, o comboio-correio Lisboa - Porto, chegou, esta manhã, á estação de Campanhã com um atraso de uma hora e vinte minutos.

Nas mãos da Polícia autores de diversos furtos

A Polícia Judiciária enviou a tribunal um processo sobre a actividade criminosa exercida por três indivíduos, desde o princípio do ano corrente, nesta cidade, em Barcelos, e em Viana do Castelo.

O esclarecimento dos factos começou com a prisão de Carlos Susano Gouveia, de 20 anos, de Alijó, e residindo, eventualmente, numa pensão nesta cidade. Ele acabou por confessar ser o autor de diversos furtos e indicar os seus conviventes: Joaquim de Azevedo Garcia, de 21, do mesmo concelho, hospedado na mesma pensão, e Mário Magalhães Fonseca, mecânico, de Abrantes, morador aqui, na Avenida da Bovista, os quais também foram presos.

Confessaram os assaltos a estabelecimentos comerciais deta e das outras cidades, onde praticaram furtos de elevado valor. A Polícia apreendeu parte desses roubos.

Supermercados MODELO

CAMPANHA CONTRA OS PREÇOS ELEVADOS

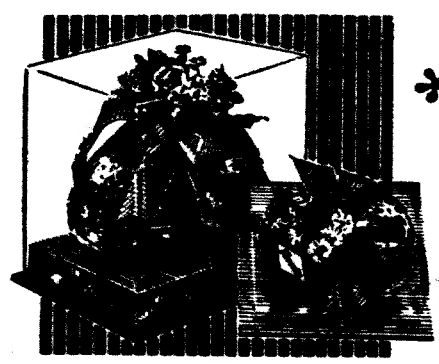
PREÇOS EXCEPCIONAIS VÁLIDOS ATÉ 12 DE ABRIL

SENSACIONAIS OFERTAS DA PÁSCOA

ESPUM. NATURAL «DANCIONEIRO»	só	26$00	EM VEZ DE	34$50
AMÊNDOAS «TIPO FRANCES»	QUILO só	50$00	EM VEZ DE	57$50
AMÊNDOAS «LISA» DORES	QUILO só	32$00	EM VEZ DE	35$00
VINHO DO PORTO «3 VELHOTES»	só	31$50	EM VEZ DE	37$50
FEIJÃO «MANTEIGA ESPECIAL»	só	7$80	EM VEZ DE	9$50
SHAMPOO PALMOLIVE	só	11$60	EM VEZ DE	15$00
NESTUM «4 VARIEDADES»	só	10$00	EM VEZ DE	12$50
CHOCOLATE «SOUVENIR»	230 gr. só	10$70	EM VEZ DE	13$00
QUEIJO LANCHE ERU	450 gr só	12$50	EM VEZ DE	20$00

NOS NOSSOS SUPERMERCADOS O SEU ESCUDO VALE MUITO MAIS

PÁSCOA FELIZ



com ovos de chocolate

Favorita

DE COIMBRA

Menor desaparecido

No dia 25 de Março último, desapareceu de casa da sua mãe, no lugar da Povoa, São Martinho do Bispo, o menor Alberto Fernandes Ribeiro Pimenta de 15 anos. A mãe, sr.ª D. Maria Adelaide Fernandes Pimenta, de 45 anos, casada, comunicou o caso na 2.ª esquadra da P. S. P.. O rapaz é de estatura regular, tem cabelo preto, liso, veste camisola clara, de gola alta, casaco aos quadrados e calças verdes e calça sapatos de cabedal castanho, com fivela ao lado.

Boletins de Sanidade

Na Delegação de Saúde nesta cidade e nas subdelegações nos concelhos do distrito começaram os exames médicos para efeito de passagem de boletins de sanidade, exigidos ao pessoal de hotéis e similares, vendedores ambulantes de bolos e gelados, pessoal de matadouros e talhos, e, ainda, os empregados de preparação e embalagem de frutas e hortaliças, bem como os vendedores destas em estabelecimentos, mercados ou via pública.

Vida religiosa

Na igreja do Carmo celebra-se na segunda-feira, por iniciativa da Ordem Terceira de São Francisco, a tradicional festa do Patriarca São Bento, que inclui missa e comunhão geral, ás 8 horas; a exposição do Santíssimo, a partir das 11; e ás 17, encerramento, precedida de missa solene e sermão pelo rev. Mário Branco, O. F. M.. Na terça-feira, ás 9 horas, será celebrada missa por intensão do Definitório da Ordem Terceira.

— Na Sé Nova, onde ontem, ao fim da tarde, houve ofício de trevas, começaram hoje, ás 9 horas, as solenidades de Quinta-feira Santa, presididas pelo prelado da diocese, haveno ás 17, missa da ceia do Senhor e Lava-pés, comunhão e procissão. DaA-dif onáru shroda

BÊNÇÃO DOS BACALHOEIROS

O Grémio dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau promove no próximo dia 13 — antecedida de missa ás 10 horas nos Jerónimos a tradicional cerimónia da bênção dos navios que vão partir para os bancos da Terra Nova e Gronelândia.

Comemorações do 9 de Abril

Promovida pela comissão administrativa da Liga dos Combatentes, a Agência de Coimbra promove no dia 9 as comemorações do 51.º aniversário da Batalha de La Lys na primeira guerra mundial. O programa inclui missa na igreja de Santa Cruz, ás 11 horas(seguindo-se uma homenagem aos Mortos da Guerra, junto do respectivo monumento, e de romagem ao cemitério da Conchada.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

AVENIDA — Ás 21 e 30: «A ultrapassagem» (17 anos)

TIVOLI — Ás 21 e 30: O rebelde aventureiro» (12 a.)

SOUSA BASTOS — Ás 21 e 30: «Digam lá o que digam» (12 anos).

Farmácias de serviço

SÃO SEBASTIÃO — Rua António Jardim (Tel. 28802).

SILCAR — Rua Ferreira Borges (Tel. 22923).

UNIVERSAL — Praça 8 de Maio (Tel. 23744).

ADRIANA — Praça da República (Tel. 23609).

Foi aprovado definitivamente em reunião da Câmara Municipal o anteprojecto da Avenida Central

Na reunião da Câmara Municipal, sob a presidência do sr. eng.º Araújo Vieira, foram tratados problemas de interesse, incluindo o anteprojecto da Avenida Central. O sr. eng. Azevedo Sobral, vereador do pelouro de Obras apresentou o seu parecer.

Nesse extenso documento, o sr. eng.º Azevedo Sobral, justificou os motivos que o levaram a solicitar a espera de uma semana para apresentar o referido parecer e afirmou que agiu segundo a sua consciência. Analisou, depois, o anteprojecto nas suas diversas facetas. Disse desejarem que a avenida tivesse maior largura e que entendia, que se não podia esquecer a utilização que iam ter os edifícios a construir, justificando a permissão do estacionamento de veículos ligeiros. Outros — acrescentou — discordam das dimensões da praceta a estabelecer na Avenida Fernão de Magalhães e querem-na maior. No entender do orador, haveria vantagem nisso, o que, desde que não implicasse acréscimo, lhe parecia variável. Outros, ainda — como disse — desejariam que a avenida se prolongasse até á beira do rio; compreendia — afirmou — que a avenida ganharia em grandiosidade, o que não pode pôr-se de parte numa obra que implicará com o eixo de interesses da Baixa, mas que a solução preconizada tem, também, grande validade.

Prosseguindo, aquele vereador fez largas considerações á volta do importante problema; e ao referir-se ao plano de arranjo da Baixa, insistiu em que a zona sul da futura avenida não deve ser modificada nas suas linhas gerais e características, o que não significa que se não melhore, pois é possível alindar e higienizar sem destruir.

Disse, depois, o sr. eng.º Azevedo Sobral que discorda da ocupação do Largo de Santa Justa por um auto-silo, pois, por um lado, era pena perder-se aquele espaço aberto e por outro, porque não era uma solução económica, já que se impede a construção de previstos edifícios ao longo da Rua Simões de Castro, obrigando por isso a expropriações caras a sobrecarregar uma construção que deve ser economica. A seu ver, os silos devem ocupar espaços tanto quanto possível interiores de quarteirões, o que era viavel, e a dois passos de Santa Justa, com a vantagem de haver particulares interessados nisso. E manifestou a opinião de que seja válido o anterior projecto aprovado para o referido adro

Manifestou o orador, também, a opinião de que se deve ponderar, no que respeita a movimento rodoviário, no nó da Praça 8 de Maio, pois recela que não se tenha contado com a subida dos veículos da Rua da Sofia para a Rua Nicolau Rui Fernandes.

Quanto á solução apresentada, no que respeita a cotas para a zona fronteira á igreja de Santa Cruz, entende o orador ser necessário um ensaio prévio para que a pensada supressão dos degraus que lhe dão acesso e o consequente rebaixamento da Rua Visconde da Luz não conduzam a um arranjo mais desagradável.

A concluir, o sr. eng.º Azevedo Sobrul disse aprovar as linhas gerais do estudo preliminar, como lhe chama o autor, para solução intermédia, com as ressalvas que constam do seu parecer, por ser essa a que maior grandiosidade pode conduzir, desde que, bem pormenorizada, pois a obra a realizar tem de se impor, uma vez que poderá constituir um marco novo no arranjo urbanístico da parte baixa da cidade.

O sr. eng.º Araújo Vieira agradeceu ao vereador o seu valioso auxílio e esclareceu que o Serviço de Obras estava integrado naquele trabalho, tendo até já fornecido uma cópia ao sr. prof. Costa Lobo.

Em seguida, o anteprojecto da Avenida Central foi aprovado em definitivo.

A Câmara concedeu ainda subsídios a Juntas de Freguesia, e o sr. eng.º Araújo Vieira deu esclarecimentos sobre reparos feitos por um jornal local, informando que se vai fazer o projecto para o arranjo da Praça da República

EXTRAVIO DE LOTARIA

Extraviou-se um sobrescrito (estampilhado) contendo a primeira fracção do bilhete de lotaria n.º 075947—extracção do próximo sábado—, que era dirigido á Casa dos Açores. Os corpos gerentes desta agremiação regional esclarecem que qualquer prémio eventual só a ela poderá ser pago, razão por que pedem (caso tenha sido achada) o envio da fracção para a sua sede á Rua Cecílio de Sousa, 86, 1.º.

SERÁ POSSÍVEL QUE HAJA ALGUÉM QUE AINDA IGNORE QUE

ESTE

É O TIPO DO CÁLICE PRÓPRIO PARA O *VINHO DO PORTO?*

AQUELES QUE O IGNORAM PODEM DIRIGIR-SE A UM ESTABELECIMENTO DA ESPECIALIDADE — QUE SE PREZE DE O SER — E LÁ O ENCONTRARÁ

É SABIDO QUE O CÁLICE PEQUENO PREJUDICA O

VINHO DO PORTO

A BEBIDA DAS PESSOAS DISTINTAS

esta África

e tambem a nossa.

Visite-a!

Inscreva-se nas excursões dos organizadores:

LISBOA

AGÊNCIA DE TURISMO MOÇAMBIQUE
Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 9
Telef. 4 71 15/6 - 53 58 13

E. PINTO BASTO & C.ª, LDA.
Praça Duque da Terceira, 20-26
Telef. 36 15 81 - 36 86 59

SOC. COMERCIAL GARLAND, LAIDLEY, S.A.R.L.
Rua do Cais do Sodré, 24
Telef. 3 31 91/5 - 32 04 41/5

SOC. COMERCIAL GREY, ANTUNES & C.ª, LDA.
Praça Duque da Terceira, 4
Telef. 32 22 71 - 3 32 55 - 36 93 46

PORTO

GREY & BARROS LEITE, LDA.
Rua Infante D. Henrique, 83-1.º
Telef. 2 89 06 - 3 30 50

TAIT & C.ª, LDA.
Rua Infante D. Henrique, 19
Telef. 2 10 07 - 2 72 96

ou na sua Agencia de Viagens

ECOS

TALVEZ não sejam muitos ainda entre nós os que conhecem já relativamente bem o funcionamento de um computador, como o que, por exemplo, a firma inglesa J. Lyons and Company adquiriu para as suas instalações e que é o fruto de seis anos de sucessivos aperfeiçoamentos. Esse computador, que ocupa uma sala especialmente concebida para ele, tem uma potência de consumo da ordem dos trinta quilovátios e pode receber 2048 ordens ou instruções, cumprindo variadas tarefas.

Segundo informa L. Landon Goodman, no seu rigoroso e interessantíssimo estudo «O Homem e a Automação», traduzido há pouco tempo para português, uma operação de grande valor prático é o novo método da requisição para 250 artigos adaptado por 150 casas de chá da área de Londres. Dantes eram as empregadas que preenchiam o maço das requisições, constituindo o primeiro exemplar a guia de remessa. A introdução do computador permite à sua encarregada fazer apenas uma estimativa semanal, que deve ser periòdicamente revista. O computador traz consigo as vantagens de fornecer dados de carácter estatístico e de evitar horas de trabalho extraordinário. Durante o máximo de duas horas por dia dez raparigas recebem chamadas telefónicas das encarregadas das várias casas — todos os dias à mesma hora. A encarregada do computador faz então os ajustamentos necessários para o dia seguinte. Essa indicação é perfurada pelas raparigas e introduzida no computador em bloco. O computador, ao receber as variações diárias, procede aos ajustamentos adequados na requisição semanal. Estas operações estão intimamente ligadas ao método de fabricação e de embalagem da mercadoria durante a noite, para entrega no dia seguinte.

TALVEZ nunca nos encontremos totalmente com os seres com quem convivemos, mas apenas com uma parte deles. Isso não obsta, entretanto, a que possamos desejar a totalidade. Por isso são tão fortes e belas — estejam certas ou erradas, quanto à sua direcção filosófica — estas palavras pronunciadas por Henri Lefebure num dos Encontros Internacionais de Genebra: «Sempre me fez sofrer o sentimento de limitação. Mutilação da vida: não ter esgotado todas as virtualidades, não poder viver a vida completamente, sob todos os aspectos, não poder conhecer ao mesmo tempo as alegrias do corpo, as alegrias do espírito, as alegrias do amor e as alegrias do pensamento. Todas as vezes que tive o sentimento da limitação senti uma revolta profunda.

*

NÃO será de mais tornar a sublinhar aqui a extrema importância da questão da protecção á velhice, tão descuidada no nosso País e que ainda recentemente foi levantada, de modo enérgico e digno, em aviso prévio na Assembleia Nacional, pelo dr. Agostinho Cardoso. Propôs este deputado madeirense a imediata criação de uma «Comissão de Problemas da Velhice», susceptível de levar a efeito os estudos e inquéritos necessários para a radical transformação de uma situação como é a presente, em que existem em Portugal apenas 258 estabelecimentos (13 deles estaduais) para internamento de pessoas de idade, o que cobre tão-só 2 por cento dos velhos da nossa terra. Não nos alongaremos em descrições de horror ou incitamento á piedade, para o que não faltariam exemplos. Mas o caso não é para literatura nem para especulações fáceis: é um caso de consciência, dever e urgência.

Aí está ela, a lista telefónica, a sair, aparada, cortada, pronta para a distribuição

Muitas pessoas ignoram que podem ganhar 2000 contos!

Pessoas de condição mais modesta, as remediadas e, até, as que fruem larga abastança, irão viver depois de amanhã, ao fim da tarde, a emoção forte do destino da «taluda» da Páscoa que, no bilhete inteiro, é de 15 mil contos. E tamanho prémio é dinheiro, muito dinheiro, mesmo nos tempos correntes. Dará para satisfazer quimeras sonhadas, e ambições recalcadas. No sorteio, em boa verdade, entram 14 333 prémios, mas — perdulàriamente —, quem se preocupa, até á consulta da lista, em saber das restantes, mesmo quando o imediato á sorte grande é de 2000 contos? — O leitor sabia?

Pois, para que se possa ajuizar da maneira em que serão repartidos os 28 350 contos de prémios, aqui lhe damos um rápido resumo do plano respectivo. Além dos 1.º e 2.º prémios, o 3.º é de 250 contos e serão ainda extraídos mais 2 de quarenta contos, cada um. Cada uma das aproximações da «taluda» é de 11 750 escudos e, aos grupos de três últimos algarismos—a formar para o efeito —, serão atribuídos 1000 prémios de um conto e quinhentos. Aos dois algarismos finais, 3000 prémios de um conto; às centenas, 297 de igual quantia; e, finalmente, 9999 prémios de terminação ao algarismo final do número da sorte grande.

Isto significa que, para muitos dos que tentaram obter os 15 milhões da «taluda», ainda há inúmeras probabilidades de recuperarem (e com juros), o dinheiro gasto.

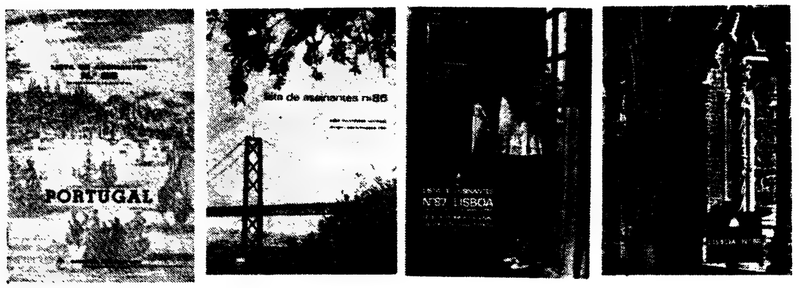
Quem não se tenta a ser multimilionário, depois de amanhã?

LISTA TELEFÓNICA: NASCIMENTO, VIDA E MORTE — 1

DEZASSEIS MIL KM DE PAPEL E 1012500000000 ALGARISMOS...

Entrou agora em vigor uma nova lista telefónica de Lisboa — a lista 88, com 960 páginas e uma tiragem de 435 000 exemplares. Nela se gastaram nove mil toneladas de papel e os seus cinco milhões e meio de folhas estendidas ao comprimento ocupariam cerca de 16 mil quilómetros — ou seja: cerca de trinta vezes o comprimento máximo de Portugal, que é de 561 quilómetros desde o rio Minho, em Chaviães, até Albufeira.

Durante um ano (pelo menos) este será o volume mais consultado por lisboetas e forasteiros — e as suas páginas ir-se-ão consumindo até acabarem servindo novamente para fabricar pasta de papel, acender o lume ou embrulhar castanhas e amendoins. Pois aqui se fala da lista, e também, já agora, dos telefones, revelando aos leitores alguns factos e algumas curiosidades que decerto lhe interessarão.



Estas são as capas das últimas quatro edições da lista de assinantes de Lisboa

Publicações de listas Telefónicas, S. A. R. L., é uma sociedade anónima ligada á Celsa (com sede no Panamá), e ao grupo de que ele faz parte, e que além de em Portugal edita listas telefónicas na Holanda, no Brasil e na Argentina. As suas actividades começaram no nosso país em 1959 e as primeiras listas que editaram, de Lisboa e Porto, de assinantes e classificada, foram referentes ao ano de 1960-1961, enquanto em 1967-1968 passaram a editar também, além daquelas, a classificada dos C.T.T.

Anteriormente as listas eram publicadas pela própria A. P. T. Ao fazer-se a mudança para as Publicações Listas Telefónicas, estas começaram a ser organizadas de acordo com as normas de catalogação universal (o que antes não acontecia).

— O negócio de listas telefónicas — diz-nos um administrador das Publicações — é de tal forma especializado que não se compadece com acumulações. Quer dizer: é impossível tratar dos telefones e das listas ao mesmo tempo. No Brasil editamos listas já há 23 anos, que nos dá uma grande experiência.

Na Argentina, por sua vez, organizamos seis listas as classificadas por especialidades; espécies de guias do comprador — da industria de construção, da química, metalurgica, etc.

Onde nós vamos telefónicamente. Quem diria há um século atrás...

● **1012500000000 algarismos...**

A primeira lista telefónica de Lisboa tinha uma página com 19 nomes. Aquela que entra agora em vigor tem 880 páginas com cerca de 375 mil numeros — isto é: numeros de assinantes. Porque algarismos, eles serão nada mais, nada menos, num cálculo relativamente aproximado, do que dois milhões e 250 mil. Tantos algarismos numa tiragem de 450 mil exemplares perfazem nada mais, nada menos do que

(Continua na 20.ª página)

Torre de Babel

por João Medina

OS BONS SENTIMENTOS

Uma manifestação recente diante da Embaixada do Canadá na Avenida Montaigne, em Paris, veio provar uma vez mais que, ao contrário do que afirmam os espíritos simplistas, a França não é apenas o país do camembert das esferográficas, da alta costura e do «Discurso do Método» (ao qual o célebre Papon adicionou um nada despiciendo «Novo Discurso do Método», proeza que lhe valeu ser transferido das forças de polícia para a direcção de uma importante companhia aérea). Não, a França não se reduz aos nomes de Descartes, Courrèges, Molière, Luís XIV, Homais e Trenet, a doce terra paulesa não se condensa na mera exportação de queijos, manuais escolares, espumantes e literatura de vanguarda. A França pátria de Voltaire e do p.e Grégoire, exporta também (e sobretudo) bons sentimentos.

Bons sentimentos? Não dizia Gide que não basta ter bons sentimentos para com eles fazer boa literatura? Talvez. Mas muitas mais coisas há neste mundo além da literatura, de modo que o lugar dos bons sentimentos continua a ser, como sempre, proeminente. O que se passou diante da Embaixada do Canadá, na Avenida Montaigne (em vão se procurará um elo entre a legação e o nome girondino da artéria onde aquela se situa), bem precisamente provar até que ponto os bons sentimentos ainda têm adeptos e, uma vez por outra, paladinos à altura do Galaaz da lenda. Um deles, tomado de um excelente sentimento chamado indignação, decidiu mesmo bater-se pela causa que elegeu como justa entre as causas justas (haverá muitas causas que mereçam esse adjectivo?), jejuando com furor. Ora a chamada «greve da fome» parece ter nas sociedades opulentas e produtivistas uma aura de martírio e de raridade que faz delas uma forma particularmente eficaz de protesto. Diante de um mundo que vive para se alimentar, para atulhar a büzera, o adepto da greve da fome entra em colisão herética com os imperativos hiper-hedonistas e glutões da sociedade industrial: recusando-se a comer, o adepto do jejum não se limita a recusar os mercantilistas valores digestivos da civilização ocidental, — blasfema. O que terá levado então o sr. Georges Krassovski (assim se chama o francês em questão) a adoptar uma forma tão estridente de protesto? A guerra do Biafra? Os ventres inchados das crianças subnutridas do Biafra e de outras regiões subdesenvolvidas do mundo? O conflito mortífero do Vietnam? A ameaça nuclear? O cancro provocado pela poluição da atmosfera? O problema da intoxicação tabágica?

Não. O sr. Georges decidiu começar uma greve da fome para protestar contra as condições da caça aos bebés focas. Mas antes de romper com o «bifteck» (é assim que os franceses ortografam a palavra), com o molho bechamel, os cogumelos e as trufas de Paris, o excelente sr. Georges chefiou uma turma de pessoas indignadas que se deslocaram à Avenida Montaigne para ali gritarem à legação canadiana uma imensa e pungente consternação diante da maneira como os caçadores hiperbóreos usam para se apoderarem das peles das pobres crias pinípedes. E isto porque tinham lido no «Match» uma reportagem com pormenores horrorosos sobre o massacre dos bebés focas no início da Primavera. Documentando-se com fotos a cor, o dito semanário publicou efectivamente no começo deste ano um treno que fez soluçar a França inteira: as foquinhas de tenra idade eram esfoladas semi-vivas. E isto em pleno século da cibernética, das embalagens perdidas e dos voos cósmicos!... Daí a indignação do sr. Georges Krassovski e de outros não menos virtuosos cidadãos desta terra. Daí também o protesto, o cortejo fúnebre diante da Embaixada do tredo Canadá, a petição, o olho humido dos romeiros, o estômago vazio do puro e caritativo sr. Georges. Daí que neste momento toda a França suspire e se comova e se interrogue sobre a desdita das miseras e mesquinhas focas que, quiçá neste vero momento, estejam a ser massacradas nas plagas de neve para as bandas do Ártico.

A indignação é um belo sentimento, um sentimento com moldura e gola alta, um sentimento seleto, delicado e forte, um harpejo que só as belas almas sabem gemer. Mas do mesmo modo que o amor de que falam as canções de Sylvie Vartan não é positivamente o mesmo que os sonetos de Shakespeare exalam, assim também a tão casta indignação do sr. Georges não deve ser confundida com outras formas homónimas da cólera, da revolta justa dos homens justos diante das prepotências, das injustiças, da opressão e da miséria de largos sectores da humanidade actual. Como confundir, com efeito, o ventre inchado de um bebé do Biafra ou o ventre fofo e peludo de uma foca do Canadá? Creio bem que só uma forte miopia moral pode levar certos cuidados virtuosos a indignarem-se com os mosquitos, deixando passar os dromedários dos agravos fundamentais do homem. Mas evitemos cair na ratoeira da indignação despropositada e ouçamos antes o conselho subtil de uma mulher do galante séc. XVIII; digamos como madame du Deffand, quando cruzarmos com os srs. Georges deste mundo: «On hausse les épaules, on plaint la faiblesse d'esprit et l'on passe.»

Estrasburgo, Abril de 1969

Não há limitações de velocidade na Páscoa mas alertam-se os condutores

Ao contrário do que vinha a acontecer nestas alturas, o Ministério das Comunicações não determinou qualquer limite de velocidade para o período da Páscoa. No entanto, e de acordo com estudos que decorrem na Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, esta época, pelo excepcional volume de tráfego que a caracteriza, exige que o mesmo seja sujeito a análise.

Efectivamente, os numeros referentes a igual época do ano passado são significativos: 23 acidentes, dois mortos e 27 feridos por dia, o que dá um acidente de hora a hora, um morto de duas em duas e mais de um ferido por hora.

Assim, embora não fixe limites de velocidade, o Ministério das Comunicações alerta os condutores para a obrigação do escrupuloso respeito das regras que norteiam uma condução segura e responsável.

UM INVENTO QUE PODERÁ «REVOLUCIONAR» A COSTURA

MILÃO, 3 — (F. P.) — A invenção de um milanês vai revolucionar provàvelmente a costura: trata-se de um botão que não necessita de agulha nem linha para ficar preso ao fato.

Dois anos e meio de estudos permitiram a Marsilio Camporese criar o «loxk-fix», registado sob o nome de «dispositivo para pregar automàticamente os botões». Este sistema comporta duas partes: uma, terminada por uma ponta metálica, enfia-se no tecido enquanto a outra parte, ou seja o botão propriamente dito, se fixa automàticamente na ponta em questão. Segundo o inventor, o novo botão poderá suportar uma força de 80 quilos.

LINHOS
BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO
LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ
LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA TERCEIROS
O MAIOR SORTIDO DE LISBOA
CASA DOS PANOS
R. DE S. JULIÃO-ESQUINA DA RUA DOS FANQUEIROS

RELÓGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CASINO ESTORIL
Amanhã, devido à solenidade do dia, estão encerrados todos os serviços do Casino Estoril.

PODEM SER SEUS OS
15 MILHÕES DA PASCOA
À VENDA NA
CASA DA SORTE
A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

CHOCOLATES TAGUS
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

O GRÉMIO LISBONENSE DISTRIBUIU UM BODO
Cem famílias pobres de Lisboa foram esta manhã contempladas com um bodo constituído por generos alimentícios.
A distribuição beneficente, que se efectuou na sede daquele organismo, assistiram os respectivos dirigentes, srs. António Regogo Rodrigues, Rudolfo Ramos, Fernando Peres Pereira, coronel Lusio de Campos Martins e Alberto Carlos Portela.
O bodo foi motivado pela quadra festiva da Páscoa.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Se a moda feminina vem de Paris, é Londres quem marca a elegância do homem do nosso tempo. Pelo menos, assim o sereditam os «rapazes bem vestidos», os «homens chiques» e as «pessoas de hábitos petrónicos». Vestir á inglesa é estar na moda e, cada vez mais, preocupação dos tempos que vão correndo. Como dizem os grandes alfaiates de Londres: «É na filha que o Continente se veste, quando quer andar bem-vestido»

VOTO DE PESAR pela morte de «Ike»

A comissão central administrativa da Liga dos Combatentes deliberou, na sua ultima reunião, exarar em acta um voto de profundo pesar «pelo falecimento do general Dwight David Eisenhower, que foi presidente dos Estados Unidos da América». Deste voto foi dado conhecimento ao embaixador daquele país em Lisboa e ao adido militar, com o pedido de, por sua vez, o transmitir á «American Legion».

Actualidade internacional

PODGORNY VISITA MARROCOS

RABAT, 3 — (F. P.) — O presidente Podgorny prolongará por mais um dia a sua visita oficial a Marrocos, a pedido do rei Hassan II, a fim de permitir novas entrevistas entre os dois chefes de Estado — anuncia-se de boa fonte.

O presidente do Soviete Supremo da U. R. S. S. deixará Marrocos na segunda-feira, em vez de domingo.

As primeiras conversações começaram por uma entrevista entre os dois homens de Estado e foram depois, alargadas a vários ministros marroquinos e membros da delegação soviética.

Atacados no delta do Mekong barcos de patrulha dos Estados Unidos

SAIGÃO, 3 — (R.) — Artilheiros do Vietcong bombardearam a noite passada barcos norte-americanos de patrulha fluvial no delta do Mekong, matando um marinheiro e ferindo mais 13 — segundo anunciou hoje um informador militar.

Os barcos escoltavam unidades de infantaria em patrulha perto de Mo Cay, a cerca de 80 quilómetros ao sul de Saigão, quando foram atacados por intenso fogo de foguetões e de armas automáticas feito da margem.

Os barcos ripostaram, matando pelo menos um guerrilheiro, antes da infantaria e das unidades de escolta continuarem a sua patrulha.

Por outro lado, o Vietcong bombardeou, durante a noite, cerca de dez instalações militares em todo o Vietnam do Sul, mas o informador disse que as baixas e os estragos causados foram ligeiros.

Os alvos atingidos incluíram a gigantesca base aérea de Long Binh, a 15 quilómetros ao norte de Saigão, que foi atacada por cerca de 20 descargas de fogo de foguetões.

Dois batalhões aerotransportados sul-vietnamianos foram atacados com foguetões e por terra pelos guerrilheiros na província de Tay Ninh, perto da fronteira cambodjana.

Um informador militar sul-vietnamiano disse que foram mortos dez «vietcongs» quando tentaram atacar pára-quedistas acampados a sudoeste da cidade de Tay Ninh. Os soldados apenas sofreram «baixas ligeiras».

O segundo ataque ocorreu a sueste da cidade de Tay Ninh, perto de Cau Khoi. Os atacantes foram repelidos com intensa fogo de artilharia e com a acção de helicópteros armados.

A Polícia britânica entrou em acção no bairro londrino de Upton Park, logo após os distúrbios verificados no decorrer do jogo de futebol entre o West Ham (o grupo local) e o Manchester United. Na fotografia, polícias revistam dois indivíduos. Vinte e uma pessoas foram levadas a tribunal — por porte ilegal de armas, obscenidade de linguagem e desobediência á autoridade

Cinquenta e um mortos num desastre aéreo próximo de Cracóvia

VARSÓVIA, 3 — (F. P.) — Um avião da companhia polaca «Lot» despenhou-se ontem á tarde perto de Cracóvia, tendo morrido todos os 46 passageiros e os 6 tripulantes. O aparelho, um AN-24 de fabrico soviético, vonva de Varsóvia para Cracóvia.

Não se possuem elementos acerca do desastre, que está a ser investigado por uma comissão do Ministério dos Transportes, mas julga-se que, foi provávelmente o nevoeiro a causa da catástrofe.

O avião AN-24 da companhia «Lot», que tinha descolado de Varsóvia, ás 15 e 20 devia aterrar em Cracóvia 55 minutos depois. Espessa nebilina, porém, adensava-se sobre a cidade e, ao fazer um largo desvio a altura insuficiente, o piloto parece ter embatido no cume de uma montanha de 1369 metros de altura, situada a uns 60 quilómetros ao sul de Cracóvia

A neve que cobria as vertentes da montanha, chegando e atingir metro e meio de espessura, bem como a bruma opaca que envolvia a região prejudicaram consideràvelmente os esforços das equipas de socorro que só cerca das 20 horas atingiram o local da catástrofe. Verificou-se depois que não havia nenhum sobrevivente.

Está em curso um inquérito dirigido por Syanislaw Mroczek, vice-ministro dos Transportes.

Cientistas esperançados na obtenção da pílula antiobesidade

LONDRES, 3 — (R.) — As pessoas gordas, não precisam, no futuro, de ficar desesperadas. Em vez de ficarem sujeitas a dietas de fome e a exercícios durante toda a vida poderão simplesmente tomar um comprimido, após cada refeição.

Cientistas britanicos julgam que a cura da obesidade reside num método de «eliminar» calorias em excesso. Estão a fazer experiências para encontrar um comprimido que transforme uma refeição farta em comida simples e frugal.

Após lerem um relatório publicado esta semana pela Repartição de Economia Sanitária da Grã-Bretanha grande numero de gordos deve esperar que os cientistas apareçam em breve com a pilula adequada.

O relatório da Repartição afirma que ter 4.5 quilos de gordura em excesso é mais mortifero do que fumar 25 cigarros por dia.

As pessoas gordas estão mais sujeitas a dores nas costas, varizes, hernias, atrites, trombose coronária, doenças cardiacas e diabetes.

A organização é patrocinada pela industria dos medicamentos da Grã-Bretanha.

O documento diz que as pessoas gordas estão mais sujeitas a desastres porque são mais lentas a andar.

Não é de admirar que uma pessoa descubra que, longe de serem «gordos e felizes», a maioria dos obesos tenha «um temperamento ansioso».

Pode ser de pequena consolação que os cientistas tenham apurado que a gordura, é frequentemente um defeito metabólico e não uma consequência do pecado da gula.

Enquanto os magros, felizes, nascem com uma acção biológica que elimina automàticamente as calorias em excesso, os gordos necessitam de auxilio exterior.

Uma equipa de cientistas do Queen Elizabeth college, de Londres, descobriu que as anfetaminas, largamente utilizadas como «comprimidos para emagrecer» actualmente, não fazem qualquer efeito. «Pressões externas» acabam com demasiada frequência com a determinação inicial do doente de fazer dieta.

Os cientistas estão a experimentar vários tipos de drogas que revelem efeitos de «eliminação», esperando que uma delas seja a resposta para um em cinco ingleses que, segundo afirma a Repartição de Economia Sanitária, é «clinicamente obeso».

NOVO ACADÉMICO BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO, 3 — (A. N. I.) — Ao primeiro escrutínio, o romancista Ciro dos Anjos foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, onde substituirá o poeta Manuel Bandeira

O autor de «O amanuense Belmiro» recebeu 21 votos, contra 14 para o poeta Ledo Ivo e dois para o marechal Estêvão Leitão de Carvalho. O embaixador Renato Mendonça e o polígrafo Arnaldo Santiago não tiveram votos.

Sociedade «ESTORIL»

SERVIÇO ESPECIAL PARA O ESTADIO NACIONAL

Portugal-México, em Futebol

6 de Abril de 1969

Partidas de Cais do Sodré das 14.40 às 16.29 h., e da estação do Estádio desde o fim do encontro.

Os comboios n.os 2104, 2106 e 2108 que partem de Cascais, respectivamente, às 14.40, 15.10 e 16.10, têm paragem em Cruz Quebrada para desembarque de passageiros

AINDA NÃO FOI LIBERTADO UM DOS IATES APRESADOS PELA CHINA

HONG-KONG, 3 — (R.) — Dois dos três iates apresados pela China há cerca de dois meses entraram hoje em águas de Hong-Kong, com 13 pessoas a bordo.

Os dois barcos, o «Reverie» e o «Uin-Na-Mara», foram apresados juntamente com o «Morasum» por vedetas chinesas, em 16 de Fevereiro, quando navegavam entre Hong-Kong e a província portuguesa de Macau durante um cruzeiro por ocasião do ano novo chinês.

Um funcionário do serviço de informações do Governo disse, que nada se sabe ainda acerca do «Morasum» e dos dois americanos que se encontravam a bordo, quando o iate foi apresado.

Os chineses retêm ainda dois norte-americanos e o «Morasum».

O Governo de Hong-Kong não tinha conhecimento da razão porque o «Morasum» se encontrava ainda retido, mas notícias que circularam após o apresamento dos iates diziam que esse barco tinha a bordo equipamento electrónico altamente aperfeiçoado.

MAL RECEBIDAS PELO PATRONATO AS MEDIDAS DE ESTABILIZAÇÃO ECONÓMICA A TOMAR PELO GOVERNO ALEMÃO

Por ROLAND DELCOUR

BONN, ABRIL — Não foi preciso mais de um ano para a República Federal passar duma situação de «recessão» para uma situação de «sobreaquecimento».

Enquanto o primeiro gesto do governo da grande coligação Kiesinger-Brandt fora atacar a recessão em que a Alemanha Federal caíra desde o início de 1966 e abrir para esse efeito completamente a torneira dos créditos públicos, o mesmo governo pretende agora tomar novas medidas de estabilização que recordem a política de luta contra o sobreaquecimento inaugurada pelo governo Erhard, depois das eleições de Setembro de 1955.

Enquanto no fim do ano passado o governo se limitava a avaliar a eficácia das injecções de créditos operadas em 1967 (2,5 biliões de marcos em Fevereiro de 1967, e depois 5,3 biliões de marcos em Julho do mesmo ano), bruscamente, no meio do ano de 1968, a temperatura subiu no barómetro do Ministério da Economia, a tal ponto que era de recear novo sobreaquecimento. Subitamente o tandem Schiller-Strauss procura fazer uma travagem do aumento das despesas publicas e impor indirectamente uma diminuição do crédito em geral a toda a economia alemã; para pesar sobre os preços será prosseguida a política de favorecer as importações.

Pelas informações que o jornal «Bonner Rundschau», próximo do Partido Cristão-Democrata, e o «Frankfurter Allgemeine», próximo dos meios de negócios, se encarregaram de espalhar, o ministro da Economia (social democrata), professor Schiller, e o seu colega cristão-democrata, Franz Josef Strauss, entendem reduzir as despesas orçamentais para o ano corrente em 1,57 biliões de marcos, despesas que teriam sido de facto cobertas por empréstimo. Os dois capítulos mais afectados seriam a defesa (600 milhões de marcos de economias) e as comunicações (365 milhões de marcos).

Por outro lado, os esperados aumentos de receitas fiscais, ou sejam dezassete milhões de marcos, serão consagrados a reduzir as dívidas do Estado federal. Por fim, cerca de 20 milhões de marcos de créditos de modernização ainda não utilizados seriam «congelados». Estas medidas, segundo o Bonner Rundeschau, teriam um alcance limitado no tempo (seis meses), mas este ponto ainda não foi confirmado.

Por que razões os dois ministros da Economia e das Finanças alemães mudam tão subitamente a espingarda de ombro? Parece que os móveis sociais terão desempenhado um papel determinante na sua decisão. O aumento de preços, muito nítido desde o começo do ano de 1969, alarma visìvelmente o governo federal.

O CLIMA DOS PREÇOS EM GERAL

Os aumentos de preços efectuados (1) em certos sectores particulares no decorrer de 1968 (anunciarão os dois ministros na sua exposição dos motivos) não devem exercer uma influência determinante no *«clima dos preços em geral»*. O programa de restrições proposto ao parlamento deve impedir que sejam aplicados aumentos de preços numa vasta frente e provoquem por sua vez reivindicações excessivas de salários.

Schiller e Strauss conferenciaram na quinta-feira passada com o conselho central do banco federal e parece que as medidas tomadas o serão de acordo com os bancos alemães cuja associação publicou na terça-feira passada um relatório alarmante sobre o custo crescente dos encargos salariais.

Em contrapartida, o patronato pensa que as medidas governamentais são francamente prematuras. Num esclarecimento publicado na segunda-feira, a Associação da Indústria Alemã (B. D. I.) afirma que o nível dos preços industriais permaneceu estável. Chama também a atenção do Governo para a pressão em aumento da concorrência internacional, ainda agravada com as medidas de taxação das importações tomadas no fim do ano passado, no momento da crise monetária de Novembro. Schiller e Strauss, desta vez, só trarão felicidade.

(1) Se os aumentos de preços não ultrapassaram 1 % em 1968, em geral, atingiram percentagens muito mais elevadas em certos ramos como os serviços, em consequência da introdução da T. V. A., e nas rendas de casa, devido á supressão da bloqueio das rendas das velhas casas em muitas das grandes cidades. Lauritzen, ministro do alojamento, anunciou recentemente o aumento das rendas em 6 % por ano no decorrer dos últimos anos.

(Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»)

Desvaneceram-se as esperanças que Ankrah acalentava de se tornar presidente

ACRA, 3 — (R.) — A demissão do chefe de Estado do Ghana, tenente-general Joseph A. Ankrah, foi um choque profundo para os habitantes desta capital.

A confissão de Ankrah que recebera dinheiro de uma firma estrangeira para financiar a sua campanha eleitoral contrastava com o tema comum de muitos dos seus discursos, condenando o suborbo e a corrupção de pessoas desempenhando cargos publicos.

A sua demissão foi anunciada ontem pelo Conselho de Libertação Nacional do país, que elegeu por unanimidade o brigadeiro A. A. Afrifa, comissário para as finanças, como novo chefe do Estado.

A figura que esteve na base da deposição do general, é a do general Francis Arthur Nzeribe, o homem que dirigiu sondagens á opinião publica que indicavam Ankrah como a personalidade com maior apoio popular para se tornar presidente sob um regime civil.

Os observadores concordam que o general Ankrah não pode agora acalentar qualquer esperança de se tornar presidente.

Um alto funcionário do Governo afirmou a noite passada que não está prevista qualquer acção contra o general, que passará simplesmente á situação de reforma, após três anos como dirigente do seu país.

Ankrah tornou-se presidente após a deposição de Kwame Nkrumah em Fevereiro de 1966.

O mesmo funcionário disse ainda que, do mesmo modo, não seriam tomadas medidas contra Nzeribe ou contra as firmas que contribuíram com dinheiro. Os nomes das firmas permanecerão secretos para proteger os seus interesses comerciais.

O brigadeiro Afrifa, de 33 anos, torna-se o segundo chefe de Estado mais jovem. O primeiro é Etienne Eyadema, do vizinho Togo.

O general Ankrah

O general Afrifa — um militar brilhante e um tribuno hábil

PARIS, 3 — (F. P.) — O general Akwasi Amankwa Afrifa, que foi designado pelo Conselho Nacional de Libertação do Ghana para substituir na chefia do Estado o general Joseph Tnkrah, é um militar brilhante, antigo aluno da Academia Militar de Sandhurst, donde saiu em 1960.

Com 32 anos, o general Afrifa é um homem magro, elegante e enérgico. Tem o gosto da ordem e do rigor e é também um tribuno hábil e um democrata.

Depois de ter terminado a sua formação militar na Inglaterra, combateu por duas vezes no Corpo Expedicionário do Ghana enviado ao Congo (Kinshasa).

A sua entrada na política deu-se com o golpe de Estado de 24 de Fevereiro de 1966, que derrubou o regime do presidente N'Krumah, em que tomou parte activa. Foi então promovido a coronel e nomeado membro do Conselho Nacional de Libertação. Em 1 de Julho de 1967, tomou conta da pasta das Finanças numa altura particularmente difícil, em que o Ghana possuía uma dívida de perto de 400 milhões de libras esterlinas.

Liselotte Pauli, de 18 anos de idade, foi eleita «Miss Suiça 1969», num concurso de beleza realizado em Berna. A iniciativa deveu-se ao jornal «Blick» e perante o juri desfilaram representantes de todas as regiões do país. Liselotte é morena e as suas medidas «vitais» são 93-59-83

UM ANO APÓS A MORTE DE LUTHER KING

NOVA YORK, 3 — (F. P.) — Faz amanhã, 4 de Abril, um ano que o pastor Martin Luther King, Prémio Nobel da Paz em 1964, foi assassinado em Memphis.

Com o rev. King, desapareceu da cena não só o «Gandhi» americano, o apóstolo da não-violência escutado e respeitado pela maior parte dos seus irmãos de cor mas ainda o unico politico negro americano cuja palavra tinha audiência internacional e o unico interlocutor negro que alguma vez conseguiu levar os brancos da América a entrarem em acordo com ele.

O seu sucessor, o pastor Ralph Abernathy, seu amigo de sempre, assumiu a direcção da Southern Christian Leadership Conference. Doze meses depois, porém, Martin Luther King continua sem ter quem o substitua. O vazio que deixou não foi ainda preenchido.

Apesar da sua evidente boa vontade, o rev. Abernathy não conseguiu até agora convencer as multidões negras de que é ele o chefe capaz de os fazer esquecer aquele que perderam há um ano. Pode mesmo dizer-se que o Pastor Abernathy vê-se em dificuldade para rivalizar com a viuva do Prémio Nobel, a sr.ª Coreta King, que tem revelado qualidades excepcionais, desenvolvendo tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro uma intensa actividade.

Neste principio de Primavera quando todos começam a perguntar, como habitualmente, qual será o cortejo de desordens raciais que os calores estivais trarão, pode prever-se com efeito que a posição de cada um dos dirigentes negros irá precisar-se num futuro próximo, resolvendo-se assim o problema da sucessão do pastor King, num sentido ainda imprevisivel.

Suposto plano para dinamitar lojas de Manhattan

NOVA YORK, 3 — (A. N. I.) — A Polícia de Nova York descobriu planos para dinamitar cinco das principais lojas de Manhattan, nas vésperas da Páscoa — anunciou o «attorney» do distrito de Manhattan, Frank Hogan, acrescentando que foram detidos onze de 21 suspeitos, filiados no partido das Panteras Negras.

Hogan declarou ainda que os ataques se destinavam «a destruir a estrutura do poder da comunidade branca».

Diversos outros locais deviam ser também dinamitados e as explosões seriam coordenadas com tirotelo. Julga-se que a data marcada para a ofensiva em o dia de hoje.

NOVO «BIKINI»

HAMBURGO, 3 — (F. P.). — Vai ser posto á venda um «bikini» para bronzeamento completo. Este sensacional fato de banho permitirá as suas possuidoras bronzearem-se por igual em todo o corpo sem terem de se despir completamente. O tecido está impregnado de um produto especial preparado por uma firma austriaca que o torna permeável aos raios ultravioletas. Os resultados obtidos com os manequins-cobaias foram concludentes: nem uma polegada de pele fica mais branca.

Um só inconveniente: é desaconselhável tomar banho com este «bikini» pois, uma vez mergulhado, torna-se completamente transparente.

MÁQUINA QUE DECUPLICA AS FORÇAS DE UM HOMEM

SCHNECTADY (Estado de Nova York), 3 — (F. P.) — Uma máquina que parece ter saído de algum romance de ficção científica, espécie de monstruoso cavalo mecanico com três metros de altura e o peso de 1300 quilos, tendo quatro patas articuladas e decuplicando as forças do homem que a monta e comanda, foi apresentada ao publico pelo seu inventor, Ralph Mosher, engenheiro da companhia General Electric.

Encomendado há três anos pelo Exército norte-americano, por um milhão de dólares, o protótipo do aparelho, denominado «CAM» (Cybernetic Antropomorphous Machine), foi agora experimentado com êxito.

Construido de aluminio, com base num complicado sistema de roldanas e de alavancas que accionam os seus «musculos» hidráulicos, o «CAM» dispõe de uma cabina de comando para o «cavaleiro». Este senta-se, com os pés presos a pedais e as mãos pousadas em alavancas, o que lhe permite manejar simultaneamente as quatro patas da máquina, transmitindo-lhe os impulsos desejados. O «CAM» pode atingir a velocidade de oito quilómetros por hora.

As patas articuladas da máquina reproduzem exactamente, mas com maior amplitude, os movimentos do condutor, que, pela sua parte, sente os movimentos do aparelho como se fossem os seus.

O «CAM» é capaz de levantar com qualquer das patas dianteiras um carregamento até 230 quilos, transferindo-o a seguir para uma plataforma situada defronte da cabina de pilotagem.

A manipulação do aparelho — declara o seu inventor — é simples, bastando um treino de 15 horas para se conseguir a necessária adaptação.

O «CAM» destina-se ao transporte de materiais pesados em qualquer terreno, podendo ainda ser utilizado na exploração submarina e até mesmo espacial.

«Núcleo europeu» da N. A. T. O. — proposta britânica

LONDRES, 3 — (F. P. — A criação dum «nucleo europeu da N. A. T. O» foi esta noite preconizada pelo ministro da Defesa britanico Denis Healey, pelo antigo primeiro-ministro belga Paul Henry Spaack e pelo antigo ministro dos Estrangeiros norueguês Halvard Lange, que discursaram numa sessão organizada pelo grupo Europa-Atlantico.

O comandante supremo aliado, general Lyman Lemnitzer, encontrava-se entre a assistência.

Uma cooperação mais estreita entre os países europeus, em matéria de Defesa, seria uma forma mais económica e eficaz de contribuir para a N. A. T. O., declarou em Londres o ministro da Defesa britanico, Denis Healey, durante a reunião do grupo Europa-Atlantico.

«Estou convencido de que a formação de uma politica de defesa europeia comum reforçaria inevitàvelmente o processo de unificação do continente», afirmou ainda Denis Healey.

Numa entrevista á TV alemã, o ministro britanico da Defesa deu mais pormenores do seu projecto de um «nucleo europeu» dizendo que o mesmo seria constituido pela Inglaterra, pela Alemanha e pela França, se esta decidir voltar a integrar-se na N. A. T. O..

Quanto á constituição de uma força nuclear comum franco-britanica, Healey disse que ela não é viável nem dentro, nem fora da N. A. T. O. Aliás, os franceses nunca propuseram nada desse género.

AMÉRICO SILVA

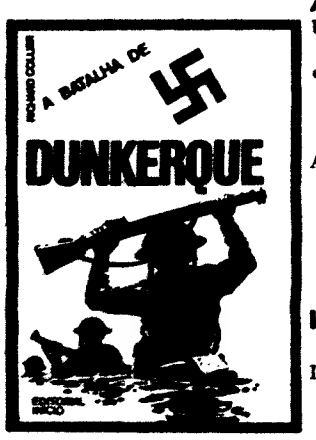
A DIRECÇÃO DO GRUPO DESPORTIVO DOS EMPREGADOS DO BANCO TOTTA ALIANÇA, participa o falecimento do seu antigo dirigente e amigo Sr. Américo Silva, ocorrido no passado dia 2 de Janeiro, em Luanda, e comunica que a urna com os restos mortais chega ao Aeroporto da Portela no dia 4, pelas 9.30 horas, devendo seguir o funeral às 13 horas para Pombal.

REDONDO

DOMINGOS COELHO MORAIS

FALECEU

A família participa o seu falecimento e que o funeral se realiza em Redondo no dia 4 pelas 13 horas.



A BATALHA DE DUNKERQUE, por R. Collier

Um honesto, forte e brutal relato do que aconteceu em Dunkerque em Maio de 1940

«Na épica história das tropas britânicas em Dunkerque a humilhação foi também glória, a cobardia foi também coragem...» — («Sunday Pictorial»).

Actualmente, a perturbadora história de Dunkerque é uma experiência humana reconstruida por Richard Collier, baseada em vastas e cuidadosas pesquisas e milhares de entrevistas em Inglaterra, França e Alemanha. Com 420 págs. e 34 fotos em extratexto 90$00

Na mesma colecção:

HO CHI MINH/HABIB BURGUIBA, por Jean Laconture

Ilustrado ..... 80$00

Pedidos às Livrarias ou à

EDITORIAL INÍCIO

AV. ALMIRANTE REIS, 23-4.º-ESQ. — LISBOA-1

OMEGA

O OMEGA CONSTELLATION

NÃO PRECISA QUE SE LHE DÊ CORDA. PODE TRAZER-SE QUANDO SE NADA OU QUANDO SE JOGA O GOLF, E O SEU CALENDÁRIO PERMITE TER SEMPRE PRESENTE A DATA EXACTA.

OMEGA CONSTELLATION — O PADRÃO DA PRECISÃO SUIÇA

POR ISSO OMEGA PRODUZ, SÓ POR SI, MAIS CRONÓMETROS DO QUE AS 90 OUTRAS FÁBRICAS SUIÇAS QUE SUBMETEM OS SEUS ARTIGOS AOS DEPARTAMENTOS OFICIAIS DE VERIFICAÇÃO DA MARCHA DOS RELÓGIOS.

Os OMEGA CONSTELLATION são dotados de uma precisão inegualável porque as 153 peças essenciais que compõem o seu movimento são trabalhadas à escala do milésio de milímetro e limpas por ultra-sons.
Automáticos, impermeáveis, de grande robustez e com a coroa ao nível da caixa, os OMEGA CONSTELLATION são, antes de lançados no mercado, submetidos a exame rigoroso nos Departamentos Oficiais suiços de verificação da marcha dos relógios, e todos eles obtêm nesses Departamentos certificados com a menção — «*Por resultados particularmente bons*» — o maior galardão conferido a um cronómetro.
Por todas estas qualidades o OMEGA CONSTELLATION tornou-se o cronómetro mais famoso em todo o mundo e o padrão da precisão relojoeira suiça. Além disso há sempre, nos 156 países abrangidos pelo Serviço Mundial OMEGA, uma equipa de relojoeiros chefiada por um técnico formado na fábrica OMEGA, na Suiça, que presta toda a assistência técnica que seja necessária. E esta assistência é independente do lugar onde o relógio foi comprado.

OMEGA

De pinqué, 20 M. ..... 4.300$00
De ouro, 18 K. ..... 8.900$00

A PREÇOS FIXOS NAS AGÊNCIAS OFICIAIS. COM GARANTIA INTERNACIONAL

ALGUMAS AGÊNCIAS OFICIAIS EM LISBOA

Joalharia AUREA
Rua Aurea, 89

Ourivesaria da ESTEFÂNIA
Rua Pascoal de Melo, 150-D

Relojoaria MAURY
Rua Aurea, 202

Ourivesaria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E

Ourivesaria NOGUEIRA & SOUSA
Rua Braamcamp, 74

Ourivesaria MOURÃO
Rua da Prata, 200

Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta 267

Relojoaria SUIÇA
Rua Aurea, 262

TORRES Joalheiros
Rua Aurea, 285

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina — Coração e pulmões — às 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — às 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — às 16 horas.

Policlínica da Rua do Ouro

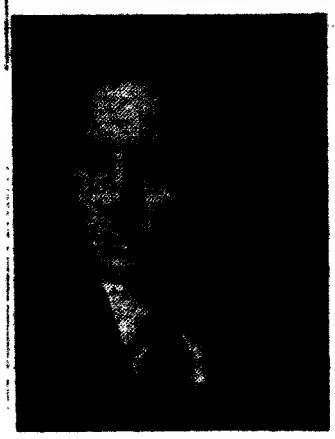
Entrada: Rua do Carmo, 90-2.º — Telef. 32 65 29

Dr. Romão Left — Doenças nervosas electroterapia — às 14 horas.
Dr. Carlos Vilar — Doenças dos pulmões e coração — às 18 horas.

Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — às 16 horas.
Dr. António Pereira — Doenças dos olhos — às 14 horas.
Dr.ª Ana Reis Maia — Ginecologia — às terças e quintas-feiras — às 16 horas.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

LIVROS NOVOS



JÚLIO GRAÇA

«A VOZ DAS SEREIAS»
por JÚLIO GRAÇA

Júlio Graça, um dos valores entre os modernos ficcionistas, em segura e ascendente carreira, conquistou novo êxito com o seu último romance «A Voz das Sereias». Interessado pelos problemas do seu tempo, compreensivo, revelando humanas preocupações, o que se observa nos seus livros, estes definem, ainda, a forte personalidade de um escritor de largas possibilidades e com um estilo aliciante.

O escritor de «O Salário de Judas» e de «Um Palmo de Terra», desenrola em «A Voz das Sereias», através de uma análise exaustiva, o panorama de um laborioso aglomerado humano. É um tema de grande interesse, servido por uma prosa em que o poeta se revela integralmente, quando descreve, em flagrante actualidade, ambientes e personagens que se movimentam com vida própria, no seu meio numa região próxima da capital. É um livro de muitas e variadas personagens, as quais se entrecruzam em ambiente singular pouco tratado na literatura de ficção.

A edição de «A Voz das Sereias», cuidada e com sugestiva capa, é da Sociedade de Expansão Cultural.

Dizem os leitores...

(Continuação da 9.ª página)

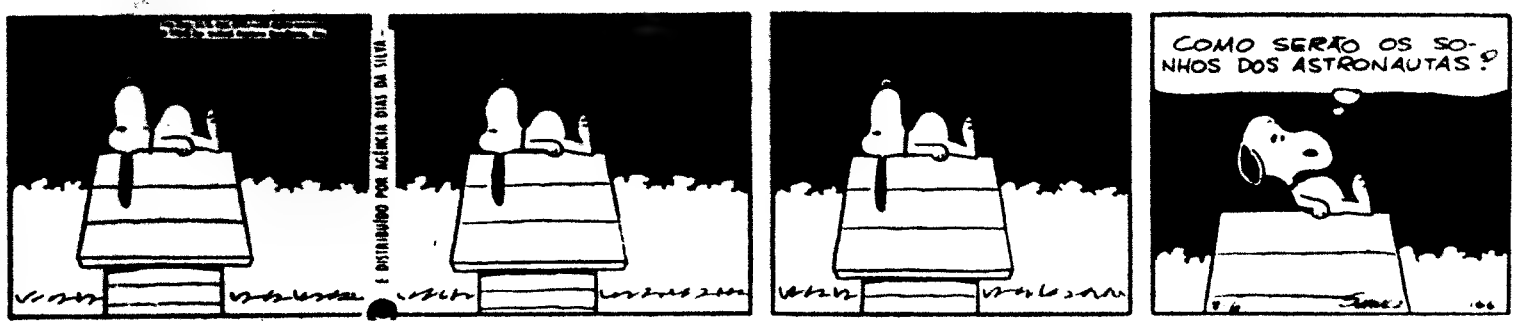
sideração das entidades competentes:

«*Sr. director:* — Julga-se que seriam consideràvelmente reduzidos os engarrafamentos de trânsito, que se verificam aos sábados e domingos, na Estrada Marginal, se se pusesse em prática a sugestão que, através desse jornal, se apresenta a quem de direito: ***Redução da portagem da ponte Salazar de 20$00 para 10$00, desde as 0 horas de sábado até às 24 horas de domingo.***

«Esta regalia poderia aplicar-se apenas a automóveis ligeiros particulares, não beneficiando dela os transportes de carácter comercial ou industrial. Julga-se que não traria diminuição das receitas da ponte.

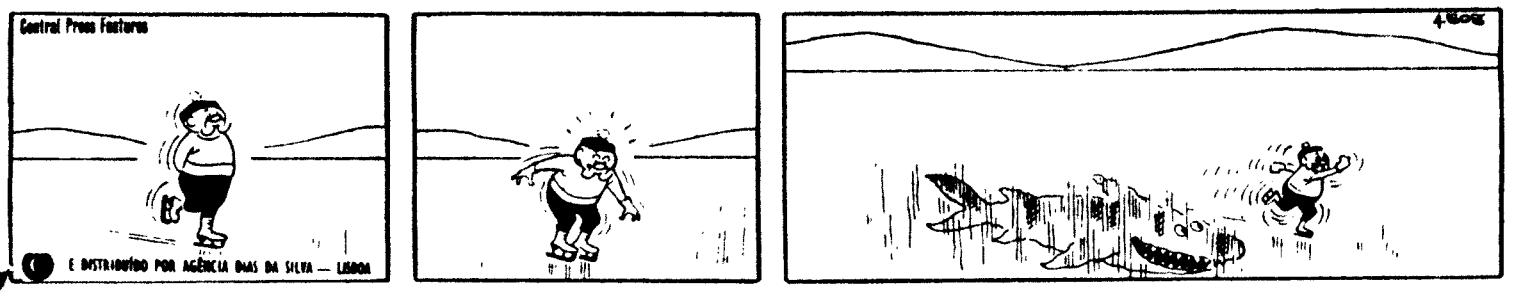
«Entre as vantagens que se obteriam, poderão referir-se: descongestionamento da Estrada Marginal e das praias por ela servidas; desenvolvimento da margem Sul do Tejo; criação de novas perspectivas para os passeios dominicais dos lisboetas que já poderiam, de vez em quando, sem agravar consideràvelmente as despesas, variar da costumada «volta dos tristes».

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

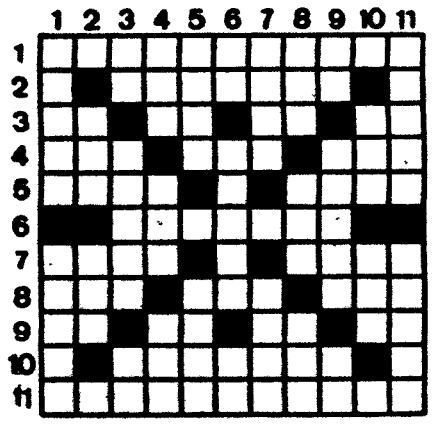
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5136

HORIZONTAIS: 1 — Separara 2 — Enterrais 3 — Grande ribeira da Ásia Russa Prefixo de negação. Porco. Nota musical. 4 — Cidade de França Vazio Cento e quatro em romano. 5 — Leva á sirga Caruma 6 — Unificarmos. 7 — Fêmea do boi. Porção de água cercada de terra 8 — Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de eu, como em egofilia, egomania, etc Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. 9 — Preposição. Aqui. Prefixo que designa afastamento. Senhor 10 — Asperezas cutâneas. 11 — Tomarias fôlego

VERTICAIS: 1 — Causa de pouca admiração Proibir. 2 — Matemática (abrev.) Procede 3 — Escandio (s. q.). Que não abunda. Césio (s. q.). 4 — Apelido. Nome de mulher Capital (abrev.). 5 — As velas de um navio. Planta brasileira da família das leguminosas. Utilizada em medicina 6 — Futil (Inv.ª). De pouca duração. Érbio (s.q.). 7 — Mamífero roedor. Cobertura 8 — Irmão do pai. Chiste Cidade da Ucrania. 9 — Artigo definido. Pequeno povoado. Nota musical. 10 — Consentimento. Fluído aeriforme. 11 — Desperta Naipe das cartas de jogar.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5135

HORIZONTAIS: 1 — MORTE. Corro. 2 — Arar. Cres. 3 — Ondas erba. 4 — Má. Podar. Ad. 5 — Erro. Arma. 6 — Aq. Ah. 7 — Sm. DO. Ro. Os. 8 — Tremoço. 9 — Umai Levar. 10 — Doam. LOBO 11 — Elias. Tosar.

VERTICAIS: 1 — Maomé, SAUDE. 2 — Omaram. Rat. 3 — Rad. Ro. Trai. 4 — Trapo. Drama. 5 — Só. Rosi. 6 — DO. 7 — Bo. Prol. 8 — Ocaro. Ocelo 9 — Rir Rã. Ovos. 10 — REBANHO. Abe. 11 — Asada. Sorar.

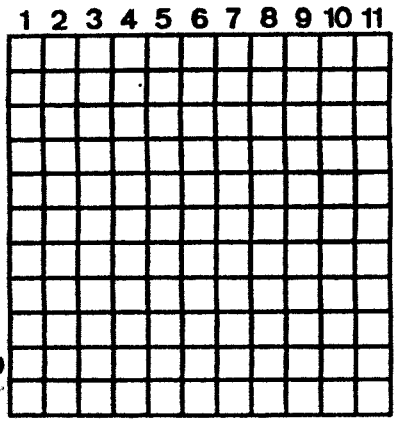
Provérbio: MORTE DO LOBO SAUDE DO REBANHO

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8979

HORIZONTAIS: 1 — Dariam soalhinhos frequentes 2 — Prendera com os gavinhas. Despesa 3 — Contemplei com prazer Ir para fora. 4 — Braço de mar. Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Senhora. 5 — Em partes iguais Pequeníssimos orifícios da pele. Preposição latina que designa movimento 6 — Alardear. 7 — Equipo. Cada uma das peças que formam a circunferência da roda de um veículo. 8 — Reprimo. 9 — Membro de ave Escudeiro Grande 10 — Chuva Dei poncadas em 11 — Rera Costuras

VERTICAIS: 1 — Cortada com serra. Rio da Suiça 2 — Fileira de árvores (Gal.) Barulho 3 — Limpa com água Amónio (s. q.) Cidade da Alemanha 4 — Prefixo que designa três Presunção. Atmosfera. 5 — Seguia Ribeira de Portalegre. Nota musical 6 — Curo Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro 7 — Artes de Cristo Rio de França. Medida japonesa igual a dois decilitros. 8 — Chefe etíope. Espécie de batráquio da família dos ranídeos. Boro (s. q.). 9 — Caminharás. Troça Fluído aeriforme 10 — Procedera Ponto cardeal 11 — Morada Suspiros.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8978

HORIZONTAIS: 1 — Tirar Vogar 2 — Raia Cria. 3 — Ota. Sua. Aal. 4 — Vê Manga. Só. 5 — Careira. 6 — Séria. Aroma. 7 — Rua. Ato. 8 — Ura. Cós. Oro. 9 — Rã. Aí. Os. Tu. 10 — Adaga. Docas 11 — Laçar. Aliso

VERTICAIS: 1 — Trovas Ural 2 — Iate Errado. 3 — Ria. Crua. AC 4 — Ao Maia. Agá. 5 — Sara. Cror. 6 — Zune. Do. 7 — Agio Seda. 8 — Oc. Arrã. Sal. 9 — Grã. Aotos Cl 10 — Aios. Mortas. 11 — Saloió. Ouso

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 3 de Abril de 1939 publicava:

«BAGDAD, 3 — O rei Ghazi, soberano do Iraque, morreu num acidente de automóvel. O rei guiava o seu carro, e regressava ao edifício do palácio real, quando chocou com um poste eléctrico. O rei perdeu os sentidos. Sofreu fractura do crânio e derramamento da massa encefálica.

«A certidão de óbito foi assinada por cinco médicos. A data do funeral será fixada hoje.

«O rei era pai do Emir Fayçal, príncipe herdeiro, que conta 4 anos.

«Fayçal foi já proclamado rei em sucessão de seu pai.

«Por causa da sua pouca idade, foi confiada a regência ao Emir Abdul-Il-Ah, cunhado e primo do falecido soberano.»

Tribunal Cível da Comarca de Lisboa

6.ª VARA

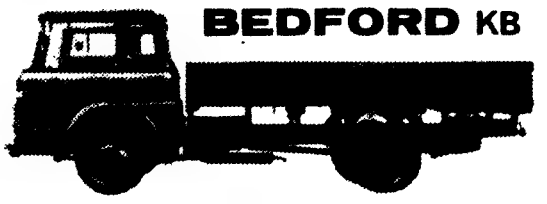
ANÚNCIO

Faz-se saber que, na Segunda Secção de Processos da Sexta Vara Cível da Comarca de Lisboa, nos autos de Acção de Separação de Pessoas e Bens que Geiza Aurora dos Prazeres Ribeiro move contra Fernando Larcher Marçal de Paiva Simões, com o último domicílio conhecido na Rua Diário de Notícias, cento e dois, primeiro, em Lisboa e actualmente residente em parte incerta correm éditos de TRINTA dias, contados da publicação do segundo e último anúncio citando aquele réu para no prazo de VINTE dias findo que seja o dos éditos contestar, querendo, a referida acção, pela qual a autora pretende que seja decretada a separação de pessoas e bens pelos fundamentos de adultério e abandono do domicílio conjugal, nos termos das alíneas a) e f) do artigo mil setecentos e setenta e oito do Código Civil.

Lisboa 26 de Fevereiro de 1969

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
José Amâncio Ferreira

Verifiquei:
O JUIZ CORREGEDOR
António Bernardo Coelho



BEDFORD KB

PESOS BRUTOS - 3500 - 4370 - 5200 kg
NOVO ACABAMENTO INTERIOR DA CABINA
AQUECIMENTO INSTALADO

O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

consulte a

SOREL

Rua Filipe Folque, 12 - Telef. 581 11
Rua D. Luiz I, 28 - Telef. 66 27 55 - LISBOA

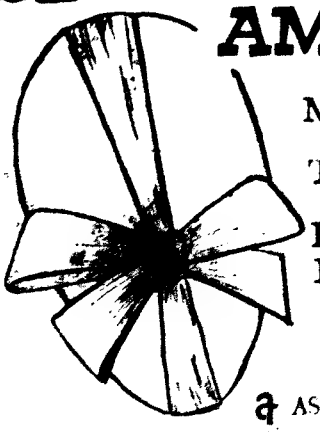
CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64
LISBOA



AMÊNDOAS

damos nós...

Máquinas de lavar 5 Kg (oferta da montagem)		4.690$
Televisores UHF - 59 cm. (com cx. madeira)		4.990$
Esquentadores distrib.		1.190$
Frigoríficos	140 lts	2.050$
»	175 lts	2.590$
»	215 lts	3.090$

QUANTIDADE LIMITADA

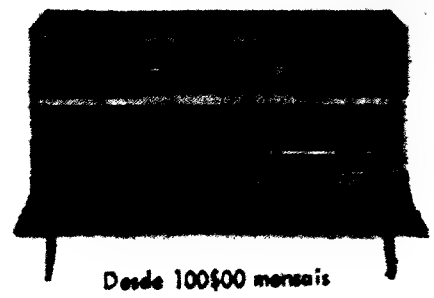
ASTROTÉCNICA

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 58 b — Tels. 560 834 / 561 997 / 561 531

RUA DOS ANJOS, 71 b (L.ª de Sta. Bárbara)

RADIOS TELEVISORES GRAVADORES DITAFONES RADIOS TELEVISORES GRAVADORES

Grande Campanha de Vendas GRUNDIG



Desde 100$00 mensais

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada * sem fiador

PASSE AS FÉRIAS DA PÁSCOA AO SOL DO ALGARVE

NO LOTEAMENTO solférias PRAIA DO CARVOEIRO

Um verdadeiro Paraíso a 4 quilómetros de Lagoa. Alugue uma das nossas Vivendas durante a quadra festiva da ressurreição e tonifique o corpo e a alma!

INFORMAÇÕES:

IMOBILIÁRIA GRÃO-PARÁ

Av. Infante Santo, 56-A — Telefs.: 66-1036 ● 66-1069 ● 67-2953

OU NO LOCAL

REVESTIMENTOS

PLÁSTICOS

ALCATIFAS

ÚLTIMAS NOVIDADES

EM

PAPÉIS LAVÁVEIS PARA PAREDE

EXPOSIÇÃO E VENDA

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B — TEL. 532383

AVISO IMPORTANTE

Alteração ao horário do «Sud-Express» LISBOA/PARIS

Comunica-nos a C. P. que não estando ainda normalizada a circulação dos comboios, entre as estações de Vale de Santarém e Santarém, manter-se-á, até aviso em contrário, ás 14 e 10, o horário da partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia) das carruagens que conduzem os passageiros destinados ao comboio «Sud-Express» (Lisboa/Paris).

Os passageiros ocuparão os seus lugares na composição normal estacionada em Santarém, após trasbordo em autocarro entre Vale de Santarem e aquela estação

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefs. 72 76 54 72 49 75

CAMISAS P/ MEDIDA

HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39 (ao Saldanha)

PEÇA BONJOUR A MELHOR DE LICOR

MÁRMORES

VENDE-SE MAQUINARIA NOVA

PARA SERRAÇÃO, PRONTA A FUNCIONAR

TRATA O PRÓPRIO PELO TELEF. 366030

Escritório — aluga-se

AV.ª FONTES PEREIRA DE MELO

(Gaveto c/ Av. Sidónio Pais, 2, 2.º, esq.)

HALL, 2 GRANDES SALAS, ARQUIVO E CASA DE BANHO, AR CONDICIONADO E ALCATIFADO TRATA O PORTEIRO

AUTOMOTORAS PARA O ALGARVE POR MOTIVO DAS FESTAS DA PÁSCOA

Comunica-nos a C. P. que por motivo das Festas da Páscoa efectuar-se-á no dia 3 de Abril (quinta-feira) uma automotora para o serviço público, entre Barreiro e Vila Real de St.º António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) ás 13-40; chegada a Faro ás 18-43; a Vila Real de St.º António-Guadiana ás 19-45; a Portimão ás 19-02 e a Lagos ás 19-28. O regresso efectuar-se-á no dia 4, (sexta-feira) com partida de Vila Real de St.º António-Guadiana ás 19-37; de Faro ás 20-35; de Lagos ás 19-55 e de Portimão ás 20-21, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) á 1-45.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

AUDITÓRIO MUSICAL:

MISSA DE REQUIEM, DE VERDI

DADA A SOLENIDADE do dia, a RTP transmite o seu I programa, sómente a partir das 21 e 30, estando incluidos dois serviços de noticiário e a rubrica «Auditório Musical», esta a transmitir cerca das 21 e 55.

O maestro Filipe de Sousa fará a apresentação da Missa de Requien, de Verdi que a Orquestra e o Coro do Teatro Gala de Milão interpretam sob a direcção do famoso Herbert von Karajan.

Solistas: Leontyne Price — soprano; Fiorenza Cossoto — alto; Luciano Pavarotti — tenor e o baixo Nicolao Ghiauror. Realização de Georges Clouzot.

2.° PROGRAMA

NOITE DE TEATRO: «O BARRABÁS»

CERCA das 21 e 50, depois da edição da noite do Telejornal, será transmitida na rubrica «Noite de Teatro», a peça de Michel Chelderode «O Barrabás», em tradução e adaptação de Sérgio Porthman e realização de Herlander Peyroteo.

Mário Pereira é o protagonista, sendo os restantes papéis interpretados por Adelaide João, Adelina Campos, António Sarmento, Armando Venâncio, Carlos Duarte, Couto Viana, Correia da Silva, Henrique Santos, Joaquim Rosa, Lourdes Norberto, Mário Sargedas, Rui Furtado, Tomás de Macedo e outros.

Colabora o coro da Universidade de Lisboa, sob a direcção de Francisco d'Orey.

canal da crítica

«SE BEM ME LEMBRO...» — UMA RUBRICA QUE PODE VIR A SER LEMBRADA

Vitorino Nemésio tem medo. Não sabe até que ponto considera possível prender a atenção dos telespectadores. Está nervoso. Roda o anel no polegar com movimentos bruscos, cruza os dedos que, de longe, recordam os fios de uma corda.

Nenhuma razão para medo, nem para nervoso. Especialmente se, à medida que aproveita as suas extraordinárias qualidades de conversador, se lembrar que o público, em Televisão, não é invisível, como na Rádio, nem atento, como na Imprensa, nem homogéneo, como na Universidade. O recurso à palavra difícil deve ser banido da televisão, pois aqui «neurones», «iconogénio» e outras semelhantes representam autênticos curtos-circuitos no processo de comunicação.

Quem utiliza o «palavreado difícil» como recurso para esconder o pensamento simples sentir-se-ia frustrada se lhe cortassem os voos. Não haverá esse perigo com Vitorino Nemésio. A sua imaginação, o seu humor, a riqueza da sua palavra aventureira, o seu horror á frase feita, á expressão de rotina, garantem-nos que Vitorino Nemésio pode vir a ser um momento bom nesta ingratidão diária que se chama Televisão Portuguesa.

Que se exige, nesta altura, de Vitorino Nemésio? Nesta altura exige-se-lhe que restabeleça o prazer de conversar, de conviver. Exige-se-lhe que, no reino das imagens, recupere para a palavra a nobreza e a importância principais.

Tenho a certeza de que poderá fazê-lo. Para tanto, aproveite-se desde já a experiência de ontem: a facilidade de exposição e de comunicação aumentou na medida em que Vitorino Nemésio abandonou o recurso ao papel escrito. Em televisão, sempre que o apresentador baixa os olhos, o telespectador afasta os seus; o telespectador tem dificuldade em desprender-se do televisor sempre que, no televisor, o olham bem de frente. A força das palavras vem muito dos olhos. Por isso as palavras dos cegos nos sabem sempre a sonho.

Há, pois, nestas palestras de Vitorino Nemésio, que lhe retirar todo o aspecto de palestra, de conferência. Ontem, tive medo, quando vi a mesa e os livros em cima dela. Note-se: a mesa pode ficar e os livros também. Especialmente os livros. A presença dos livros é boa propaganda deles. Deixem-nos estar. Mas que Vitorino Nemésio nunca se sente a ler, a ler de olhos ceifados, e as folhas a pingar de minuto a minuto, isso nunca! Em televisão, a palavra com poder é a palavra inventada.

Quanto aos meus leitores, possíveis espectadores de «Se bem me lembro...» recordarei que estejam atentos ás conversas de Vitorino Nemésio. Há tesouros de ironia, de observação, de crítica, em palavras ou frases ditas quase inocentemente. Descobrir esses tesouros é uma forma de enriquecimento de muito difícil substituição neste mundo em que os meios audiovisuais nos ameaçam com suas facilidades e suas evidências.

NOITE DE CINEMA

Como já tenho dito, reservo para meu descanso a noite em que há cinema. Compreende-se porquê e não vale a pena insistir nesse ponto.

(A qualidade das fitas, é isso. Ao contrário do que muita gente supõe, as televisões estrangeiras, com excepção da Russia, fornecem maus filmes, por várias razões e entre elas o condicionalismo comercial. Além de que uma televisão como do Luxemburgo que transmite quase um filme por noite, não poderia dar primazia á qualidade.

Sabe-se que uma fita não pode passar na televisão se não depois de cumprido o circuito comercial que é de vários anos no mundo capitalista. Na Russia, pelo contrário, considera-se um filme pago após 6 meses de exploração. A partir daí, os cineclubes e a televisão podem usá-los).

Bom. Ontem abri excepção. Tratava-se de um filme espanhol, premiado não sei onde, de que participava um actor português: António Vilar.

O filme «Judas» não dá grande matéria para severidade crítica. Filme de boas intenções, «Judas» desenvolve a discussão de autenticidade religiosa: a paixão de Cristo só existe na medida em que a vivemos. Por outro lado, o tema tão caro aos espanhóis lúcidos do nosso tempo: o tema da fraternidade.

É isso, o «Judas». Não há duvida que se pode falar em

(Continua na página seguinte)

FESTAS DA PÁSCOA NO ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que realiza nos próximos dias 5 e 6 de Abril, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa ao Algarve, por ocasião das Festas da Páscoa, incluindo a viagem em comboio de 1.ª classe.

PORTUGAL NO JÚRI DA X BIENAL DE S. PAULO

Um representante de Portugal fará parte do júri da X Bienal de S. Paulo, que se realiza naquela cidade brasileira de Setembro a Dezembro deste ano. Outros jurados: Brasil, Chile, Canadá, União Indiana, Israel, Austria, França e Checoslováquia.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 27.º Episódio do Folhetim «A História da Cruz»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Melodias pelos «Living Marimbas»; 22 e 40: Variedades; 22 e 30: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Concerto em dó menor para dois cravos e orquestra (Bach) — solistas; Orquestra de camara Jean François Paillard; 16 e 15: Festival de Bayreuth de 1968; 18: Pontifical, transmitido da Sé Patriarcal; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental — Duas Danças op. 72 (Dvorak) — Orquestra Sinfonica de Bamberg, dirigida por Jonel Perlea; 20 e 30: Salmo 111 (De Lalande); 21: Concerto n.º 19 em fá maior K 459 para clavicórdio e orquestra (Mozart) — clavicórdio: Hans Andreae; Academia de Camara de Salzburgo sob a direcção de Wolfgang von Karajan; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista Edgar Wilson — Obras de Carlos Seixas, Paganini — Brahms, Chopin e Liszt; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa — Cultural em MF 21 — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano; 23 e 30: Festival de Verão em Ohrid de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão Jugoslava; 23 e 57: Musica Sinfonica; 1: Fecho.

RADIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Nota de abertura e Noticiário; 20 e 07: Conjuntos corais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Recordando sucessos; 21 e 05: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 05: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 05: A noite é nossa; 6 e 05: Diário rural; 7 e 03: Tacsmó

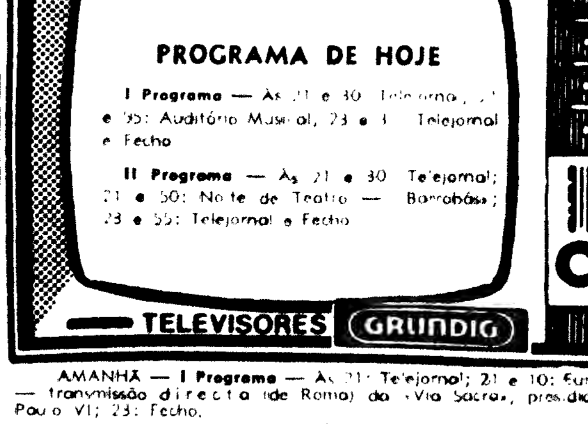
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 52: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 05: Programa á Gó Gó; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RADIO RENASCENÇA — 231,2 m — 1286 kc/s — Às 17 e 45: Reabertura e leitura do programa; 18: Transmissão da Sé Patriarcal de Lisboa da missa da ceia do Senhor, da cerimónia do lava pés e do sermão; 19 e 45: Terço da Basílica dos Mártires; 22 e 50: Reabertura e transmissão da Basílica dos Mártires da Hora Santa; no final leitura do programa de amanhã e encerramento.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 17 e 15: Reabertura, leitura do programa; 17 e 30: Missa da Ceia do Senhor transmitida da Sé Catedral do Porto; 19: Musica seleccionada; 19 e 45: Terço, da Basílica dos Mártires; 22 e 40: Reabertura, leitura do programa e musica seleccionada; 22 e 50: Transmissão da Basílica dos Mártires, da Hora Santa; no final encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média 185 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.



AMANHÃ — **I Programa** — Às 21: Telejornal; 21 e 10: Eurovisão — transmissão directa (de Roma) da «Via Sacra», presidida por Paulo VI; 23: Fecho.

★

Dada a solenidade do dia, não haverá emissão do II Programa

MARIA PEREIRA REGRESSA À METRÓPOLE

«Maria Pereira e o seu espectáculo», continua a sua carreira pelos Açores, na digressão que ali foi realizar com o louvável objectivo de promover a divulgação da musica portuguesa.

Tanto no espectáculo realizado em Santa Maria como nas duas representações efectuadas em S. Miguel, Maria Pereira acrescentou outros tantos êxitos á sua personalidade artística. O publico daquelas ilhas é unanime em considerar este espectáculo como o melhor e mais completo a que até hoje lhe foi dado assistir.

O filme (apresentado na primeira parte) tanto pelo seu colorido, como pela excelente fotografia que tanto concorre a favor da propaganda das belezas do nosso País e dos encantos de Lisboa, como ainda pelas interpretações de Maria Pereira em algumas das suas mais belas criações, impressionou vivamente a assistência que não pôde reprimir o seu apreço corroborando com aplausos a actuação da artista.

No palco, acompanhada do seu conjunto privativo (Francisco Carvalhinho, Adelino dos Santos e Francisco Peres, á guitarra e á viola, e ainda por Jorge Machado, Siegfried Sugg, Artur Machado e Fernando de Albuquerque), voltou a arrebatar a plateia com as suas valiosas interpretações. O conjunto musical foi também muito apreciado, especialmente os solos de trompete de Fernando de Albuquerque.

No regresso da sua «tournée» insular, Maria Pereira chega esta tarde (17 horas) ao Aeroporto da Portela.

JPIMENTA S.A.R.L.

ANDARES

AMADORA
FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F.
E
REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS
ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto de escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

JULGAMENTO NO PLENÁRIO

PORTO, 3 — Em processo-crime, por abuso de liberdade de Imprensa, realizou-se o julgamento do dr. Pedro Veiga, que ocupou várias sessões do Tribunal Plenário Criminal. A sentença, agora proferida, condenou o dr. Pedro Veiga pelo crime de calunia, por não haver feito a prova da difamação, contida num folheto que em tempos publicara e em que era visado o dr. Eduardo Ralha, que se constituira assistente.

A pena fixada no acordão foi de 6 meses de prisão correccional, e igual tempo de multa, a 30 escudos por dia, e ainda na indemnização ao assistente de 10 contos, além do respectivo imposto de justiça

O tribunal suspendeu a pena por 2 anos.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág anterior)

convencionalismo, mas não há duvida que há um grande encanto e muita poesia em algumas cenas daquela paixão representada por actores anónimos. Bem vistas as coisas, podemos ficar gratos á Televisão portugue-

su de, nesta Semana Santa, nos ter poupado ao «Rei dos Reis» e outras fitas já insuportáveis, substituindo-as por um filme que se pôde discutir e que por isso mesmo, se pode ver Sem grande arrependimento

MARIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

LISTA TELEFÓNICA: NASCIMENTO, VIDA E MORTE

(Continuação da pág central)

1 012 500 000 000 algarismos... ou seja — na contagem antiga um trilião, doze biliões e quinhentos milhões, e na moderna um bilião e doze mil e quinhentos milhões

Entretanto, como a lista vai sempre crescendo, é natural que para o ano passe a haver, pela primeira vez, não um mas dois volumes da Lista de Lisboa — na primeira devendo ficar os nomes até K, inclusive, e no segundo os restantes E já se está a trabalhar na lista do próximo ano — aliás esse trabalho é sempre contínuo, sendo em numero de mais de 300 os funcionários fixos de Publicações Listas Telefónicas

Aquele número é apenas, porém, dos que trabalham em escritórios e na parte de organização e de publicidade e angariação da mesma, pois se se entrasse em linha de conta com os que laboram na parte tipográfica e em todas as operações com que esta se relacionam, ele aumentaria substancialmente Como é evidente, o chumbo da composição é guardado de um ano para o outro, fazendo-se os acrescentos e modificações — que aliás são numerosíssimos — que se tornam indispensáveis

● Uma operação complicada: a distribuição

Porém, só na distribuição da presente lista de Lisboa trabalham cerca de 400 pessoas, que andaram a deixá-la no domicílio dos 375 mil assinantes. Pessoal eventual, alguns problemas se levantam na sua utilização, e já aconteceu até haver entre eles quem dissesse serem necessários 10 ou 20 escudos para receber a lista... — dinheiro que P. L. T., nos casos de que teve conhecimento, devolveu, embora não o recebesse. A empresa tem montado um serviço de fiscalização que vai tentando descobrir e por cobro a essas e outras anomalias, ao mesmo tempo fazendo milhares de telefonemas para todas as zonas da cidade, inquirindo dos assinantes se receberam a sua lista. Quando se verifica que isso não aconteceu, brigadas de exterior imediatamente fazem um inquérto em toda a zona para corrigir possíveis deficiências e tomar as providências adequadas

Todos os anos é organizado um plano de distribuição, obedecendo a um *deslocamento estratégico* pelas diversas ruas e zonas da cidade. Essa distribuição é feita utilizando todos os meios de transporte, desde... as próprias pernas até ás «scoters» e o automóvel. Dificuldades especiais se levantam em alguns casos, como seja o das casas de Verão dos arredores. Aí, quando o assinante, procurado mais do que uma vez, não se encontra, fica aviso na Caixa Postal

NÚMEROS E CURIOSIDADES

- **O número mais baixo de telefone da rêde de Lisboa é o 30 000 e pertence ao café «A Brasileira», do Chiado.**
- **O número mais elevado é o 2969899. Pertence ao assinante eng.º Francisco Cardoso Malaquias morador em Rio de Mouro e funcionário dos Cel-Cat.**
- **A hora de maior movimento telefónico, a chamada «hora de ponta» encontra-se entre as 11 e as 12 e entre as 15 e as 16. Nas zonas residenciais a hora de maior frequência é á noite, sensivelmente à hora do jantar.**
- **O organismo particular com maior número de linhas são as** Companhias Reunidas de Gás e Electricidade: **para cima de 80.**
- **As cabinas públicas constituem um dos grandes quebra-cabeças dos T. L. P. No ano passado registaram-se nelas cerca de 1500 roubos que vão desde o arrombamento do mealheiro até ao roubo de listas e auscultadores.**
- **O assinante mais antigo de Lisboa é a Agência Havas. Fazia parte da primeira lista, datada de 1882, onde tinha o número 4. Nessa altura ainda não era assinante, mas sim «subscritor»...**

Pré-história — com histórias...

Em 1867 a cidade de Nova Iorque estava bem longe de apresentar o aspecto vertiginoso em direcção ao céu que hoje apresenta. A cidade rastejava ainda — mas já aconteciam nela aquelas coisas mirabolantes, anos depois conhecidos por «americanices».

Foi o caso, por exemplo, da prisão de um «distinto profissional», de seu nome Josua Coppersmith. Este vivia de expedientes, abusando em extremo da ingenuidade alheia. Usava vários e engenhosos processos o que vem provar mais uma vez o tremendo esforço que têm de produzir aqueles cujo alvo é não fazer nada um dos processos (e vamos reproduzir as palavras de um jornal da época) «Consistia na apresentação de um dispositivo que tinha, no dizer de Coppersmith, a propriedade de transmitir a voz humana mediante fios de ligação, de tal maneira que era possível ouvir as palavras pronunciadas no outro extremo da linha. O aludido individuo chamava a este aparelho «telefone» — sem duvida uma deturpação de «telégrafo». Ora toda a gente culta sabe que não é possível transmitir a voz humana através dos fios condutores e, se alguma vez isso fosse possível, um aparelho deste género não teria qualquer valor prático».

● O sr. D. Pedro II: «Meu Deus! Isto fala...»

A 10 de Março de 1876, porém, ficava provado que o impossível só se mantém enquanto não é possível.

Alexandre Areham Bell trabalhava com o assistente Thomas Watson nas suas experiências para transmissão de voz humana a distancia. O acidente provocou o derrame de determinado ácido e Bell exclamou:

— Watson, por favor preciso de você.

O assistente ouviu com perfeita nitidez o murmurio de Beel — que se encontrava a mais de 12 metros de distancia...

A invenção baptizava-se com o nome que o engenhoso Coppersmith lhe dera: Telefone...

Nesse mesmo ano, o imperador do Brasil D. Pedro II, de visita á grande exposição de Filadélfia encontrou Bell num dos «stands» e interessou-se dos progressos do seu invento. Passados instantes, procedia-se a uma experiência. D. Pedro, com o ouvido colado ao aparelho, ouvia a mensagem que lhe chegava distintamente do outro lado da sala. Não conteve o seu espanto:

— Meu Deus! Isto fala...

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE, S. A. R. L.

Avenida Casal Ribeiro, 50 — Lisboa

CAPITAL SOCIAL 630 000 000$00

DIVIDENDO DA GERÊNCIA DE 1968

Avisam-se os Senhores Accionistas de que a partir do próximo dia 21 do corrente mês de Abril se encontra a pagamento o dividendo em referência, votado na Assembleia Geral Ordinária de 28 de Março de 1969, à razão de 80$00 por acção, cativo de impostos.

As importâncias liquidas a pagar, por acção, são as seguintes:

CUPAO N.º 25

NOMINATIVAS		PORTADOR	
Caixas de Prev. e Ass. Soc. Mut	Outras	Registados	Não Registados
79$35.45	70$79.45	71$44	56$33.6

O pagamento efectuar-se-á na Sede da Companhia, todos os dias úteis das 10 às 12 e das 15 às 17 horas, excepto aos sábados e nas Sedes e Dependências dos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espirito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Crédit Franco-Portugais
Montepio Geral
Augustine Reis & C.ª

Lisboa, 3 de Abril de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

F. C. PORTO: HORA DE AGITAÇÃO

A ESTRANHA ATITUDE DO TREINADOR PEDROTO

• Impaciência na massa associativa, mas serenidade e ponderação por parte dos dirigentes

Os últimos acontecimentos do futebol portista continuam a ser muito comentados no ambiente desportivo da cidade invicta. O insólito «eclipse» da estrela «azul e branca», exactamente á beira do zenite nesta sua viagem, em busca de um título que dá grandeza, prestígio e dinheiro, deu lugar a um tal espanto, que levará o seu tempo, antes que a serenidade regresse aos espíritos. Em verdadeiro aluvião, boatos e certezas, baralham-se na tumultuosa torrente de paixões, tão subitamente desencadeada.

Como fantasias não interessam, aqui se registam apenas algumas certezas e hipóteses, estas para serem encaradas como convém, embora com a garantia de serem hipóteses genuínas, alicerçadas em bases seguras.

Certezas

Prossegue agora mais activamente o inquérito aos jogadores. A equipa está em África, mas o «resto» ficou no Porto. Neste já famoso caso, a parte activa foi atribuída a Gomes, Alberto, Pinto e Américo. O guarda-redes depôs anteontem. Américo estava ansioso por «despejar o saco». O inquérito vai acumulando revelações surpreendentes. Os métodos psicológicos de Pedroto causam sensação. Atribuem-se-lhe «saídas» assim: «Vocês, os jogadores é que serão sempre os prejudicados. Eu se me mandarem embora, levo 160 contos e vou passar umas férias á Suiça...».

A «carta aberta» de Pedroto parece pecar por inexactidões e omissões. Por exemplo, a declaração que fez assinar aos jogadores, não terá sido redigida por si, de improviso, mas preparada de antemão, como de resto, parece transparecer da redacção cuidada e cuidadosa desse documento. Os jogadores assinaram «de livre vontade», é certo, mas só depois de ouvirem uma tão persuasiva prelecção do técnico, que no espírito de todos eles se radicou bem funda a impressão de que uma vez assinado aquele «termo de segurança», a situação regressaria á normalidade. Não regressou, porém.

Também nenhum dos jogadores se lembra de Pedroto, no regresso ao Porto, após o jogo da Luz com o Benfica, lhes ter feito sentir a necessidade de antecipar os estágios. Houve, de facto, uma conversa acerca da condição física da equipa. Pinto, Américo e Pedroto falaram disso, trocaram opiniões. Mas Pedroto limitou-se a repetir a afirmação que já fizera a todos no final do jogo:

— Esta semana vai haver uma grande surpresa...

Reticência

Volta e meia, os jogadores falam de Vieirinha, afirmando que ele consegula «deitar muita água na fervura» nas questões com Pedroto. Ele era o psicólogo da «dupla» de então...

Hidegkoti — sucessor de Pedroto?

Não é só de agora. Sempre que as coisas correm mal, os sócios e simpatizantes exigem o regresso de Yustrich. A situação repete-se. Com cartas e com cartazes, pede-se que venha de Belo Horizonte o homem que há quinze anos rasgou, de facto, novos horizontes ao futebol do F. C. Porto. Mas a direcção do clube tem outras ideias. E na verdade, o seu presidente tem de ter coerência. Enquanto naquele lugar, não pode contratar Yustrich. De resto ainda ontem o afirmou na conferência mensal com a Imprensa, a perguntas de um jornalista. É lógica a sua opinião sobre o assunto. Mas também não poderá mais estar a dar oportunidades a novos que se querem lançar. Tem de escolher á certa, embora possa falhar e, não, escolher na dúvida, embora possa acertar. O seu trabalho é tão grande no clube que não poderá ver o mesmo preocupado apenas com a parte que, afinal, é a mais importante.

A direcção já há muito se convenceu da necessidade de contratar um técnico de futebol para o clube, mas luta com alguns problemas, sendo um dos mais importantes a necessidade de descobrir um que fale o português. É difícil, mas não é impossível. E é muito mais difícil indo para a ideia de um inglês, de um húngaro ou outros que tais. De qualquer modo continuamos a não ter razões para desmentir a nossa notícia acerca do provável substituto de Pedroto (isto é facto assente) dada, aliás, como hipótese e não como certeza. Pelo contrário, insistimos em jogar na cartada húngara. Será Hidegkoti? Não somos capazes de adivinhar. Só por isso é que não anunciamos o nome do treinador húngaro com quem o F. C. Porto continua em negociações.

Mas vê-se sem grande esforço que a direcção do clube tem o firme propósito de cumprir integralmente a duração completa do contrato com Pedroto. É que a não cumprir, teria de o indemnizar com o prémio de 150 contos por vitória no campeonato, já que ele alegaria que ainda o podia ganhar. Por outro lado foi também aguentando todo o mal por estar recordada dos casos Vachetó e Yustrich, em que a equipa ia á frente quando os mesmos sucederam e com eles o clube perdeu os campeonatos respectivos. Agora quis salvar o título, mas Pedroto continua nervosa e inexplicávelmente a contrariar essa ideia. Claro que não percebeu as boas intenções da direcção, porque no dinheiro, como é humano, estava ele interessado.

Mas aguentará a direcção esta situação até final? Conseguilo-á? Esta a dúvida. São muitas e fortes as pressões para denunciar imediatamente o contrato. Há até quem invoque a necessidade disso para uma desesperada tentativa de salvar o que resta das esperanças no título. A posição da direcção é, porém, muito ingrata. Pagar 150 contos por um título, como prémio a um treinador, e não o ganhar não é nada agradável, convenhamos. Por isso, a sua estranha posição que espanta muita gente. Mas é de pensar, de matutar muito e talvez de suportar, embora com mágoa e custo.

Todavia, mesmo assim, fica no ar a pergunta:

— Regressará Pedroto do Ultramar ainda como treinador do F. C. Porto? Regressará nessa situação, mas ficando lá a equipa a jogar sem a sua direcção? A resposta que der ao telegrama do presidente deverá responder a estas perguntas.

Pedroto, um treinador discutido

As selecções nacionais treinaram-se no Jamor

As selecções nacionais de futebol treinaram-se ontem, ao fim da tarde, no Estádio Nacional. Treino animado. Os «mais velhos», que vão defrontar a equipa do México, venceram com nitidez (5-1) as «esperanças» que vão defrontar a Inglaterra. Mas não foi um jogo «formal», procurando-se apenas ver em acção todos os jogadores e apreciar as bases em que vão assentar as duas equipas.

Começaram por jogar, pela selecção principal: Damas; Conceição, Pinto, Joaquim Jorge e Carrêço; Rolando e Calado; Figueiredo, Manuel António, Peres e Jacinto João.

Pelas «esperanças»: Armando: Barros, Caló, Murça e Tonê; Mário Campos e Nelo; Chico, Camolas, Nelson e Petita.

Na segunda parte, a equipa principal sofreria várias alterações: Damas, Carrêço, Figueiredo e Jacinto João foram substituídos, respectivamente por Armando, Pedro Gomes, Camolas e Diamantino.

Entretanto, nos «sub-23», Vítor Cabral e Leitão tomaram as posições de Armando e Murça.

Golos: Peres, Manuel António (2), Calado e Camolas, pela equipa A, e Nelson pelas «esperanças».

Não se treinaram por se encontrarem lesionados, Laurindo, Vítor Baptista e José Maria.

ONTEM, EM COMO

OS JUNIORES PORTUGUESES QUALIFICADOS POR «MOEDA AO AR»

• EMPATE (ITÁLIA, 1-PORTUGAL, 1) TAL COMO NO JOGO DE LISBOA

COMO, 3 — Perante 5000 espectadores (a TV transmitiu o jogo, em directo), Portugal eliminou, espectacularmente, a Itália do torneio internacional de juniores que irá disputar-se em Leipzig, em Maio próximo.

Os italianos contavam com tudo, menos com esse doloroso malogro, eles que tão habituados estavam já a figurar, bem ou menos bem, em torneios internacionais da categoria, cujo apuramento haviam conseguido sempre, com maior ou menor dificuldade.

Empatado o encontro efectuado em Portugal, os italianos pensaram que, em sua casa, lhes seria facílimo arredar da prova os adversários.

Em caso de novo empate — e foi mesmo um empate que se registou, e pelos mesmos 1-1 — os transalpinos, ao contrário do que desejavam os dirigentes lusos, achavam supérflua a realização de terceiro embate, para desfazer a igualdade, em Barcelona ou em Madrid.

E quando o encontro de Como terminou, estalaram, entre os responsáveis das equipas dos dois países, controvérsias em vários tons e chegou até a haver mosquitos por cordas. Os portugueses insistiam pela efectivação de terceiro jogo, os italianos pretendiam a solução do pleito pelo famigerado lançamento da moeda ao ar. Em tais circunstancias, eles os italianos, haviam sido sempre felizes. E a insistência transalpina, com a forte colaboração do árbitro suíço, acabou por triunfar.

Mas a deusa da Fortuna

Lançou-se a moeda ao ar, virou, desta vez, declaradamente, as costas a quem a adulava com tanta perseverança.

E favoreceu os portugueses, que vão á fase final do torneio.

E os italianos ficaram, desolada, acabrunhadamente, pelo caminho...

*

Sobre o encontro, pouco haverá a dizer. Os italianos desfrutaram de supremacia até, práticamente, a obtenção do seu golo. Ataques mais bem delineados, balanço ofensivo realizado com mais convicção.

Uma vez sofrido o golo, os portugueses, no entanto, e ao contrário do que poderia julgar-se, em tais circunstâncias, reagiram com todo o ânimo, fazendo alarde de inultrapassável brio. Equilibraram a partida, começaram a desenvolver, com mais presteza e determinação, os seus contra-ataques e quando surgiu o golo do empate o feito já não representou surpresa de maior para ninguém.

De uma defesa porfiada e sistemática, na qual esteve em evidência Jacinto, que anulou o temível Magherini, os lusitanos passaram também ao ataque e só por vezes se mostraram menos eficientes no capítulo do remate.

E o jogo terminou com a igualdade de 1-1, que todo o público acabou por considerar natural. E a crítica, igualmente...

Diga-se, a finalizar, que os portugueses, mercê do seu pundonor, entusiasmo e energia, puderam contrabalançar, em grande parte, o maior poder físico dos italianos. E que estes, em rapidez de execução, pormenor sempre valioso, não se mostram mais capazes que os adversários.

Outros jogos

CANNES, 3 — (F. P.) — No torneio internacional de juniores de futebol, disputado nesta cidade, a selecção nacional da Roménia empatou por 1-1 com a A. S. Cannes, mas os romenos foram declarados vencedores por 5 cantos contra 2. No segundo desafio, a formação nacional soviética venceu o Barcelona por 3-1.

SIMÕES MARCOU O GOLO DE PORTUGAL

Estádio de Como. Árbitro: André Ceretti (Suíça).

ITALIA — Cacciatore; Vecchie, Malisan e Mozzini; Righi e Fermi; Villa, Casone, Scarone, Magherini e Asnicar.

PORTUGAL — Luz: Laranjeira, Tomás, Barbosa e Peixoto; Hélder e Jacinto; João Machado, Serafim, Nando e Domingos.

Nando e Peixoto, respectivamente, cederam os lugares a Simões e Nicolau, aos 61 e aos 71 minutos.

Ao intervalo, 0-0

Asnicar obteve o 1.º golo, aos 10 minutos; Simões estabeleceu o empate, aos 27, com remate de cabeça.

RÂGUEBI

Juniores de Portugal vencidos pela Roménia

Em Barcelona principiou, ontem, a disputar-se, um torneio internacional de râguebi, para juniores.

No seu encontro de estreia, a equipa de Portugal defrontou a da Roménia e foi derrotada por 14-0.

Mas outras partidas os resultados foram os seguintes: Checoslováquia, 6-Itália, 14; Espanha A, 0-Mónaco, 6; França, 65-Espanha B, 11.

A prova prossegue amanhã com os jogos: Itália-França, Roménia - Mónaco, Portugal-Espanha A e Checoslováquia-Espanha B.

O NORTE DESPORTIVO

NA EDIÇÃO DE HOJE

- A intranquilidade na equipa do F. C. do Porto
- Torres deverá jogar em S. João da Madeira
- Escritura do Sporting com a Câmara para a posse do Estádio José Alvalade
- Na página de automobilismo: A Fiat apresenta o modelo 128

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO

Na festa de Bernard um Sporting confiante

PARIS, 3 — (F. P.) — Pierre Bernard, 21 vezes «internacional» pela equipa de França e uma das grandes figuras do futebol francês dos últimos anos, festejará na segunda-feira o seu jubileu. Para a sua festa, Bernard convidou o Sporting Clube de Portugal.

O jogo está a despertar interesse, dado que o Sporting apresentará a sua equipa completa, com os «internacionais» Hilário, Alexandre Baptista e José Carlos, entre outros, pretendendo provar ao publico parisiense que é igual ao Benfica, o seu grande rival no futebol português.

O Red Star jogará reforçado com Rachid Mekloufi, Gerard Grizetti (muito provàvelmente) e com Jackie Bernard, irmão do homenageado.

Bernard esperava o concurso de muitos outros «internacionais» e vedetas na sua festa. Mas as festas da Páscoa não o favoreceram, uma vez que havia já compromissos assumidos por várias equipas.

HOJE À NOITE

ATLETISMO — Torneio de Encerramento de Lisboa: C. I. F.-Benfica, às 20 e 30; Boa Hora-Sporting, às 21 e 45, e Belenenses-Alunos Apolo, às 23 horas, no Pavilhão da Tapada da Ajuda.

BASQUETEBOL — Taça de Portugal Masculina: C. D. U. P.-B. P. M., no Pavilhão do Estádio Universitário do Porto às 21 e 30.

Taça de Portugal Feminina: C. I. F.-Atlético da Encarnação, às 22 e 15, na Faculdade de Ciências, e Nacional-C. U. F., no Pavilhão da Ajuda, às 21 e 15.

FUTEBOL — Palestra sobre uma de arbitragem, na Associação de Leiria às 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de Seniores — Série A: Económico-Comutante, Palmeiras-Beatense B e Vitória-Lusitano. Série B: Cova da Moura-Cruzeirense e Paço de Arcos-Caixa Económica. Série C: Madre de Deus-Academia 1.º de Junho, Estrelas de Alvalade-Leões Amigos e Beatense A-Barrio Tacha, nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

NO PORTO

TÉNIS DE MESA — Taça de Portugal, juniores: C. D. U. P.-Mocidade, às 20 e 15, na sala do primeiro.

BASQUETEBOL — Taça de Portugal: C. D. U. P.-B. P. M., às 22 horas, no Pavilhão do C. D. U. P.

«Grande Prémio Riopele» — inscritos sete clubes

O «Grande Prémio Riopele» primeira prova ciclista em estrada, por etapas a realizar no norte do País de 10 a 13 deste mês, despertou grande interesse nos clubes nacionais. O F. C. do Porto, Tavira, Ambar, Coelima, Benfica, Sangalhos e Sporting não só concorrem com os seus melhores elementos profissionais, como irão experimentar vários seniores com vista a outras competições que se avizinham.

O número de ciclistas inscritos eleva-se a 84, estreando-se na equipa do F. C. Porto o seu treinador Frances Hubert Niel. Os corredores inscritos são os seguintes:

1 — F. C. DO PORTO: Joaquim Leão, Cosme de Oliveira, José Pacheco, Custódio Gomes, Joaquim Leite, Manuel de Sousa, José Azevedo, Carlos Santos, Manuel Ribeiro, Hubert Niel (entre duas inscrições reservadas deve ser incluído Mário Silva), e ainda Duarte Ribeiro, José Soqueiro, António Carvalho e José Moreira.

2 — TAVIRA: António Graça, José Nunes, António Teixeira, Rogério Domingos, Marcolino Santos, Florival Martins, José Carrasqueira, Francisco Martins, João Martins, Florival Faria, José Diogo e José Viegas.

3 — AMBAR: Manuel de Castro, Sousa Vieira, Albino Alves, Joaquim Coelho, Joaquim Freitas, Manuel Cortinhola, Custódio Cristina, Wilson Sá e Henrique Silva.

4 — COELIMA: António Pereira, Mário Miranda, António Rodrigues, Manuel Barros, Serafim Dias, António Salazar, Armindo Mendes e António Domingos.

5 — BENFICA: Fernando Mendes, Pedro Moreira, Manuel da Costa, Américo Silva, Manuel Luís, Augusto Cardoso, Daniel Vitorino, Joaquim Amorim, Valdemiro Cardoso, Augusto Fortes, Pedro Rodrigues, José Eduardo Santos, João Pinhal e Fernando Vieira.

6 — SANGALHOS: Joaquim Andrade, Herculano Oliveira, Celestino Oliveira, João Fonseca, Lino Santos, Albino Mariz, Norberto Duarte.

7 — SPORTING: João Roque, Leonel Miranda, Manuel Correia Paulino Domingues, Norberto Timóteo, José Vieira, Firmino Bernardino, Joaquim Agostinho, Emiliano Dionísio, Sérgio Páscoa, Vítor Tenazinho e Vítor Rocha.

A ordem das equipas, acima mencionada, é a da efectivação do sorteio.

TÉNIS DE MESA

O Centro Católico venceu o Sporting por 3-2, sendo o representante lisboeta para a fase final da Taça de Portugal (infantis).

Torneio Popular de Juvenis — Rio Seco A-Casa Pia A, 5-4; Combatentes-Rio Seco B, 5-1; Casa Pia B-Estrela Amadora, 0-5, e Beatense-Ateneu, 0-5.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Portugal-México	X
S. P. da Cova-V. Real ...	2
Mirandela-Fafe	2
Pinhalenses-Lamego ...	2
Marialvas-Lamas	2
Ferroviários-Sacav. ...	2
E. Portaleg.-Marinh. ...	X
Lusit. V. R.-Grandel. ...	2
U. Mont.-Farense	2
Bolonha-Roma	1
Cagliari-Milan	1
Inter-Torino	1
Verona-Fiorentina	2

COMEÇA HOJE O TORNEIO IBÉRICO PARA JUNIORES

No campo do Bessa, inicia-se hoje o «II Torneio Ibérico», para futebolistas juniores, organizado pelo F. C. Porto e Boavista.

Esta primeira jornada compreende os jogos Boavista-Desp. Corunha (início às 20 e 15) e F. C. Porto-Celta de Vigo.

Amanhã, também no campo do Bessa e à mesma hora, realizam-se os jogos Belenenses-Sevilha e Benfica-Bétis.

Acontecimentos DE ONTEM

Basquetebol

Resultados dos encontros de ontem a contarem para os vários torneios:

Nacional de Juvenis — «Poule» de desempate da Zona Norte: C. D. U. P.-Galitos, 53-29. F. C. Porto e C. D. U. P., juntamente com o Cruz Quebradense e o Barreirense, são os finalistas do Torneio Nacional de Juvenis.

Taça de Portugal, feminina — Algés-Moscavide, v.-f. c. e V. Setubal-Atlético, 27-6.

Grande Torneio de Juvenis — Sacavenense-Sporting B, 23-15; Belenenses-C. D. U. L., 50-24; Moscavide-E. Física A, 28-9; Casa Pia-Ateneu B, 30-24; Nacional A-E. Física B, 34-16; Nacional B-Campolide, 36-11 e Queluz-Sporting A, 21-29.

Grande Torneio de Juniores — Moscavide-C. D. U. L., 32-22.

Grande Torneio de Seniores — Campolide-Sacavenense, 46-40 e C. I. F.-C. Quebradense, 44-47.

Luta greco-romana

Para o Nacional (por equipas) o Sporting venceu o Belenenses, por 8-0, com os seguintes resultados técnicos: 48 quilos — Álvaro Duarte (Sp.) venceu Ermelindo dos Santos (Bel.), por assentamento; 52 — Leonel Duarte (Sp.) venceu Diamantino Guerreiro (Bel.), por pontos; 57 — João Grilo (Sp.) venceu Pedro Vítor (Bel.), por assentamento; 62 — Luís Grilo (Sp.) venceu Joaquim Delgado (Bel.), por assentamento; 68 — Joaquim Vieira (Sp.) venceu Artur Dinis (Bel.), por assentamento; 74 — Henrique Reis (Sp.) venceu Vítor Fernando (Bel.), por assentamento; 82 — Luís Aragão (Sp.) venceu Carlos Nunes (Bel.), por pontos; 90 — Manuel Barbosa (Sp.) venceu Augusto Conceição (Bel.), por assentamento.

Em Linda-a-Velha, o Sporting local foi derrotado pelo Ginásio A. C. da Baixa da Banheira, por 2-6.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — UM HOMEM SEM MEDO — Politeama

IMPERIO

(M 12 anos) Tel 556134

A maior produção cinematográfica do mundo

3.ª SEMANA

AUSTERLITZ

1.º EPISÓDIO DE «GUERRA E PAZ»

Real. Sergei Bondarchuck segundo a obra de Leo Tolstoy

Atenção: horário das sessões: Sessão, 15.00; filme, 15.13 Sessão, 21.30; filme, 21.43

ESTUDIO

(M 12 anos) Tel. 48560

Às 15.30, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

CHARLY

TIVOLI

(M 12 anos) Tel. 50595

Às 3 e 6 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite

2.ª SEMANA

NA TELA GIGANTE de 70 mm em Super-Panavision — Technicolor

CHITTY, CHITTY, BANG, BANG

com Dick Van Dyke e Sally Ann Howes

CONDES

Telefs. 322523 - 326710

Às 15.15 e 21.15 (Adultos)

70 mm — Metrocolor

E TUDO O VENTO LEVOU

c/ Clark Gable, Viven Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland

O filme começa a ser exibido 10 minutos depois do início das sessões

RESTELO

(M 12 anos) Tel. 610375

Às 21.30

QUO VADIS

com Robert Taylor e Deborah Kerr

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326306

HOJE, À NOITE, ÀS 21.30

Uma ESTREIA sensacional e apaixonante com o famoso MARLON BRANDO e ANJANETTE COMER

UM HOMEM SEM MEDO

Um filme de violência, paixão, ternura, amor e crueldade

HOJE, ÀS 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA (M. 17 anos)

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

A 15.15 18.15 e 21.30

2.ª SEMANA

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

Vinte anos de ilusões e frustrações num filme excepcional Richard Burton e Elizabeth Taylor em

QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080

Às 15.45 e 21.45

2.ª SEMANA

Últimas exibições

Richard Burton e Elizabeth Taylor em

QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

Às 15.30 e 18.30 e 21.45

3.ª SEMANA

O filme que deu significado à palavra «suspense»

AS DIABÓLICAS

A obra-prima de H. G. Clouzot

com Simone Signoret, Paul Meurisse, Vera Clouzot e Charles Vanel

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560

Às 21 horas

O DESAFIO DAS AGUIAS

UMA QUADRILHA

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153

4.ª SEMANA

Às 15.15, 18.15 e 21.30

STEVE McQUEEN e FAYE DUNAWAY

O GRANDE MESTRE DO CRIME

Um filme de classe invulgar

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

Às 15.15, 18.30 e 21.45

3.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!

Charlton Heston e Maximilian Schell no mais arrebatador espectáculo do ano!

SINFONIA PARA UM INIMIGO

(TECHNICOLOR)

Rigoroso exclusivo de época

METRO: Estação Picoas

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

Às 21.30

O FILME DOS 10 OSCARES!

E TUDO O VENTO LEVOU

70 mm — Metrocolor

c/ Clark Gable, Viven Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland

Atenção: o filme projecta-se 10 minutos após o início da sessão

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131

Às 15 e 21.30

Todo o talento de Barbra se afirma em cada imagem. Ingénua... Ardente... Atrevida

FUNNY GIRL

...uma rapariga endiabrada...

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283

Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30

2.ª SEMANA DE GARGALHADA

com Sylvia Koscina e Robert Hursch

A VIÚVA SOLTEIRA

(Scope-Col.)

HOJE, estreia do documentário de grande oportunidade: «Eisenhower — Cidadão do Mundo»

EDEN

(Adultos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.30 e 21.45

David Niven e Lola Albright em

A MINHA FILHA É UM PROBLEMA

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917

A BRIGADA DO DIABO

SINFONIA DA VIDA

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933

A TÚNICA

DANÇAS DO PRÍNCIPE IGOR

LIDO

Praça D. João I — Amadora

(M. 17 anos Tel. 937593

Às 21.30 h.

De novo num «écran» de 70 mm poderá voltar a ver o filme mais espectacular e poderoso da época!

AS SANDÁLIAS DO PESCADOR

Anthony Quinn num desempenho magnífico e sumptuoso!

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729

Às 17 e 21.30

O EVANGELHO SEGUNDO S. MATEUS

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

Em continuação de estreia

3.ª SEMANA

Fred Astaire e Petula Clark em

O VALE DO ARCO IRIS

TECHNICOLOR — 70 mm

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

Às 21.45

2.ª SEMANA

Um novo ídolo da canção LITTLE TONY numa comédia de esfuziante alegria

AMOR, LOUCO AMOR

EASTMANCOLOR

com Katia Christine

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

GIL VICENTE — Às 21 e 45: «Maria Stuart» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «À espera de Godot» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 23: «A preguiça» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos).

CINEMAS

COLISEU — Às 21 e 15: «O Divino Mestre» (6 anos).
CINEARTE — Às 21: «Uma vontade maior» (12 anos).
PARIS — Às 21: «A Túnica» (12
ROYAL — Às 21: «Charada Internacional» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «As 5 estradas de Jerusalém» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «O diálogo das Carmelitas» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Hércules o Libertador» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «O Monje Branco» (12 anos).
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Saul e David» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «O Divino Mestre» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Cada bala tem um nome» (12 anos)
B. ENCARNAÇÃO — Às 21: A Túnica» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Madame X» (17 anos).

● Linha de Cascais

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Desafio ao Robin dos Bosques» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «O Evangelho Segundo S Mateus» (12 anos).
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «Julio César» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «A Bíblia» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Dois contra o Texas» e «Os espiões de Veneza» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Soldados sem rosto» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Este é o meu mundo» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY Às 21 e 30: «O mundo em que vivemos» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O expresso no inferno» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «A irmã yé yé» (12 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 15: «Ao pôr do sol» (12 anos). sonilhos» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Safari diamantes» (17 anos)

«QUANDO ELA SE DESPIU» continua o êxito

Continua a ser o cartaz alegre da capital a farsa de Claude Magnier «Quando ela se despiu...» que, há dois meses consecutivos, enche de público o Monumental. Esta farsa tem encenação de Manuel Santos Carvalho e, no desempenho, Camilo, Florbela, Carlos Coelho, com Carmem Mendes, Yola, Linda Silva, Alda Pinto e Alice Carla.

Hoje, espectáculo às 21 e 45; amanhã, descanso oficial da Companhia; sábado e domingo, duas sessões às 20 e 45 e às 23. Espectáculo para adultos.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

FREQUENTE
«O CONVÉS»
Av. Fontes Pereira de Melo, 45
Telf. 51232 - 51368
RESTAURANTE SNACK e PASTELARIA
E TODAS AS NOITES PARA M/ 17 ANOS VÁ AO
«PORÃO DA NAU»
AMBIENTE FAMILIAR
PRESENTES OS ROCK'S com EDUARDO NASCIMENTO
Tels 50529 - 51501

XANGAI
Av Duque de Loulé 20-B
Telef 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
e o célebre arroz CHAO CHAO

MINABELA
Restaurantes
Churrasqueira
Pastelaria
Diàriamente várias especialidades
AMADORA — Tel 939191/2
QUELUZ — Tel 951611

RESTAURANTES
«O MANEL»
Todos os dias a famosa LAMPREIA e ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
LARGO DO REGEDOR, 7, 1.º
TELEF 34982
Parque Mayer

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo Aos Sábados e Domingos
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis

Ligue-toque
PASTELARIA
SNACK - BAR
RESTAURANTE
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Av de Roma, 29-B
Tel 77 77 23

COZINHA ALENTEJANA
Telefone 72 70 71
Encerra às 2.as feiras

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir dos 29 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir dos 20 horas.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno A

ALCANTARA — Beirrão, R Prior do Crato, 25 (66 32 1)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av da Igreja, 9-D (7 780) ● São João de Deus, R. Pedro Ivo, -A e -B 125 40)
AMOREIRAS — Britânica, Trav Légua da Póvoa, 5 (689250)
ANJOS — Renascença, R Domasceno Monteiro, 04-A-B (83 504)
AREEIRO — Roma, Av de Roma, 85-B (772466) ● Garantia, Av Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ● Imperial, Av Guerra Junqueiro 30-B (726860)
ARROIOS — Veral, R. Morais Soares, 09 (40632)
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av Republica, 14-A (771379) ● Vale, Av Marquês de Tomar, 45 (773043) ● Delva, Av Duque d'Avila, 25 (45225) ● S. Sebastião, Largo S Sebastião, 1-9 (48642)
BAIRRO ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 4 (31 4 6).
BAIXA — Teixeira Lopes, R Aurea, 154 (3248 6) ● Oliveira, R Prata, 240 (321415)
BELÉM — Moura, T do Memória, 55 (630944)
BENFICA — União, Est Benfica, 592 (700092) ● Alegria, Est Benfica, 180-A-B (78051)
CAMÕES — Barreto, R Loreto 30 (327284)
CAMPO DE OURIQUE — Lebel, R. Infantaria 6, 98-B (688807) ● União, R Saraiva Carvalho, 119 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, R 8, 15, A-B (Bairro da Liberdade — (683694) ● Pinto, R Campolide, 11 (682610)
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTEFÂNIA — Mundial, L D Estefânia, 9 (45578)
ESTRELA E LAPA — Andrade Ribeiro, Av Infante Santo, 66-B (666971) ● Paiva da Costa, R. Lapa, 105 (664414)
GRAÇA — Ziller, R de S Tomé, 54 (862835) ● Central, R Penha de França, 58 (849245).
LUMIAR — Central, R Lumiar, 77 (790480) ● Douro, Al Linhas Torres, 93-A-B (791131).
OLIVAIS — R Alves Gouveia, 19 (811287).
PALHAVÃ — Canto, Est Laranjeiras, 202-B (780841).
PICHELEIRA — Luzmar, R João Nasom Costa 6-A (720708)
REGO — Baptista, R Francisco Tomás da Costa 5 (77 873)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R Zófimo Pedroso, 11 (38 36) ● Banha, Est Chelas, 173 (33224) ● Frazão, Rua Cruz de St.ª Apolónia, 90 (8470 9)
SANTA MARTA — Fernandes, R S José, 87 (326476)
SANTO AMARO — Biatitar, R D João de Castro, 27 (638824) ● Correia Azevedo, R Luís de Camões, 42-B (638625)
S. BENTO — Castro, R S Bento, 75 (6605 3)
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide, 22 (Tel 2518518).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R Ernesto da Silva 8 (212048)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039)
OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Macau, Rua J Elias Garcia, 62-B (2471785)
ESTORIL — Parque, Arcadas do Parque, 8 (260 91)
CASCAIS — Marginal, Av Marginal (280078) — A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (2802 4)

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, P 28 de Maio, 3-A (935518) ● Carmelo, R Elias Garcia Lote 28 (Telef. 933303) ● Helénica, Rua Elias Garcia, 2 (933613) ● S. Jorge, R Pedro del Negro, 5 Reboleira (938703)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (Tel. 97 10 23).
QUELUZ — André, Av Elias Garcia, 51 (950043) — Queluz, Av Miguel Bombarda, 123-A (95 84 1)
CACÉM — Central R Elias Garcia, 55 (2940034).
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins, 285, (2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456)
SINTRA — Simões, R Heliodoro Salgado, 26 (980832).
COLARES — Colares, Abrelo, (Tel 299086)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Portugal Av da Bela Rosa, 8 (224250
ALMADA — Macedo Henriques, R Bernardo Francisco da Costa, (271297)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est Nacional -8 (224 4)
BARREIRO — Moderna — R D. Henriqueta Gomes de Araujo, 2 (2273413)
COVA DA PIEDADE — Império — R Cabo da Boa Esperança 5 -A (274356).
MOITA — União Moitense, Av. dr Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Montepio — R Almirante Reis, 93 (230035)
SESIMBRA — Leão, Av Salazar (229471).
SETUBAL — Normal do Sul — P. do Bocage (Tel 222 6)
SEIXAL — Soromenho, R Paiva Coelho, 38 (22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Publica, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 668195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638531.

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Voltou-se uma bateira à saída da Barra do Douro

• Foram salvos os tripulantes

PORTO, 3 — Esta manhã, por volta das 7 e 30, saiu da Afurada a bateira «Mar Brilhante», com uma tripulação de cinco homens e que rumou para a saída da barra, para se fazer ao mar á pesca do sável.

Iam a bordo: o respectivo arrais, sr. José Rodrigues Tavares, de 25 anos, morador na Rua Alves Correia, e os pescadores srs. João José Gomes Rebelo, de 25; Joaquim Marques dos Reis, de 24; Artur Remelgado de Matos, de 27 e Alfredo Gomes Crista, de 36, todos casados e residentes na Afurada.

A viagem, rio abaixo, decorria da melhor maneira com água calma. Meia hora depois, a pequena embarcação atingia o cabeço e ia a transpor a barra do Douro. Nesse momento, formou-se uma vaga, contudo, pequena (com pouco mais de 40 centímetros de altura), na maré grossa. O arrais afrouxou a máquina para que a vaga ultrapassasse a embarcação. A onda, porém, cresceu e, então, o sr. José Rodrigues Tavares deu mais força ao motor da bateira, para lhe fugir. A vaga, porém, quebrou na popa da embarcação e «varreu» os seus cinco tripulantes.

Perto, a uns 50 metros, pairava a bateira «Artur Humberto», que logo foi em auxílio dos náufragos e os recolheu.

Entretanto, outras embarcações do mesmo tipo, as «Princesa do Douro», «Senhora dos Aflitos» e «Trevo da Felicidade» rumaram para o local, a prestar auxílio, e conseguiram recuperar a «Mar Brilhante», que rebocaram e, também a sua rede. Mesmo assim, perderam-se, ainda, as roupas de oleado, as botas de borracha, baús, etc., dos tripulantes e toda a documentação e respectivos apetrechos.

Conduzidos para terra, três dos cinco pescadores, os srs. João Gomes Rebelo, Joaquim Marques Reis e o arrais José Tavares, foram conduzidos numa ambulância dos Bombeiros Voluntários Portuenses (Secção da Foz) ao Hospital de Santo António, pois encontravam-se em estado de algidez. Receberam tratamento e regressaram as suas casas.

MORTE DE AFRICANOS NUM CARRO CELULAR

JOHANNESBURG, 3. — (R.) — Um carro celular que transportava presos da cadeia de Modderfontein chegou ontem a Johannesburg, após uma viagem de 25 quilómetros, trazendo três africanos mortos e outros tantos que tiveram de ser internados.

Os presos vinham para Johannesburg a fim de serem julgados.

A Polícia afirma que a causa da morte não pode ser determinada antes da autópsia, mas notícias locais indicam que os homens devem ter morrido asfixiados no carro que esteve avariado várias horas durante a viagem.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente muito nublado. Caíam aguaceiros nas regiões do Norte. O vento era fraco a moderado do quadrante de Norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 18°,5; mínima: Penhas da Saúde, —3°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 8°; Penhas Douradas, —1°; Coimbra, 8°; Portalegre, 4°; Lisboa, 10°; Funchal, 12°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 14°,6; na água do mar, 12°,5.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Noroeste. Aguaceiros.

Amanhã
Nascer ás 7 e 18
Ocaso ás 20 e 03

Dia 9 — Dia 16 — Dia 24 — Dia 2

MARÉS:

PREIA MAR: Dia 3 — 4 e 26 (4,1 m), 16 e 50 (4,1 m). Dia 4 — 5 e 04 (4,1 m); 17 e 27 (4,1 m). Dia 5 — 5 e 41 (4 m); 18 e 03 (4 m). BAIXA MAR: Dia 3 — 10 e 18 (0,7 m); 22 e 34 (0,7 m). Dia 4 — 10 e 54 (0,7 m); 23 e 14 (0,7 m). Dia 5 — 11 e 32 (0,8 m); 23 e 54 (0,8 m).

Os estabelecimentos podem fechar às 21 horas no próximo sábado

A União de Grémios de Lojistas de Lisboa informa que o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência autorizou que os estabelecimentos de comércio a retalho se conservem abertos depois de amanhã, até ás 21 horas, devendo fazer-se, nos termos legais, o pagamento das horas extraordinárias.

EM MOÇAMBIQUE

F. C. PORTO, 1 SELECÇÃO, 0

LOURENÇO MARQUES, 3. — (A. N. I.). — Violenta trovoada acompanhada de chuva torrencial, como poucas vezes se tem visto em Lourenço Marques, não permitiu que o jogo de ontem entre a equipa do F. C. Porto e a selecção de Moçambique fosse além dos 45 minutos da primeira parte. Mesmo durante este período, mais parecia estar a assistir-se a uma partida de polo aquático do que a um encontro de futebol.

Leopoldo, do Porto, marcou, aos 37 minutos, o único golo do desafio, a que presidiu o governador-geral de Moçambique, dr. Baltasar Rebelo de Sousa.

CLUBE 107

Foi ontem inaugurado o «Clube 107», na Rua da Madalena, 107, «boîte» que vem valorizar o rol das casas de espectáculos deste género existentes em Lisboa.

Dispõe de condições e de ambiente próprios para satisfazer o público frequentador deste tipo de locais de divertimento.

AS OBRAS DE ARTE DO PALÁCIO POMBAL

A Fundação Calouste Gulbenkian encerra no próximo domingo a exposição do Palácio Pombal (Oeiras), patente ao público desde Julho de 1965.

Tratando-se de uma exposição provisória, vão agora as obras de arte que a constituem ser transferidas, juntamente com a restante colecção, para o Museu Gulbenkian em Lisboa, aí ficando definitivamente instaladas no antigo Parque de Santa Gertrudes, hoje Parque Calouste Gulbenkian, á Avenida de Berna. O futuro Museu será inaugurado no próximo Outono.

Levantado um ramal entre o Seixal e o Barreiro

Pelo decreto-lei 48936, emanado do Ministério das Comunicações, foi desclassificado o troço da linha do Sul entre o Seixal e o Barreiro, denominado ramal do Seixal, incluído no Plano Geral da Rede Ferroviária Continental, aprovado pelo decreto 18190.

A desclassificação do ramal significa de perto o seu levantamento. Com efeito, o referido troço passava por uma pequena ponte levadiça, á saída do rio Coina, a qual, pela sua baixa altura, prejudicava a navegação dos grandes barcos que frequentemente sobem e descem o Coina para descarregarem e carregarem minério e outras mercadorias destinadas ou provenientes da Siderurgia Nacional. Julgando-se preferível levantar o mencionado ramal para beneficiar a circulação de navios na embocadura do Coina, o tráfego que até agora se fazia pelo troço ferroviário em causa, passará a efectuar-se por novas carreiras fluviais a assegurar pela própria C. P., cujo funcionamento espera-se não tarde.

A morte estranha de um demente

VISEU, 3 — Foi enviado pela G. N. R. ao tribunal desta comarca, com o respectivo auto, o indivíduo incriminado por suspeita de ter quaisquer responsabilidades na morte do atrasado mental que residia em Moire de Carvalhal, caso a que nos referimos, oportunamente.

O preso, Frederico Martins, está a ser interrogado pelas autoridades judiciais.

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

PERDERAM-SE 15 MIL CONTOS?

OS 15 MILHÕES DA PÁSCOA

SÓ ESTÃO TOTALMENTE PERDIDOS PARA QUEM NÃO CONFIAR NO CARIMBO DO

CAMPIÃO

RUA DO AMPARO, 2-C — LISBOA-2
(E FILIAIS)

Bilhetes, 500$00 — Décimos, 50$00

PEÇA SEMPRE JOGO DO CAMPIÃO
MAS VERIFIQUE
SE TEM O CARIMBO!

VINHO DO PORTO
BARROS
A QUALIDADE À SUA MESA

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 557/3 DE ABRIL DE 1969

Entrevista com

FARIA DE ALMEIDA

a propósito de «Bonecos de Luz»

(páginas centrais)

«O Delfim»: Uma personagem marialva?

por Natália Nunes

A MAIOR PARTE dos autores das críticas feitas a «O Delfim» parece mostrar que o protagonista, o Engenheiro, será a transposição romanesca de um protótipo de marialva nacional do séc. XX, personagem perante a qual o escritor, pensam também os críticos, não chegaria a definir uma clara atitude de condenação ou absolvição. José Saramago disse: «Cardoso Pires demonstra certa tinta de simpatia um odor de saudade dos bons tempos antigos, como se em Cardoso Pires lutassem a sua opção intelectual e a sua íntima natureza, numa complicada relação de amor-ódio, responsável pela ambiguidade de patente na sua obra» (1). E conclui que «O Delfim não abre brecha na muralha do marialvismo» (2). Por sua vez, Mário Dionísio aponta a «nostalgia de um mundo que se reprova mas cujo desaparecimento lá no mais fundo se lamenta sem que se dê por isso» (3). A Serafim Ferreira «pouco lhe importa a maneira de ser marialva da dinastia dos Palma Bravo, porque a zona da sua dimensão humana nos escapa, nos não arrepia nem desassossega» (3).

Ora, pessoalmente, parece-me que:

— não é intento de «O Delfim», nem consciente nem inconsciente, «abrir brecha na muralha do marialvismo».

— que Tomás Manuel, em última análise, não reprova o seu mundo.

— que, contràriamente ao que várias vezes foi afirmado, «O Delfim» não é exactamente a transposição para a ficção do tipo do marialva ou do machista lusitano, definido no ensaio «A Cartilha do Marialva», do mesmo escritor.

— que a zona da dimensão humana do Tomás Manuel não nos deve escapar, pelo contrário, é passível de nos causar desassossego e preocupação, porque é uma real zona humana de conduta como outra qualquer.

Acredito existir na verdade em «O Delfim» uma forte dose de ambiguidade, e até em dois planos, como procurarei demonstrar mais para diante; mas o conflito, em meu entender não se estabelece exactamente por no autor lutarem «a sua opção intelectual e a sua íntima natureza numa complicada relação de amor-ódio».

Existe tal relação, existe conflito, mas que não se estabelecerá entre uma opção intelectual e uma natureza, por quanto essa expressão de «opção intelectual», empregada assim, *sem outro esclarecimento*, leva-nos a pressupor que nela se implicitou o complexo de noções ético-sociais-culturais *repudiadoras do marialvismo*, e que, portanto, se calcula «deverem» ser assumidas pela mente esclarecida do Autor. Ora, segundo penso, essa opção intelectual, dentro de uma análise mais aprofundada, levar-nos-ia antes a pressupô-la como uma mentalidade, não anti-marialva mas sim *libertina*, uma mentalidade de revolta contra uma sociedade condenadora de certas atitudes, revolta essa impedida de se revelar em total claridade, uma mentalidade que, ao invés de reprovação da íntima natureza, pelo contrário, *desejaria defender o direito de expansão dessa natureza, embora o faça disfarçadamente;* e, em segundo lugar, o conflito, a revolta, acabam revelando-se numa relação instintiva de «amor-ódio», mas, note-se, *dirigida contra a mulher como ente de criação e não de sociedade*, e portanto, aí subsiste e resiste talvez certo machismo instintivo, não de todo superado, a espécie de metafísica sexual masculina que levará a personagem a afirmar-se como «um discípulo de Paulo», desconfiada contra o clássico «eterno feminino».

Porque Cardoso Pires escreveu a «Cartilha do Marialva», não nos devemos iludir e pensar que ele continua a fazer aqui, sob uma forma romanceada, «o processo dessa personagem». *Creio antes que a figura que ele pretendeu esboçar em «O Delfim», não é a do vulgar marialva, mas sim a de um libertino no sentido que emprega na dita «Cartilha» ou seja, a do «voluptueux qui raisonne».* Pois o «Delfim», como lá mesmo se diz, em última análise é «uma história de amor e castigos»: a lagoa não queima apenas, também se «vinga».

Toda ambiguidade patente em «O Delfim» resultará de ele ter camuflado a personagem masculina principal, o seu «aspirante a libertino», sob os disfarces do marialvismo. E aqui se vê como na terra das muralhas pecadoras, com lagartixas pasmadas, em matéria de erotismo até o sexo masculino

(Continua na 7.ª página)

Há dois anos, o I encontro dos críticos de arte

Folhetim artístico de José-Augusto França

FAZ AGORA dois anos que se realizou em Lisboa o I Encontro de Críticos de Arte Portugueses de que fui um dos organizadores. Falou então a Imprensa, tanto quanto pôde, deste acontecimento — que foi acontecimento mesmo, na assaz pasmaceira da nossa vida artística.

Durante quatro dias, de 28 a 31 de Março de 1967, na sala do C. N. C. à beira do Chiado reuniu-se perto de uma centena de pessoas interessadas nos problemas em debate e na iniciativa vieram colaborar todos os que, de boa vontade pretendem dar-lhes remédio. Vieram mesmo do estrangeiro, de Paris e de Madrid, críticos membros da Association International des Critiques d'Art trazer depoimentos e testemunhos que importava confrontar com o fruto da experiência dos críticos nacionais então ainda não agrupados convenientemente numa secção portuguesa da A. I. C. A.

Quatro temas ocuparam as quatro sessões de trabalho — ou as oito, porque cada uma delas se desdobrou entre a tarde e a noite, com uma regularidade de bom augúrio.

Discutiram-se assim paralelos entre a História, a Sociologia, a Estética e a Crítica de Arte, cabendo apresentar trabalhos ao prof. Ferreira de Almeida, da Faculdade de Letras do Porto; ao arq.º Nuno Portas, da E. S. Belas-Artes, de Lisboa, e a Salette Tavares, sendo os comentários confiados a Pedro Vieira de Almeida e a mim próprio. Discutindo-se seguidamente o tema «Perspectivas da Arte Ocidental», leram trabalhos Mário de Oliveira (comentário de Alfredo Margarido), Ernesto de Sousa (comentário de M. P. do Rio-Carvalho) e Fernando Pernes (comentário de Nelson di Maggio). No terceiro dia estudou-se «Função e Situação do Crítico de Arte», com teses de Henri Galy-Carles, J. M. Moreno Galván e Rui Mário Gonçalves, comentários respectivamente, de mim próprio, de Nelson di Maggio e de Fernando Guedes. No último dia coube-me dirigir uma mesa-redonda sobre «Perspectivas da Arte e da Cultura Artística em Portugal», na qual participaram Ernesto de Sousa, F. Pernes, R. Mário Gonçalves e Fernando Azevedo, co-

(Continua na 7.ª página)

AQUI, no «Suplemento DL», ele foi um dos melhores companheiros das horas difíceis. Uma assinatura da maior responsabilidade a garantir a segurança de um critério, a generosidade e o optimismo em relação à actividade criadora dos nossos prosadores. Sim, um tranquilo e saudável optimismo num homem de estranha e impenitente lucidez em relação a si próprio. Foi isso, Mário Sacramento.

Mas este homem que tanto se analisava a si próprio («Tenho tudo em meio e já não me restam muitos anos para acabar o que está e o que há-de vir», costumava ele dizer), este invulgar investigador do fenómeno literário, apesar da sua obra ensaísta tão saudada e enaltecida, tinha a comandar-lhe o ânimo, a irresistível tentação de comunicar quotidianamente. De intervir e ajudar.

Por isso, conscientemente por isso, Mário Sacramento sacrificou a sua obra pessoal mais elaborada e duradoura em benefício da Crítica regular. Ninguém com um mínimo conhecimento da ensaística portuguesa contemporânea e do lugar que nela ocupa Mário Sacramento pode deixar de avaliar o esforço que representaria o exercício de crítica jornalística num intelectual de tão aprofundado labor de análise e de tão natural profundidade de reflexão no estudo da Literatura

Mas era necessário que alguém fizesse eco e pusesse esclarecimento neste apagado e tão confuso mundo das Letras de agora, deste momento. E foi por isso que o escritor Mário Sacramento se juntou a alguns raros escritores para «falar dos outros». E esse foi um dos traços mais secretos e mais veementes da sua abnegação intelectual. A leitura quotidiana e a vigilante atenção com que acompanhou a obra dos prosadores deste tempo e deste lugar a coragem de não se refugiar nos autores do passado nem em «historicismos» comodistas, o humor e a alegria de criador com que falava de um romance ou de uma novela, isso e uma sólida formação cultural marcaram-lhe uma presença na vida literária nacional que — os anos o dirão — se tornará cada vez mais saudosa.

Ver e intervir, eis uma urgência que se põe aos espíritos fortes e confiantes. Intervir civicamente, acreditar na felicidade do homem e estar com ele nas suas formas superiores de acção — é este um decidido e absorvente programa que enriquece a consciência mas que absorve e desgasta.

Foi assim Mário Sacramento, um homem maior que a realidade física que o sustentava. Um dramaturgo que não teve tempo de dar os últimos retoques nas suas peças, um ensaísta de fôlego que interrompeu uma obra de grandes perspectivas e tão sòlidamente iniciada com os volumes que publicou

E, como ele previra, o tempo traiu-o. Aos quarenta e nove anos uma voz familiar, tão nossa, tão do nosso tempo, deixa de se ouvir e com ela também os prosadores portugueses deixarão de ter aquele eco companheiro que os sabia escutar com prazer e dedicação.

Traduzir Rilke

AS ELEGIAS DE DUINO E SONETOS A ORFEU
Rainer Maria Rilke
versão portuguesa de Paulo Quintela
Editorial Inova

TRADUZIR Rainer Maria Rilke não é tarefa para mercenários. Como o não é traduzir Hölderlin. As traduções de Rilke e Hölderlin de Paulo Quintela são obras de amor, casos esporádicos entre as traduções para língua portuguesa.

A propósito da recente edição da INOVA ocorrem duas perguntas: qual o interesse de Rilke; qual o nível das traduções.

A *defesa* de Rilke não pode ser tentada nos quadros dum comentário. Rilke é um poeta desconhecido em Portugal, difícil de abordar e talvez suspeito. Suspeito sobretudo de aristocracia: o que pode fàcilmente confundir-se com esteticismo, religiosidade, hermetismo.

Diríamos que não: que a «aristocracia» de Rainer Maria Rilke será antes rigor, misticismo - não - religioso, lucidez; que as formas que escolhe não são as do palácio mas sim as do cosmos, que a sua transcendência é a do homem e não a de Deus (deus é para ele feito à medida, o programa da exigência — *Mas a mão do «meu» Senhor quero eu guiá-la*, Sonetos a Orfeu, XVI — não a origem que a falta de clareza aparente resulta da *viagem* (como se diz no vocabulário psicadélico) e da descoberta, não da confusão.

Escuta, já ouves o trabalho
[dos primeiros
andrinhos; de novo o ritmo
[humano
no silêncio retraído da terra
[forte

(Sonetos a Orfeu, XXV)

Rilke virá ainda longe.

●

O valor da tradução não poderá ser julgado pela maioria dos leitores portugueses senão por comparação com traduções noutras línguas e com os *Poemas Franceses* de Rilke.

Da comparação de traduções dum mesmo poeta em duas línguas — pressuposta a premissa inicial da *qualidade* — resulta sempre uma impressão difusa: se um poema *parece* melhor numa das línguas, outro poderá *parecer* pior.

Ocorre comparar o início da *Balada do Amor e da Morte do Alferes Cristovam Rilke: Caralgar, cavalgar, cavalgar...* que dificilmente será aceitável em francês: *Chevaucher, chevaucher, chevaucher...*

As traduções de Paulo Quintela poderíamos pôr uma relativa reserva. a decisão, a escolha que todo o tradutor tem de fazer a cada passo. nem sempre é feita, em *As Elegias de Duino e Sonetos a Orfeu*, em proveito do rigor. da violência no rigor que é uma das dimensões fundamentais da poética de Rilke.

Pois o belo não é senão
O começo do terrível, que nós
[mal podemos ainda suportar

ganha em rigor e densidade na tradução de Maurice Betz:

Car le beau
n'est que se degré du terrible
[qu'encore nous supportons

(primeira das Elegias de Duino)

Prof. Paulo Quintela

O mesmo para o I soneto a Orfeu:

Du bosque tam saindo
bichos silentes, de covil ou
[ninho;
Fait de silence, des animaux
[surgirent
des gîtes et des nids de la
[claire forêt.

Mas inversamente a tradução de Paulo Quintela ganha por vezes na comparação:

Nós nunca temos, nem um
[único dia,
o puro espaço ante nós, para
[o qual as flores
se abrem infinitamente.

Mais nous, jamais nous
[n'avons un seul jour
le pur espace devant nous,
[où les fleurs souvrent
infiniment.

(oitava Elegia de Duino)

J. M.

Reedição oportuna

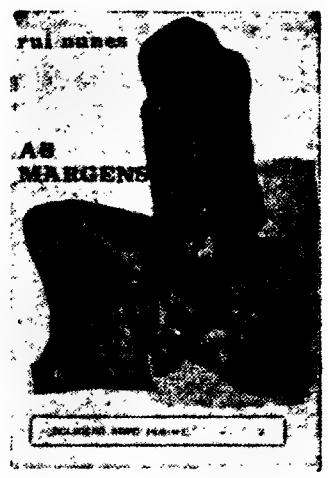
O SIGNIFICADO DA ARTE
de Herbert Read
2.ª edição
Col. Pelicano — Edit. Ulisseia

«O Significado da Arte» foi editado pela primeira vez em 1931, composto a partir de uma série de artigos publicados no semanário literário «The Listener». Em edições posteriores, o autor decidiu acrescentar-lhe outros capítulos, visando uma maior consistência teórica e histórica. É, por isso, um estudo da história da arte, em especial da pintura e da escultura, ao mesmo tempo que coordena alguns princípios fundamentais da estética contemporânea. É nesse sentido que Herbert Read procura uma base de análise para a obra de arte, tentando apropriar-se daquilo que a define na sua essencialidade. Não deixa, para tanto, de ensaiar o processo mental que integra a sua visão e a consciência dos seus fenómenos. Grande parte do livro parece exemplificar a permanência de certas coordenadas, explicitando um longo exercício de análise, que começa nos desenhos primitivos e chega às afirmações do surrealismo. «O Significado da Arte» é, na exigência com que se formula, um livro ainda oportuno, e a sua reedição entre nós merece ser, por isso, devidamente assinalada.

R. S.

Nas margens do inútil

AS MARGENS
de Rui Nunes
Colecção Édipo
Lisboa. 1969



NÃO LEMOS «Ângulo Sem Espaço», o primeiro livro de Rui Nunes. Se, porém, correspondem à verdade alguns elogios da crítica transcritos na contracapa de «As Margens», houve um retrocesso profundo na capacidade criadora do autor. Pois o seu segundo livro — que só por uma questão deontológica conseguimos ler até ao fim — desmente qualquer louvor e impossibilita a mais pequena esperança.

Toda a obra de arte nasce da necessidade de transmitir aos outros alguma coisa, mesmo que essa alguma coisa seja o nada. Mas entre o nada e nada existe uma subtil diferença. Rui Nunes não a compreendeu e optou pelo segundo caminho. Não tinha nada para nos dizer e escreveu mais de 150 páginas. «Para quê?», pergunta o crítico apesar de tudo bondadoso. «Para te comer melhor» diz o lobo disfarçado de avózinha no Capuchinho Vermelho. «E o que é e sume?», pergunta o filho do O'Neill n'*O Lanterna Vermelha* É o que queima», responde a testa iluminada do paizinho. Baralhado, o bondadoso crítico fica a reflectir sobre o didactismo de certas histórias pseudo-infantis e a alegoria analógica dos versos do grande poeta.

Mas depois recorda-se que, por vezes, a forma pode ser o principal conteúdo de uma obra e tem medo Abre o livro à sorte e lê: «Lívio semiergue o corpo, apoia-se nos cotovelos olha a areia coalhada e brilhante as poças que parecem latejar. *mas um menino lá em baixo só colocou mesmo a meio*, sentou-se e com uma pá foi fazendo uma cova...» (sic o itálico é nosso). E então desiste. Para quê continuar? «As Margens» de Rui Nunes estão na margem do inútil e não será o bondadoso crítico quem irá dar o derradeiro empurrão...

M. A. V.

Prémio de Novelística Almeida Garrett

A 8 DE Março, realizou-se no Porto a reunião final do Júri constituído para atribuição deste Prémio, e da qual fazem parte os snrs. ministro Fernando Ronald de Carvalho, Cnsul-Geral do Brasil no Porto, que presidiu, drs. Oto Lara Resende, Adido Cultural à Embaixada do Brasil, Mário Sacramento, Eduardo Prado Coelho e Óscar Lopes, que secretariou em nome da *Editorial Inova*.

O Prémio foi atribuído *ex aequo* a duas obras concorrentes cuja autoria posteriormente, e nos termos do Regulamento, se identificou verificando-se que um dos dois romances premiados, *Um Dia São Dias*, tem como autora Marta de Lima, escritora já conhecida, e o outro, *Os Três Setos de Novélia*, Manuel da Silva Ramos, estudante em Lisboa.

Deste modo, embora circunstâncias contrárias aos desejos e porfiados esforços da Editorial Inova não permitissem uma significativa participação de autores brasileiros, o *Prémio Almeida Garrett* desempenha um importante papel imediato: confirma os méritos de uma autora ainda há pouco revelada, e inicia, nas condições mais prometedoras, a carreira de um jovem escritor. É de esperar que a compreensiva presença, no Juri, de dois ilustres brasileiros, um deles diplomata de carreira e herdeiro, pelo seu pai, Ronald de Carvalho, das melhores tradições de comunidade literária luso-brasileira, e o outro, escritor consagrado e Adido Cultural, contribua para uma consciência mais viva das reais possibilidades de cooperação editorial e literária entre os dois países irmãos, estendendo a reais dos seus benefícios percussão do Prémio para imediatos.

Os dois volumes premiados inaugurarão uma colecção de novelística, *Metamorfoses*, que representará um passo importante na reintegração da cidade do Porto nas suas tradições ùltimamente tão esquecidas, de vida editorial com características literárias.

A editorial Inova (que instituiu o Prémio Almeida Garrett em colaboração com a Portugália Editora) crê ter, deste modo, e logo no primeiro ano da sua actividade, contribuído na medida das suas possibilidades para a revivescência do Porto como centro de vida cultural, para sua integração nas perspectivas de todo o domínio linguístico português e para estímulo das mais recentes vicações literárias, que dificilmente encontram hoje uma oportunidade devido ás difíceis condições do mercado livreiro nacional. E apela para a compreensão da Imprensa e dos meios cultos, no sentido de uma colaboração que a todos virá servir e prestigiar.

Uma «calda» adequada

PÊSSEGOS EM CALDA
de Miguel Mihura
Livraria Civilização
Porto. 1968

NUMA COLECÇÃO de teatro — «Cena Aberta» — cuja principal característica é a inexistência absoluta de qualquer critério de escolha (mistura-se *A Louca de Chaillot*, de Giraudoux, com *Veneno de Cobra*, de Albert Husson, ou *Testemunha Hostil*, de Jack Roffey...) publicou a Editora Civilização, do Porto, a peça *Pêssegos em Calda* (Melocotón en Almíbar) do dramaturgo espanhol Miguel Mihura, já representada nos nossos palcos sob o título de «Operação Bossa Nova». Do autor vimos também *Maribel e a Estranha Família* e *Os Três Chapéus Altos*, esta última num belíssimo espectáculo da extinta companhia do Teatro Moderno de Lisboa.

Mihura, a quem J.-J. Gautier chamou o «Ionesco espanhol», foi com *Os Três Chapéus Altos* (escritos em 1932 mas estreados em Madrid apenas vinte anos depois) um dos precursores do chamado «teatro do absurdo». Utilizando o burlesco e fazendo apelo a uma fantasia poética que desprezava quaisquer regras, o autor denunciava a falsidade dos valores estabelecidos e punha a nu os mecanismos alienantes da sociedade dos nossos dias. De uma «actualidade quase profética» (Michel Corvin), *Os Três Chapéus Altos* eram uma espécie de repercussão teatral de tudo o que Chaplin trouxera ao cinema e à vida com a revolta silenciosa e desajeitada de Charlot.

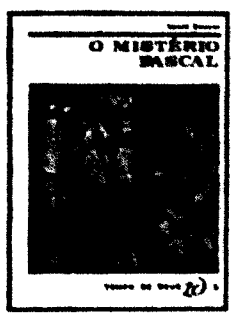
Tal nível de qualidade nunca mais foi atingido por Mihura, progressivamente enredado nos formulários de venda certa e na complacência cúmplice com tudo aquilo que tão certeiramente criticara. *Pêssegos em Calda*, por exemplo, não passa de uma medíocre comédia de «boulevard», construída em torno das vicissitudes de uma quadrilha de gatunos, cujos planos se frustram pela entrada em jogo de uma freira (!) com costela de Maigret.

Simples divertimento, dirão os adeptos da digestão fácil «que problemas temos nós durante o dia»! A eles precisamente se dirigem estes *Pêssegos em Calda* — numa calda adequada ao seu vazio mental e à sua dispensia.

M. A. VALENTE

• O MISTÉRIO PASCAL
Louis Bouyer.....60$00

Não basta dizer que as festas pascais são o centro do ano eclesiástico. São igualmente o núcleo para onde tudo converge e a fonte de onde tudo jorra. No seu todo, o culto cristão não é mais do que uma celebração contínua da Páscoa. É sol que não deixa de erguer-se acima da terra e que leva atrás de si um rastro de eucaristias nem por um só instante interrompido.



UNIÃO GRÁFICA—R. Santa Marta,48—LISBOA

LC uma editora em renovação

ANA HATHERLY

Galeria Quadrante

Ana Hatherly: Meditação sobre a escrita

Resposta a três perguntas de Rocha de Sousa

A GALERIA QUADRANTE apresentou um conjunto de «exercícios» de Ana Hatherly, personalidade que aos problemas da escrita tem dedicado larga reflexão. Ana Hatherly, que se reconhece e reivindica na poesia portanto caracterizada profissionalmente pela literatura, tem nesta sua exposição um longo trabalho de consequências plásticas para além da atitude criadora, mas as coordenadas do seu aparecer e da sua exigência não são muito conhecidas do publico em geral.

Para uma melhor caracterização dos problemas aí implícitos, criando um paralelo vivo com a exposição referida, pedimos a Ana Hatherly que desenvolvesse algumas considerações a propósito do seu trabalho mais recente, dentro dos seguintes pontos principais: *1) que tipos de realização determinaram e fundamentam a actual experimentação da escrita. 2) quais as coordenadas definidoras desse trabalho. 3) qual a medida de relações estabelecida com o domínio das artes plásticas.* Publicamos, segundo este esquema, a resposta da Ana Hatherly.

1

Há cerca de três anos uma pessoa amiga ofereceu-me um dicionário chinês. Fiquei de tal modo fascinada que comecei imediatamente a copiar página a página o dicionário. O meu objectivo era tentar compreender, da maneira mais íntima possível, o mecanismo daquela escrita. No primeiro mês lembro-me de ter gasto 500 folhas de papel, o que deve equivaler a alguns milhares de pequenos desenhos. Eu queria tentar refazer, com essas cópias, a experiência milenária adquirida através desse gesto de exprimir o pensamento: a arte de escrever. Comecei pois a copiar, utilizando tanto quanto possível materiais idênticos aos usados pelos chineses, pois que a evolução dos materiais utilizados na escrita, a par de evoluções de carácter complexo — mas não sei como desligar umas das outras — determinaram a evolução do perfil gráfico. Refiz como pude esse itinerário; refiz como pude essa viagem antiquíssima (o mais antigo especimen de escrita chinesa que se conhece, é em bronze e data provàvelmente do século XX antes de Cristo). Quando a minha mão se tornou inteligente, isto é, quando finalmente compreendi, tinha atingido o ponto da reflexão. Depois de ter feito milhares de pequenos desenhos a pena de pato, a estilete, a pincél, etc., etc., adquiri a perspectiva suficiente para poder reflectir sobre os gestos que me eram necessários para executar esses desenhos, livre de todos os liames linguísticos, porque estudara apenas um grafismo e não uma língua.

Continuei a desenhar mas então já atenta aos gestos que executava: estava-me debruçando sobre a estrutura do gesto, seguindo o seu desenvolvimento. Quando me foi possível destacar os gestos dos resultados gráficos, estava liberta do grafismo chinês que me obcecara durante tanto tempo. Comecei então a desenhar apenas o que correspondia aos constituintes internos dos caracteres arcaicos, antropomórficos ou de algum modo figurativos, característica comum á escrita de muitas civilizações em dado grau de evolução.

Logo a seguir, comecei a desenhar uma espécie de ideogramas de carácter semi-antropomórfico, misto da minha experiência da escrita chinesa e da minha reflexão sobre os gestos necessários para a praticar. No meu trabalho utilizei apenas aquilo a que se pode chamar o meu *estado de cultura* ou o meu *grau de evolução de sensibilidade e inteligência*. Deliberadamente eu pus de parte tudo o que sabia para partir para uma experiência desconhecida: eu queria realizar um acto poético puro, praticar a liberdade.

2

Há um princípio fundamental que já antes se me impusera mas que vejo confirmado agora. É este: *os actos criadores têm consequências incalculáveis porque, julgando que se está a fazer uma coisa, está-se sempre fazendo outra, ignorada e, no momento, imensável.* É isso que distingue um acto criador. Por exemplo: se eu pintasse uma árvore e todos que vissem essa pintura, incluindo eu própria, pudessem dizer: é uma árvore, nada mais, eu não teria realizado um acto criador. O acto criador é esse que se autonomiza, que segue seu próprio rumo, independente da determinação de quem originalmente o praticou.

Desenho de Ana Hatherly, 1969

Para que, pintando uma árvore, eu tivesse realizado um acto criador, seria preciso que cada pessoa que visse essa árvore visse uma coisa diferente, totalmente desligada ou distinta da árvore por mim pintada e inclusive distinta da que eu tencionara pintar.

Nos desenhos que apresento agora nesta primeira exposição na Galeria Quadrante, faço uma meditação sobre o acto de escrever. Escrevo e ilustro a escrita com os próprios movimentos com que ela é feita. Isolo os elementos geométricos que são a base da escrita ocidental, latina — deixo (quase totalmente) o grafismo oriental para os orientais. Se o grafismo chinês representou e representa toda uma visão do mundo, uma filosofia da vida, uma metafísica, por que razão o grafismo ocidental não pode conter as mesmas ou semelhantes implicações?

Foi por isso que após ter estudado o grafismo chinês até quase á saturação eu pude, depois de uma fase de depuração, estar preparada para me debruçar sobre a escrita que eu própria praticava e pratico desde os três anos de idade; que corresponde á civilização a que pertenço; á concepção do mundo que herdei e pratico; às tendências históricas, sociais, estéticas que me determinam e que eu continuo e modifico. A utilidade do meu estudo do grafismo chinês residiu neste facto simples mas essencial: eu desconheço a língua chinesa. Por isso consegui estudar a sua escrita livremente, á margem de todas as implicações linguísticas, debruçando-me apenas sobre o aspecto visual. Porque se eu soubesse chinês, ao copiar as inscrições, os ideogramas, os simples caracteres, teria estado *distraída*, teria sido levada por outras solicitações. Assim eu estive sempre naquele estado de *atenção* sem o qual nenhuma reflexão é possível.

Quando finalmente me debrucei sobre a minha própria escrita, estava preparada para abstrair, em relação a ela, as implicações semânticas, dedicar-me á pura observação dos gestos que fazia ao escrever a minha língua. Cheguei a conclusões simples: a nossa escrita tem uma estrutura circular; desenrola-se linearmente, no espaço e no tempo. Fiz outra vez incontáveis quantidades de desenhos para a mim própria demonstrar a verdade desta observação. Foi isso que me permitiu realizar o isolamento dos seus elementos constitutivos — segmentos de recta e linhas curvas, seccionadas ou não. Faltava-me apenas analisar os gestos empregados: fiz outra vez inúmeras experiências e acabei por ser capaz de representar, desenhados, todos ou pelo menos todos os principais movimentos executados por mim e por toda a gente durante o acto de escrever á mão. Posteriormente dediquei-me á organização dos elementos constitutivos da escrita em novas escruturas, diferentes daquelas de que tinham sido isolados, e isso permitiu-me chegar a novos tipos de escrita possível, desde o alfabeto estrutural de base matemática (que já apresentara em 1967 em OPERAÇÃO 1) á escrita ideogramática do mundo físico, desde o perfil das proteínas á espiral mística passando pela órbita dos astros.

3

Esta exposição não é uma exposição de artes plásticas. Sem duvida que os trabalhos expostos são desenhos de arte, de consequências plásticas e estéticas (porém, como posso eu prever as consequências dos meus actos criadores?) mas fundamentalmente — e aí é que reside a sua novidade — trata-se de uma viagem, de um itinerário espiritual, de uma meditação sobre o acto de escrever, de uma consequência do facto de eu escrever.

Quis acentuar esse aspecto ao recusar toda a valorização dos trabalhos expostos: uso apenas o material que uso para escrever normalmente, caneta de tinta permanente, esferográfica, flow-master, papel de escrever á máquina e pequenos rectângulos de cartolina que utilizo normalmente para tomar notas ou para escrever às pessoas amigas. Não utilizei outra espécie de valorização, ou como tal considerada, precisamente porque os seus trabalhos não se destinam a brilhar nos salões nem devem servir para decoração. Foram feitos porque precisei de fazê-los e agora não posso senão oferecê-los áqueles que desejem contemplá-los e através deles queiram, comigo, refazer essa viagem de que cada fragmento ou cada série é uma etapa. Esta exposição é para ser vista como quem lê um livro, cada desenho é como se fosse uma página e o todo uma narrativa a que faltam outros elementos, mas dos quais forneço as chaves.

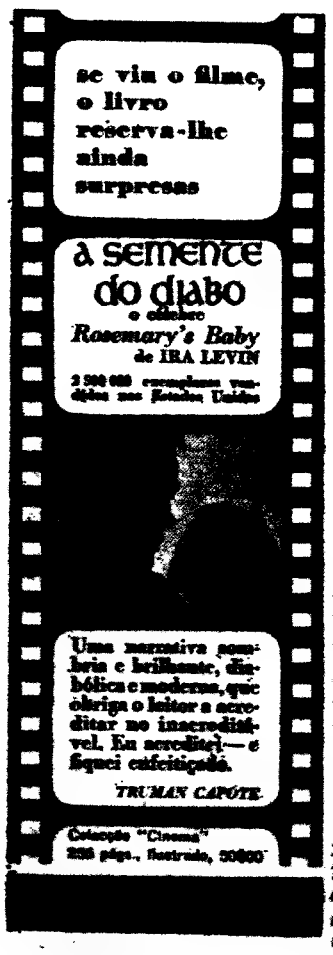
a h

Porque faço eu tudo isso?

Porque não consigo desejar não ser nada.

Para quê serve tudo isso?

Para convidar e reflectir. Não posso convidar toda a gente para vir tomar chá comigo.



Concurso-exposição de artes plásticas

COMO FOI oportunamente anunciado, o Banco Português do Atlântico promoveu um concurso-exposição de Artes Plásticas, para obras de pintura, escultura, desenho e objectos, a realizar em fins de Maio.

A iniciativa vem despertando o maior interesse nos meios artísticos e não será exaberado prever-lhe grande afluência de concorrentes.

Além da atribuição de prémios, no montante de Esc. 80 000$00, o concurso apresenta uma característica original e que poderá constituir especial estímulo aos nossos artistas plásticos: a possibilidade de aquisição, pelo Banco, de numerosas obras de arte, aos preços de catálogo indicados pelos expositores, o que poderá atingir valor muito superior ao dos prémios propriamente ditos.

Tais obras destinar-se-ão a decorar as novas instalações da Sede Central do Banco, em Lisboa, que serão inauguradas no corrente ano. Será tomada também em consideração, até pela projecção internacional implícita, a ulterior decoração do escritório de representação do Banco Português do Atlântico em França (Avenue Montaigne, n.º 10, Paris 8e).

Porque no Regulamento do Concurso se foca precisamente essa aquisição de obras pelo Banco, afigura-se útil dar uma indicação das dimensões em princípio consideradas preferíveis do ponto de vista daquela aquisição.

Assim, esta organização bancária poderá adquirir:

a) Três a quatro obras de escultura com a altura máxima de 2.20 m;

b) Cinco a seis obras de pintura, com 2 m de largo e 1,5 m de alto;

c) Várias obras de escultura, pintura, desenho e objectos de menores dimensões.

Mais uma iniciativa de fomento artístico que justifica o maior empenho da parte dos organizadores e dos concorrentes. Mais um passo de colaboração entre a Empresa e os artistas plásticos que, como acontece lá fora, se vem processando com intensidade cada vez maior.

LUZ SOBRE OS «BONECOS DE LUZ»

Conversa com Faria de Almeida

registada por Manuel Machado da Luz e Vítor Silva Tavares

M. M. L. — *Até agora, tinhas-te dedicado mais ao documentarismo. E mesmo o teu único filme de fundo — «Catembe», que permanece inédito — está orientado nesse sentido. Por que é que, neste momento, tentas a adaptação de um romance?*

F. A. — Suponho que é exactamente por nunca ter tido possibilidades de fazer uma fita com enredo. Porque tenho a certeza de que, se tivesse tido essas possibilidades, já o teria feito. Não quer dizer que, se realizasse — sei lá... — duas, três, quatro fitas de ficção, não viesse a reconhecer que o meu caminho era o do documentarismo. Digo documentarismo, num sentido diferente daquele — perigosíssimo! — que, aqui, as pessoas utilizam quando falam de curta-metragem. Não é documentário igual a curta-metragem. É documentarismo, documentarismo mesmo. Estou a pensar, por exemplo — se vivêssemos num país onde houvesse, realmente, possibilidades de fazer cinema assim, de um momento para o outro — eu, quando foi da história do tremor de terra, teria de caras... saía para a rua com uma equipa e tenho a impressão de que faria uma fita de uma hora e tal... uma longa-metragem documentária sobre o caso.

V. S. T. — *Por que é que não a fizeste mesmo?*

F. A. — Pá, porque não tenho dinheiro. Não tenho dinheiro nem haveria ninguém disposto a pagar.

M. M. L. — *Falaste-me, há tempos, de uma série de romances que, por várias razões, estarias interessado em adaptar se surgisse a ocasião... Por que é que escolheste precisamente os* Bonecos de Luz*?*

F. A. — Tenho ali os livros (*aponta a estante*). Quer dizer, quando aparece um livro que me agrada para fazer cinema ponho-o ali à parte.

V. S. T. — *Títulos?*

F. A. — Títulos... *Chora, Terra bem Amada, O Vale da Ira, Romeu, Julieta e as Trevas* (não tem nada a ver connosco, mas, enfim, é uma fita que eu gostava... já sei que depois se fez uma fita com ele...), *Angústia para o Jantar* (li-o há muito tempo, não o reli, mas na altura gostei muito dele...), *Jogos de Azar, O Delfim, Uma Abelha na Chuva* (quando o li, também tive interesse nele... mas depois soube que o Fernando Lopes estava interessado na fita)... E os *Bonecos de Luz*.

«Li os *Bonecos de Luz* em Paris, em 1964, e fiquei com vontade de fazer a fita. É evidente que, depois, como em Portugal não me surgia nenhuma oportunidade de pensar que iria fazer uma fita de fundo... nunca valeu a pena falar em nada disso: acho que não vale a pena a gente falar sem estar perto das coisas que se vão fazer mesmo. Por conseguinte, quando agora se pôs essa possibilidade, pensei nos *Bonecos de Luz*. Porquê? Os *Bonecos de Luz* agradam-me sob diversos aspectos. Até posso ir buscar coisas... sei lá... coisas de criança que talvez tenham influência.

Dois dos cenários naturais para os «Bonecos de Luz»

VIAGEM À INFÂNCIA

V. S. T. — Há algum paralelismo?

F. A. — Há. Desde que me lembro, sempre tive interesse pelo cinema... sem saber sequer o que era um realizador. O interesse era pelo cinema espectáculo, pela própria existência do cinema. Quando eu era miúdo, não havia classificações para os espectáculos. Aos seis anos já eu tinha uma máquina de projectar... Ia ao cinema umas duas vezes por semana, às vezes três. Em África, naquela altura, não havia prédios grandes, as casas tinham quintal. Construí, numa varanda das traseiras, o meu cinema. Chamava-se «Gil Vicente». No meu cinema, comecei por aquele estilo das sombras chinesas... sem saber o que eram sombras chinesas... com papel vegetal e bonecos por trás, com aqueles rolinhos de fita tirados de histórias aos quadradinhos. Tenho ainda filmes desse tempo. E punha uma bilheteira no quintal. Obrigava a família toda e os criados a comprar bilhetes... ficticiamente, claro...

Nos *Bonecos de Luz* há o cinema ambulante, as estacas, a demarcação do recinto do cinema. Tudo isso eu fazia por lá, quando era miúdo. Os meus amigos, os meus vizinhos... lá tudo ao meu cinema.

«Era um interesse ainda não consciente, embora eu fosse um assíduo frequentador. Não há fita de que vulgarmente para aí se fale da boa época do cinema americano, dos anos 40, que eu não tenha conhecido. Um dos primeiros realizadores que conheci — sòzinho — foi o Preminger, com a *Ingénua até certo ponto*. Mas não havia ainda cineclube, e um tipo na ignorância... se não há alguém que lhe diga... está arrumado. Só a partir de uma certa altura, quando o cineclube começou...

«... Quando vim para a Europa, para Londres, grandes fitas como *O Couraçado Potemkine, Quando passam as cegonhas*, a trilogia do Wadja, por exemplo, já eu as conhecia de África. Revi tudo isso, juntamente com os Bergmans, todos os Fellinis, as Agnès Vardas, os Resnais... tudo inteirinho, por ordem... Foi esplêndido ver os Bergmans por ordem!

«Ainda sobre os *Bonecos de Luz*. A coisa talvez remonte a tempos de que eu mal me lembro, tempos vagos, antigos. Por outro lado, é um livro que, embora precise, para ser cinematizado, de cuidados grandes, não envolve uma espectacularidade, uma encenação tão arriscada que só convenha a um tipo calejado. É que uma pessoa, quando faz a primeira fita não pode arriscar-se. Reparem, por exemplo, as primeiras fitas de todos os realizadores jovens têm, sempre, apenas dois, três actores, o que facilita um domínio mais completo do todo. Porque um tipo não se vai atirar assim para as coisas loucas. Se não, é um estampanço, é uma queda tremenda.

FARIA DE ALMEIDA. Nasceu em Lourenço Marques. 35 anos.

Primeiro filme (8 mm): **O Tesouro**, realizado em Angola.

Sócio fundador do Cineclube de Lourenço Marques. Actividade no cinema amador.

Bolseiro do Fundo do Cinema, abandona «uma bela posição» e parte para Inglaterra, onde frequenta a «London School of Film Technique».

Filmes de curso: *Streets of Early Sorrow* (1.º Prémio do Festival de Cinestud, em Amsterdão, entre 68 filmes de 18 países) e *Viviana*.

Seis meses de estágio no IDHEC, de Paris.

Curtas-metragens (em Portugal): *Moçambique 65* e *Faça segundo a Arte* (1965); *Camões* (para a TV), *A Embalagem de Vidro* e *Para um Álbum de Lisboa* (1966).

Longa-metragem: *Catembe* (1964), que permanece inédito. Até há pouco tempo, profissão na publicidade. Agora, abandona de novo «uma bela posição» e prepara-se para rodar uma adaptação de «Bonecos de Luz», de Romeu Correia.

Faria de Almeida é tímido, fala pouco, tem medo do gravador. No seu escritório (um amontoado de livros, bonecada, um comboio eléctrico e um cartaz de *O Garoto de Charlot*), entre risos, titubeios, reticências e vários copinhos de aguardente caseira, conseguimos registar o que segue.

Para esclarecimento do Leitor Arguto: o registo é quase fiel à banda magnetofónica...

DA FANTASIA À PEDINCHA

M. M. L. — *Quer dizer, portanto, que o romance do Romeu Correia te serviu por um duplo motivo: primeiro, porque se ligava a certas recordações tuas de infância e, depois, porque a sua adaptação estava dentro do que tu pensavas serem as tuas possibilidades neste momento... Como é que concebeste a adaptação? Intentas uma adaptação mais ou menos fiel à letra do livro ou, pelo contrário, serves-te dele como base para desencadear a tua fantasia?*

F. A. — Falaste em fantasia. O livro está, realmente, todo ele cheio de fantasia. Para além de as personagens estarem extremamente definidas do princípio ao fim. Por outro lado, não se trata de uma história contemplativa, não, é uma história mexida. E tem um sonho: a última parte do livro é um sonho que, no filme, eu calculo que deva durar aí uns dez minutos. Essa fantasia é cinema, cinema autêntico.

«Mantive-me muito fiel ao clima do livro, a todas as suas personagens, às próprias situações descritas. E os diálogos, por exemplo, são em 99 % os do livro, embora condensados. No entanto, é evidente que há alterações na adaptação. O livro começa com o miúdo a servir de filho a determinada mulher para andar na pedincha. Quando ele passa a ser menos miúdo e já não serve para pedir esmola, a falsa mãe abandona-o e o tipo vai à procura de outra vida. Ora, essa parte do livro, esse início, não aparece na fita. Esta começa exactamente no momento em que o miúdo se «emancipa», aos nove anos...

V. S. T. — *Por que é que esse início foi anulado?*

F. A. — É muito pouquinho. E não me seduzia nada pôr em imagens a pedincha.

V. S. T. — *Não te seduzia porquê? Porque dava à fita um aspecto miserabilista?*

F. A. — Talvez. Porque não valia a pena. O resto é tão mais importante... Esse pormenor inicial serve apenas para justificar que o miúdo vem do nada, que é um «filho das ervas». De modo que não adiantava nada mostrá-lo na pedincha. Para quê? Eu, pessoalmente, não dou esmo-

Charlot estará presente; mas Chaplin não respondeu...

ACABA DE SAIR:

HORAS PERDIDAS

novo romance de

URBANO TAVARES RODRIGUES

Um retrato da juventude dos anos de guerra
224 páginas: 35$00

Do mesmo autor:

OS INSUBMISSOS

terceira edição do romance em que uma geração toma consciência de si

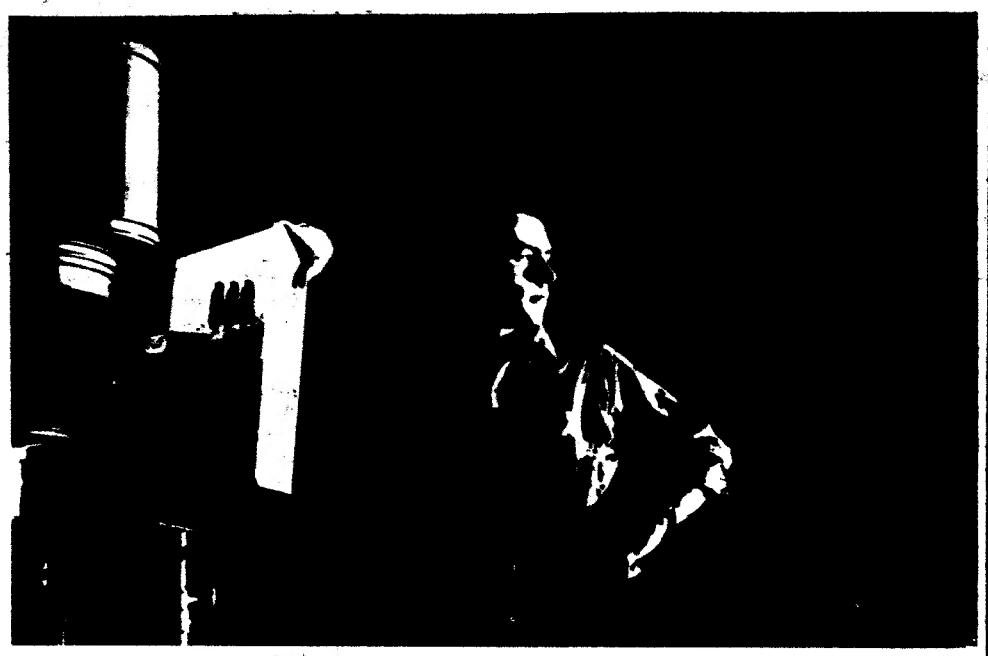
Com prefácio de

JOSÉ FERNANDES FAFE

308 páginas: 45$00

Colecção Autores Portugueses

LIVRARIA BERTRAND



la. É uma coisa que não me comove nada o pedir-se esmola abertamente. O que me choca é a miséria envergonhada. Mas isso é outra coisa, é outra história. De qualquer modo, eu justifico o aparecimento do miúdo em três *flashes* de dois segundos cada: quer dizer, dou em seis segundos essas vinte e tal páginas do livro.

Depois, há um problema muito grande na transposição. Na primeira sessão do cinema ambulante passa o filme *O Garoto de Charlot*, e o Romeu Correia descreve-o e descreve as reacções da assistência. Acontece que

ESCREVEMOS AO SR. CHARLIE CHAPLIN

a pedir-lhe autorização para filmar dois minutos de uma projecção de *O Garoto*, filme que demora quarenta minutos a passar. Nem se tratava de utilizar o negativo. E o tipo não respondeu.

V. S. T. — *Há quanto tempo escreveram?*

F. A. — Há mês e meio.

M. M. L. — *E não insistem?*

F. A. — Não. Para quê? A carta foi registada. Não há dúvidas nenhumas de que a recebeu.

V. S. T. — *Porque é que não metem uma cunha ao António Lopes Ribeiro?... (Risos)*

M. M. L. — *Possivelmente terão que arranjar um substituto...*

F. A. — Não, pá. Fiz uma coisa que cinematogràficamente é muito mais difícil, e é, até, uma prova para mim próprio. Dou *O Garoto* todo só através dos espectadores. Só se vai ver a assistência, quer em grandes planos, quer em planos gerais. Por essa assistência vai ficar-se a ver uma história com a mãe, com o filho, com os ladrões que roubam, com o Charlot que aparece e que toma conta do garoto, com o polícia que vem e que desconfia do Charlot...

V. S. T. — *E se o Chaplin, entretanto, responder?*

F. A. — Agora, já não uso! Agora prefiro esta solução. Mas é evidente que se usa o nome Charlot, Charló...

M. M. L. — *Sim, mas isso não é uma marca registada...*

F. A. — Usa-se duas ou três vezes. Quando o patrão do cinema diz à gente da terra para ir ver «o filme mais engraçado» etc., «o filme do Charló». Depois, dentro do cinema, quando supostamente aparece no lençol a figura do Charlot, há uns tipos que dizem na assistência: «Aí vem o Charlot! Aí vem ele!». E há um gargalhar, uma animação...

Mas há, também, alterações quanto ao desenrolar da história...

ADAPTAÇÃO: REALIZADOR, SIM ROMANCISTA, NÃO

V. S. T. — *Na cronologia?*

F. A. — Sim. Porque, literàriamente, está perfeito como está. Mas, cinematogràficamente, não se podia pôr uma cena a seguir à

«Bonecos de Luz» revelará (no cinema) uma actriz: Maria Otília

outra sem, de certeza, criar no espectador uma confusão terrível de tempo, de lugar...

M. M. L. — *E tu preferias justamente estruturar o filme todo segundo uma certa linearidade, dar-lhe um carácter acessível?...*

F. A. — Sim, segui esse critério.

M. M. L. — *Agora, diz-me lá: colaboraste com o Romeu Correia no trabalho de adaptação ou, pelo contrário, preferiste fazê-lo todo sòzinho?*

F. A. — Não pedi nada. Nem sequer pensei se preferia ou não preferia... Acho que uma adaptação, uma planificação de cinema, deve ser feita pela pessoa que a vai realizar.

M. M. L. — *Portanto, tu defendes, como, aliás, quase toda a gente jovem do cinema, a impossibilidade de, num filme de autor, separar as funções de escrevê-lo (e planificá-lo, claro) e de realizá-lo. Qual vai ser a tua intervenção nos outros aspectos da produção do filme? Por exemplo: costumas montar os teus filmes ou recorres a um montador profissional?*

F. A. — Tenho intervenção directa na montagem. Monto as minhas fitas, sempre as montei. Acho

(Continua na página seguinte)

Uma obra arrojada, violenta, apaixonante

um sonho americano

de NORMAN MAILER

— o livro mais importante do autor depois de OS NUS E OS MORTOS

Reconhecem-se os componentes habituais do romance de sensação: violência, sexualidade, assassínio disfarçado de suicídio, narcótico, alcoolismo, confusão sexual, racismo... E, no entanto, não se trata de um novo Mickey Spillane ou de um banal filme de bairro. Visionário, Mailer transforma em verdadeiros mitos estes elementos que fazem parte da vida (real ou sonhada) de todos os dias.

PIERRE BOMBERGUES
Le Monde, 12.4.67

A acção lembra a dos filmes de bairro: belas raparigas, carros de polícia, gângsters, maltrapilhos, pessoas que se perseguem. Acreditei durante muito tempo que isto fazia parte do horror da vida americana, da sua cultura idiota... E Um Sonho Americano quis explorar este material bruto: fascinação, horror, magia...

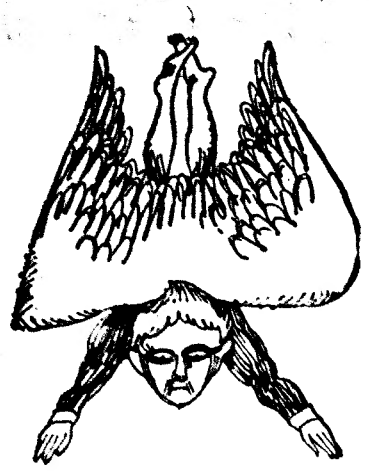
NORMAN MAILER

Colecção Contemporânea — vol. de 308 págs. — 50$00

Obras de Norman Mailer na Portugália Editora:

PRAIAS DA BARBÁRIA — vol. de 384 págs. — 40$00
OS NUS E OS MORTOS — vol. de 712 págs. — 80$00
O EXÉRCITO DAS SOMBRAS — vol. de 468 págs. — 60$00

PORTUGÁLIA EDITORA



MONSTRUÁRIO TRÊS

por Alexandre O'Neill

O LETREIRO QUE NÃO FOI A SANTA APOLONIA

Os rapazes da Vila Luisel bem deram ao serrote, ao martelo e ao pincel, mas não conseguiram acabar a tempo o espigado letreiro que se preparavam para desfolhar em Sta Apolónia, num alarde chàpanove de portuguesismo. Mesmo assim ainda «evoluíram» pelo bairro, com a gaiatarrada miúda em excitadíssimo zigvai-zigvém e o vizinhança clube a enternurar-se todo. Passante melancólico (puderal), o cronista teve de incorporar-se breve trecho à improvisada marcha para poder esferografar as quadras que olarilole aí vão:

No sábado, ao microfone,
a nossa grande Simone
vai defender a canção
com brio e compleição!

Ela, Simone, caramba!
Mostra ao mundo o que valemos,
que a gente cá desta banda
é assim, nem mais nem menos!

Os portugueses ficamos
de olhos postos no écrão
e a aguçar o ouvido
à espera da votação.

Ela, Simone querida,
na nossa terra ainda há génio!
Um chic'ração à partida
e adeus... até ao prémio!

CABELOS & CALDO VERDE

Num Festival Internacional do Caldo Verde, com ou sem cabelos, a industriosa D. Maria da Conceição não nos comprometeria.

O Cabeleireiro Rainha do Caldo Verde

Que é da Rainha do Caldo Verde, Maria da Conceição, cabeleireira diplomada. Faz tudo com perfeição. Trabalha com os melhores produtos franceses e alemães. A cabeleireira diplomada Maria da Conceição que deseja às suas clientes a sagrada luz de Deus com toda a Bênção.

Na Ribeira Nova a Rainha do Caldo Verde quando se encontra é sempre por bem, vende sopa à Juliana e caldo verde também.

A Rainha do Caldo Verde, vende caldo verde fresco com muita vitamina, que todo o povo que o come sente-se bem; ela fornece a cidade e fora dela também.

Agora diz a Rainha do Caldo Verde: Viva a luz de Deus que nos alumia e viva a minha Ex.ma freguesia e que Deus as livre do pecado e de toda a má companhia
A Rainha do Caldo Verde quando a encontram na Ribeira Nova é sempre por bem
E que Deus lhe dê luz para sempre amen Jesus

..NEM BOM VENTO, NEM BOA PIRANHA!

Corre que é vezo dos espanhóis dizerem, isto é, pronunciarem a verdade sem rodeios. Uma agência de publicidade aqui do lado oferece os seus serviços sem rodeios, nem permeios (veja a ilustração). Quando teremos, também nós, piranhas *de morte*?

Luz sobre os «Bonecos de luz»

(Continuação da pag. anterior)

que a montagem, tal como a planificação, é um factor criativo, faz parte da criação da fita... para a fita ser de autor...

M. M. L. — *Claro que estas coisas, para quem se interessa por cinema, são um bocado lugares-comuns. Mas importa repeti-los para aqueles que, habituados aos padrões de fabricação de filmes comerciais, as crónicas publicitárias sobre a sua rodagem, pensam que se pode fazer uma compartimentação estanque de funções. Passamos, portanto, a uma coisa que interessa particularmente neste aspecto: a direcção de actores. Vais trabalhar pela primeira vez com actores e não com simples figurantes?...*

F. A. — Primeira, primeira, não é, pá, porque em Inglaterra fiz duas curtas-metragens (*Streets of Early Sorrow* e *Viviana*) de enredo e com actores. No *Catembe* também usei actores, embora em muito menor escala que nos *Bonecos*.

M. M. L. — *Entram agora actores profissionais, ou vais escolher não-profissionais?*

F. A. — Há ainda dois papéis que não foram distribuídos. Os outros são todos com actores muito bons, mas amadores... do Teatro das Caldas da Rainha e do de Setúbal, que conseguiu encher o «Luisa Todi» durante uma semana. Entra um homem que, neste momento, vive em Loures, mas que fazia parte do teatro das Caldas... Se uma pessoa utilizasse um actor muito conhecido na sua fita, se a fita fosse boa... ou agradasse, o público atribuía ao actor a sua qualidade. Por outro lado, interessa-me que as pessoas venham ver os *Bonecos de Luz, Bonecos de Luz*... venham ver o Nicolau, o Lopes, a Miquelina, o Zé Pardal, e por aí fora. Interessa-me — para os actores também será bom — que venham ver a fita sem estar à espera de uma cara conhecida, pelas personagens. E que, no fim, digam: mas quem é aquele Nicolau que vai tão bem?... ou aquele outro que vai tão mal?... não sei... enfim... quem são aqueles actores tais e tais? Tenho a impressão de que isso beneficia muito a fita e até dá prestígio aos próprios actores.

M. M. L. — *O teu interesse por caras novas restringe-se a este caso? Ou, como acontece com outros realizadores contemporâneos, interessa-te sempre que a personagem que apresentas não seja imediatamente identificada com uma cara conhecida, com a de uma vedeta, com todos os mecanismos que isso põe a funcionar no público?*

F. A. — Também será esse aspecto que referes agora...

M. M. L. — *Quais os elementos da equipa técnica que vais utilizar?*

F. A. — O director de fotografia é o Acácio de Almeida. O assistente directo na realização deve ser o Américo Patela. A assistente de realização ligada a trajos, a *décors*, é a Manuela Almeida, pintora, pintora que pode passar para o cinema. A música está por decidir. Mas vai ser de raiz circense, muito na linha da do *Fellini 8 e meio*. Claro que não vai ser copiada...

V. S. T. — *Mas em que é que tu pensas?*

F. A. — *Deve ser o Manuel Viegas. A direcção de produção deve ficar a cargo do Manuel Ruas. São catorze pessoas no total.*

M. M. L. — *De qualquer maneira, vais rodar o filme todo em cenários naturais.....Não vais empregar estúdios...*

F. A. — Não. É impossível. Têm que se arranjar cenários naturais... sobretudo por uma razão económica. Se pudesse, preferia rodar ao ar livre nos terrenos de um estúdio, sem necessidade de estar a meter polícia para tomar conta das pessoas. Mas a construção de qualquer *décors* em Portugal é impossível em relação ao orçamento das fitas.

M. M. L. — *Mas, além disso, há um problema de instalações. Se tivesses estúdios perfeitamente equipados, com possibilidades de som síncrono e isso tudo, preferias trabalhar, quanto a interiores, nessas condições?*

F. A. — Duvido. Tenho a impressão de que não. Interiores, sim senhor, trabalhava em estúdio. Mas quanto às facilidades do som síncrono... Tenho a impressão de que não utilizaria som síncrono.

V. S. T. — *Porquê?*

F. A. — Como vocês sabem, as filmagens são todas feitas fora de ordem. Pode muito bem acontecer que uma inflexão seja registada vinte dias depois da que lhe é imediatamente anterior e não lhe corresponder nada. Para quem esteja muito prático e viva num meio altamente industrializado, talvez. Para mim, som síncrono, não! Estúdio, encantado da vida! Trabalha-se com muito mais sossego, com um aproveitamento de tempo muito maior. E está-se junto da cidade. Mas é muito mais caro.

M. M. L. — *De resto, em Londres, tiveste experiência de trabalho em estúdio...*

F. A. — O estúdio que conheço bem é o de Shepperton. Assisti, como espectador, às filmagens do *Becket* de Peter Glenville, do *Dr. Strangelove* de Stanley Kubrick, e de uma fita policial qualquer, de que já nem me lembro. Sei perfeitamente como se trabalha em estúdio. Eles, lá, estavam a trabalhar — é evidente — com som síncrono. Mas não totalmente...

M. M. L. — *De qualquer maneira, não terias aqui possibilidade de escolher — que é justamente o que interessa! — como num estúdio tão bem equipado como o de Shepperton.*

F. A. — Nem pensar nisso!... Nem pensar nisso! (Risos)

M. M. L. — *E, por outro lado, há, certamente, uma série de deficiências materiais no cinema português que são, neste momento, muito mais importantes do que a construção de um estúdio equipado com um determinado tipo de requintes. Quais são, quanto a ti, as dificuldades técnicas mais importantes que existem entre nós?*

F. A. — É pá... estou tramado... material técnico... O estúdio de som é um bom estúdio em qualquer parte da Europa...

M. M. L. — *O da Valentim de Carvalho?...*

F. A. — ...em qualquer parte da Europa! Fiz sonorização de fitas em estúdios ingleses que não eram tão bons como esse, que não estavam tão bem equipados.

«Há, evidentemente, o aspecto do laboratório de imagem... Precisamos de ter a certeza, a garantia, o descanso, de que aquilo que se filmou durante o dia vai ser totalmente aproveitado, isto é, vai ser bem relevado, não vai ser riscado, não vai cair no banho... de que não se vai inutilizar todo o trabalho de um dia.

«Mas, neste momento, para além de quaisquer deficiências de ordem técnica, tenho a impressão de que o que era mais preciso era que as pessoas tivessem todas muito mais trabalho e houvesse uma consciência profissional muito mais profunda.

M. M. L. — *Era importante uma produção continuada para não haver qualquer espécie de desemprego e para que as infra-estruturas humanas, de técnicos, conseguissem adquirir muito mais prática do que a que têm agora...*

F. A. — E pudessem ter ordenados que chegassem para, depois de um período de trabalho intensivo, parar e ir arejar, descansar, ler coisas, aprender coisas, actualizar-se. E não apenas no campo da realização, em todos os outros. Estão sempre a sair películas novas, iluminações novas... Mas, se uma pessoa pára, porque não há nada que fazer, isso é que é grave. Porque começa a desanimar, a ficar a dever dinheiro.

Um médico, para ser um bom médico, tem que se actualizar todas as noites, tem que ler um bocadinho. Os tipos que fazem cinema também... Se não for assim, estagnam.

PUBLICIDADE: HORRÍVEL, HORRÍVEL...

V. S. T. — *Tu deixaste de fazer publicidade?*

F. A. — Deixei.

V. S. T. — *Porquê?*

F. A. — Não sei se... Ia ofender grandemente...

V. S. T. — *Então, ofende lá...*

M. M. L. — *Consideras que fazer publicidade continuamente te pode fazer começar a ter um certo tipo de vícios que se irão reflectir depois nos teus filmes pessoais?*

F. A. — Eu acho que fazer publicidade é um caminho para a alienação, para retrocessos mentais de todos os tipos. Parece-me que, desde o princípio, dei muito más provas nas coisas publicitárias. As pessoas, efectivamente, não gostavam. De maneira que... não fui propriamente reprovado... (*risos*)... mas os tipos reprovavam a maior parte das minhas fitas... Praticamente, nestes dois últimos anos de publicidade, eu já quase não fazia fitas. O que estava era ligado aos problemas administrativos. Enfim, acho que é uma coisa horível... Eu não posso dizer... mas é uma coisa horrível.

POESIA, ANTI-POPULISMO

V. S. T. — *Cortando repentinamente: voltemos ainda para os problemas da realização e do romance. Tenho receio de que vás fazer um filme populista, à velha maneira do neo-realismo, do tipo dos «Saltimbancos» do Manuel Guimarães ou coisa assim...*

F. A. — Estou convencido de que não.

V. S. T. — *Porquê?*

F. A. — Sobretudo porque tenho consciência de que não é isso o que eu quero fazer. Além disso, contrariamente ao que acontece em certos filmes neorealistas, os cenários, o ambiente, não têm uma actuação decisiva, não funcionam como uma personagem. No «Mudar de Vida», de Paulo Rocha — que de resto nada tem a ver com o neorealismo populista — o mar era, por exemplo, uma personagem, desempenhava um papel na acção. Aqui, não há nada disso. Os cenários, o ambiente, não se há-de dar por eles. Temos uma grande preocupação com os «décors» mas de maneira a que o espectador, ao ver a fita, não dê por eles. O facto de não dar por eles será o sinal de que está tudo muito bem integrado.

V. S. T. — *Então, o que é que vai ganhar relevância na fita?*

F. A. — São as personagens.

V. S. T. — *São as personagens ou é, por exemplo, qualquer tipo de mensagem poética que esteja contida no livro?*

F. A. — Mensagem poética?... Também acho que sim... Na medida em que venha através das personagens.

V. S. T. — *Em última análise, o que é que te cativou no romance de Romeu Correia para além das reminiscências pessoais, dos paralelismos, desse fenómeno «cinema» que tu citaste? O que é que, particularmente te cativou no romance para o poderes visualizar, para o tornares em imagens?*

F. A. — A poesia. A verdade das personagens. As diversidades de carácter dessas personagens. O mundo, esse mundo que nele se situa.

V. S. T. — *Também a tipologia sociológica das personagens?*

F. A. — Também, é evidente. Esquecia-me disso. A gente pega no patrão prepotente e no desgraçado do escravo que projecta, pega no miúdo que está a crescer e pega na Miquelina que é uma mulher frustrada, pega no velho Paulino... e encontra essa gente na repartição pública, na empresa grande, no... Isso existe. Isso interessa-me. É um livro muito poético, há muito caminho liberto para fantasiar...

M. M. L. — *Por aí... estou a pensar que o teu filme vai acabar por destruir intencionalmente um certo tipo de naturalismo. Pelo contrário, vais tentar uma estilização bastante puxada de toda a narração...*

F. A. — Sem dúvida!

M. M. L. — *Dadas as condições económicas do filme, creio que o vais fazer a preto e branco. Se pudesses escolher, fá-lo-ias a preto e branco ou a cores como o «Catembe»?*

F. A. — Se pudesse fazia-o a cores, nuns tons muito ténues mas a cores. Não imagino o filme em cores berrantes, em cores a funcionarem como cor. Uns daquelas cores em que não se repara.

M. M. L. — *A cor teria, portanto um papel semelhante ao que tu tencionas fazer desempenhar pelos «décors»...*

F. A. — Sim... Os «décors» quase que se não vai dar por eles... e a cor quase que também não se daria por ela.

V. S. T. — *Ainda há pouco, em relação à música, falaste de Fellini. Eu, ao ler o livro, também me lembrei dele. Haverá em ti, quando fores fazer o filme, alguma influência do Fellini?*

F. A. — É natural que sim. Embora não me guie pelos «Cahiers du Cinéma» nem por coisa nenhuma. Se leio os «Cahiers» leio também os «antiCahiers». Gosto muito do Fellini e considero o «8 1/2» uma das melhores fitas que vi na minha vida. Não me consigo libertar disso.

M. M. L. — *Já agora que falámos de Fellini, vamos a uma pergunta sacramental: quais são os realizadores que tu preferes?*

F. A. — Gosto muito do Fellini, gosto muito da Agnès Varda, gosto bastante do Chris Marker... do Bufuel... do Alain Resnais... do Tony Richardson... do Bergman... de um certo Bergman, porque não quis ver, não vi, os filmes de 55 para trás...

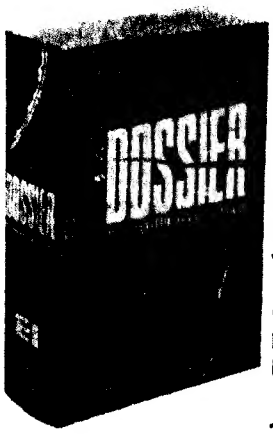
V. S. T. — *Lês então os «antiCahiers»... Olha lá: ao leres esta entrevista pais achar que ela é também uma antientrevista?*

F. A. — Vou. Ou então vou pensar em termos do que não deveria ter dito ou do que me faltou dizer...

Faria de Almeida e Paulo Rocha, presenças do novo cinema português

20$ POR MÊS

E PODERÁ ADQUIRIR A OBRA PRINCIPAL SOBRE O PROBLEMA NÚMERO UM DO MÉDIO ORIENTE



DOSSIER

DO CONFLITO ISRAELO-ÁRABE

Prefácio de

JEAN - PAUL SARTRE

COLABORAÇÃO DE INTELECTUAIS ÁRABES E JUDEUS

1050 PÁGINAS/140$00

«EM FRANÇA ESGOTOU-SE NO MESMO DIA EM QUE FOI POSTO À VENDA!» L'EXPRESS

Requisição à EDITORIAL INOVA LIMITADA
Praça Guilherme Gomes Fernandes, 38 — PORTO

Desejo receber o DOSSIER DO CONFLITO ISRAELO-ÁRABE

☐ Contra-reembolso (Esc. 140$00 sem mais encargos)

☐ Crédito Inova, a pagar ..... (1) por mês (Esc. 140$00, acrescido de portes e despesas de cobrança)

Assinalar com X o quadrado correspondente à modalidade escolhida

Nome .....

Endereço .....

.....

Profissão (2) .....

Local de trabalho (2) .....
(Nome da firma e endereço)

(1) Indicar a prestação mensal que deseja pagar (o mínimo é de 200$00)
(2) Estas indicações são necessárias sòmente para o sistema de CRÉDITO INOVA

Uma personagem marialva?

(Continuação da 1.ª página)

se vê afinal tão coarctado como o feminino. Coarctado para agir de boa fé, com boa consciência. Parece-me que, se não fossem as fragilidades e os pareceres, o que Cardoso Pires desejaria ter-nos dado seria a defesa do direito masculino à libertinagem no sentido de um erotismo mais puro, em que tanto o homem como a mulher fossem voluntariamente comparsas numa mesma situação de liberação e de liberdade. Como, apesar da sua natureza masculina, na terra das fragilidades se toleram aos homens marialvismos mas não libertinagens lúcidas e de boa fé, o que ele se limitou a «dissertar» foi *o drama de um homem, no qual a má consciência resulta do conflito entre a sua natureza erótico-libertina e o represamento da rédea que a sociedade, apesar de tudo, também encurta para os homens.*

A outra face do drama, vista em profundidade, resulta do conflito da natureza consigo mesma: há a dor — porque é dor o que se vê — desse «aspirante a libertino» que a própria natureza atraiçoa, talvez castigando-o pelos seus excessos; e assim assistimos ao desespero, à regressão da líbido, à alienação do macho amargurado, humilhado e azedado, ao ver que vai perdendo o objecto mais caro das suas libertinagens, a mulher, as mulheres.

A «Cartilha do Marialva» pode considerar-se composta de duas partes, ainda que imbricadas. Numa define Cardoso Pires o conceito de libertino, aquele «que racionaliza os actos e os sentimentos»; na outra dá-nos a explanação do tipo do marialva e da ética marialvista, passando em breve revista a história do machismo português através da sua expressão literária. Da leitura dessa obra resulta no espírito do leitor a certeza de que o autor está na defesa dos «voluptueux qui raisonnent» e na condenação do primário machismo marialva, o que vem a ser uma tomada de atitude à favor do reconhecimento da igualdade da mulher no plano social e no plano erótico.

Há um passo da «Cartilha» em que ele nos diz: «Libertinagens donjuanescas e donjuanismos libertinos conhecemos nós, numa sucessão de variantes que termina com o caso modelar de Monsieur Jean. Agora subprodutos marialvas com disfarces de capa libertina, impossível.» Existe, no entanto, uma variante que Cardoso Pires não indicou e que é aquela que veio afinal a pôr em acção no seu último romance: é a do «*subproduto libertino com disfarce de capa marialva*» — tal se me afigura o seu Engenheiro Tomás Manuel, o undécimo dos Palma Bravos. E isto importa também porque aqui se estabelece em «O Delfim» o plano de uma distinção entre o autor e a sua personagem, e até entre o narrador-comparsa e a personagem.

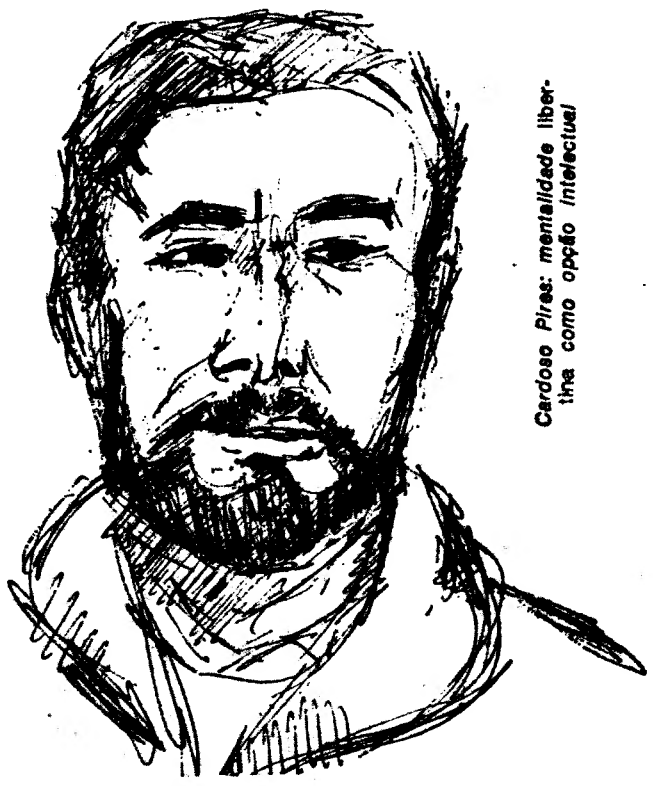
O *libertino*, conforme diz também a «Cartilha», é aquele que «tem o demónio da lucidez a dar-lhe na alma, toma o mundo como um espectáculo em que cultiva as suas experiências, e onde, simultaneamente actor e espectador, se coloca numa autocontemplação sardónica. Um libertino de «bom sangue» tem previsto o fim da contradição reconhecida nele mesmo em tempo e em lugar histórico»; *ao passo que a personagem de «O Delfim» é antes o tal «subproduto libertino» ou um libertino de «raça atravessada»*, digo eu agora, servindo-me das expressões da «Cartilha»; por que este ainda não possui a lucidez que lhe permita conscienciализar e avaliar as contradições existentes em si próprio, isto é, não é capaz de reconhecer a sua «inadaptação aos compromissos das disciplinas colectivas», à ética rural do patriarcalismo caseiro (*), conservantista e provinciana (*), submetida aos valores bíblicos (*), às crendices mágicas e anticientíficas (*), ao domínio hierárquico (*), à mística do pecado carnal, da pureza física e da inferioridade natural da mulher (*), ao irracionalismo (*), às obsessões sexuais (*), às aventuras ordinárias (*), ao culto do machismo (*), em suma.

Portanto, penso que em «O Delfim» não é «uma costela de marialva que trava o passo ao libertino desiludido ou fatigado», como disse Mário Dionísio, mas, pelo contrário, será a costela do libertino que, através do drama, empresta certa nobreza melancólica e pendor metafísico ao *marialva forçado*. Tomás Manuel é «um inadaptado aos compromissos das disciplinas colectivas», ou antes, esteve quase a sê-lo... como personagem literária.

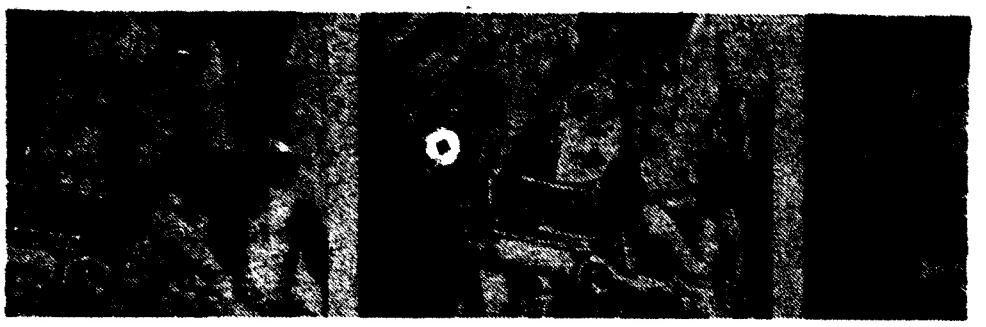
Lemos «O Delfim» e lembramo-nos logo da «Cartilha» e vice-versa; e, do que nesta *se diz* sobre libertinagens e marialvismo, e do que naquele *não se chega a dizer* sobre os mesmos temas, todos viram no trágico e ambíguo Palma Bravo um marialva. A autora deste trabalho faz antes uma interpretação «à rebours» e diz que debaixo das aparências de uma denúncia do machismo, «O Delfim» se lhe afigura, acima de tudo, o romance de um «libertino frustrado», ou seja, o drama de um libertino lusitano.

Excerto de um ensaio sobre o romance «O Delfim» de José Cardoso Pires

(1) e (2) Crítica publicada em «Seara Nova», 1968
(3) «Jornal de Notícias» 1968
(*) Expressões de «A Cartilha do Marialva».



Cardoso Pires: mentalidade libertina como opção intelectual



BARBARELLA: na banda desenhada como no filme (int. Jane Fonda), êxito garantido

Bandas desenhadas

(Continuação da 8.ª página)

céptico quanto às possibilidades de sobrevivência, pelo menos a longo prazo, de uma moda sobre a qual as querelas bizantinas e os exageros de quaisquer dois mil maníacos que constituem o público de base da banda desenhada acabarão por lançar o descrédito.

Hoje em todo o caso, a reedição de *Barbarella* (50 000 exemplares) permite augurar a vitalidade de uma colecção que em breve será acrescentada de três novos títulos: *Valentina*, devida ao desenhador italiano Guido Crepax, e cujas abundantes referências esotéricas fornecerão não para a boca aos redactores da «Giff-Wiff»; *Phoebe Zeit Gust* (ver «Suplemento D. L.» de 5-12-68) que nos chega dos Estados Unidos e propõe uma sátira da vida americana na tradição da revista «Mad»; um grande album de desenhos, ainda sem título, de um erotismo emaranhado e cujo autor, que ainda não tem 18 anos, será o primeiro a cair sob a alçada da lei de 1949 — que não deixará de atacar com as habituais medidas de interdição, esta nova produção escandalosa do *Terrain Vague*.

Há dois anos, o I encontro dos críticos de arte

(Continuação da 1.ª página)

mo observador enviado pela Fundação Gulbenkian

Outras teses foram ainda apresentadas voluntàriamente por Nelson di Maggio, José E. Sasportes, Bruno da Ponte, António Areal e Luís Noronha da Costa. Outras pessoas intervieram nos debates sobretudo críticos de arte, como Mário Dionísio, José Luís Porfírio, Selles Pais, Pedro Vieira de Almeida. A publicação das Actas, prejudicada pela falta de originais, não foi possível fazer-se estudando-se agora um novo plano para lhe dar publicidade.

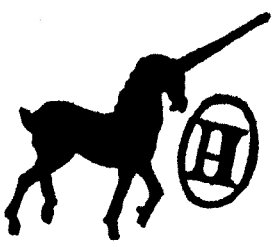
Decorreram livremente os trabalhos e livre e abertamente foram dirigidos convites a todas as entidades e pessoas interessadas. Menos livre e mais fechadamente foram eles recebidos: daí o não estarem presentes nem a S. N. B. A. nem o S. N. I. que ou recusaram participar ou sequer tomaram conhecimento do Encontro. Compreende-se a atitude deste último organismo e o seu justo receio de se ver em confronto com a realidade; menos se compreende que a associação dos artistas não desejasse cooperar com os críticos, ignorando o papel destes numa vida artística que lhes é de interesse comum. A imparcialidade política e ideológica com que o Encontro foi estruturado tocando todos os organismos responsáveis (*e vendo consequentemente em questão tal responsabilidade*) só irresponsàvelmente poderia ser posta em causa, duvidando do seu acerto na presente conjuntura e da sua adequação a uma análise crítica que importava fazer frontalmente. Bem vistas as coisas o SNI teve uma atitude lógica, não se representando. Isso fez com que nas resoluções finais do Encontro ele fosse esquecido, ou propositadamente ignorado. O que discutível embora à luz da análise futura da situação, não deixa de ser (polèmicamente também) significativo.

Menos lógica foi então a atitude da S.N.B.A. — a menos que ela venha a ser futuramente interpretada também como uma esquiva a confrontos com a realidade. Desde já, porém, importa avançar a hipótese de haver actualmente da parte de alguns artistas uma animosidade contra os críticos. Ou olharem estes com a desconfiança com que a eles os olham os filisteus... Em certa (e perigosa) medida, os «intelectuais» ficam, para os artistas na situação em que os «artistas» estão para o pacato burguês. Não errará quem nisto vir um sintoma de subdesenvolvimento na vida mental portuguesa. *Aqui e agora*, como se deve dizer.

Dois anos passaram sobre o I Encontro. Em outro se falou recentemente, no quadro dos trabalhos da secção portuguesa da A.I.C.A. — outro com outra e mais actual estrutura, dada a evolução possível da situação. Evolução, que não melhoria, diga-se.

Na verdade, as moções votadas unânimemente ao termo do I Encontro, pressupunham certas pesquisas e certas reformas.

Uma «revisão da posição cultural» com «programação» adequada de actividades foi então proposta à S.N.B.A. numa moção assinada por todos os sete críticos de arte presentes — e tal não se verificou ainda. Também não, que os jornais diários e semanários convidassem críticos competentes para as suas colunas (proposta de Mário de Oliveira) — embora a pouco e pouco se esboce tal movimento, que num novo vespertino, «A Capital», teve cabal satisfação. Por outro lado, porém, conseguiu-se reestruturar a A. I. C. A. portuguesa, conforme proposta de Rui Mário Gonçalves. Esta foi a mudança mais positiva entretanto verificada.



Outra série de moções dirigidas à Fundação Gulbenkian, sugerindo a realização programada de exposições internacionais (proposta de F. Pernes), um estudo programado no domínio da arquitectura e do urbanismo (proposta de N. Portas e P. Vieira de Almeida) e (proposta minha) a «promoção de pesquisas e inquéritos orientados no sentido de chegar ao conhecimento dos problemas da vida artística portuguesa e de lhes encontrar as soluções mais convenientes e eficazes», tiveram boa audiência mas ainda não despacho. Oxalá uma nova fase de actividades da Fundação Gulbenkian, ao convenientemente se instalar na sua nova sede, possa permitir realizar este ou estes planos. *De qualquer modo, urge ter consciência dos problemas da vida nacional, no domínio artístico também.* Esta a mais importante conclusão do I Encontro dos Críticos de Arte Portugueses, há dois anos já.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Os limites da coexistência

(Continuação da 8.ª página)

Haverá alguém a ignorá-lo? E temos, também, uma obra que trocou um classicismo que lhe poderia conferir nobreza por uma vontade demagógica de fazer inovações apressadas que fazem de *Austerlitz* um produto híbrido, oscilando entre o convencionalismo da imagem e a ingenuidade dos processos.

O monumental filme de Bondarchuk (nove horas de projecção, 450 000 contos de custos, 120 000 figurantes) entrará, certamente, na história do cinema. As razões porque lá ficará é que são mais discutíveis. *Austerlitz* explica e demonstra como a grandeza pode ser monótona, como a grandiloquência pode ser enfadonha. O filme é uma tirada quando devia assumir um momento da consciência humana — a defesa de valores essenciais ao homem, liberdade, justiça, dignidade, igualdade social e económica no meio de uma voragem de guerras e retaliações, de pactos e de manobras que submergiam a Europa e sufocavam os povos. Valores sem os quais, ainda hoje, o homem não passa de uma caricatura penosa de si próprio.

Claro que ainda havia toda a importância dada por Tolstoi ao amor através da figura de Natacha, toda a sua identificação com uma Natureza omnipotente, cujos movimentos cíclicos são outras tantas manifestações de vida e, paralelamente, do reconstruir da Humanidade. Felizmente para Bondarchuk, no primeiro caso, existiu uma admirável Natacha (Ludmila Savelyeva). As suas intervenções resgatam, com graça com beleza, com uma mistura delicada de juventude e de adolescência, a monumentalidade bocejante do filme soviético que Cecil B. de Mille teria abençoado.

JOSÉ VAZ PEREIRA

Austerlitz: confusão de colinas, vales, cavalgadas, batalhões+batalhões...

Os limites da coexistência

por José Vaz Pereira

AUSTERLITZ
filme de Serge Bondarchuk
1.º episódio
Produção: U. R. S. S.
Intérpretes: Ludmila Savelyeva e Serge Bondarchuck

A SEQUÊNCIA da batalha de Austerlitz é inesperadamente curta: o primeiro baile de Natacha repentinamente subjectivo. Em ambas se esquece a técnica de martelamento que aflige as superproduções Vista pelo lado russo, Austerlitz transforma-se numa confusão de colinas, de vales que se enchem de fumo e de fogo, de cavalgadas desorientadas de batalhões e batalhões em formação de parada que se movem numa paisagem acidentada, como peões num xadrez. De um golpe onde se espera estarem russos, avançam os franceses, há franceses por todos os lados prontos a disparar à queima-roupa.

Inútil dizer mais, mostrar mais. A Guarda Imperial fecha num círculo de ferro e de metralha os destroçados exércitos da coligação, a cavalaria napoleónica instala um carrossel de morte em volta dos sobreviventes da derrota... Assim se sintetiza o relâmpago terrível que iluminou Austerlitz: para os austro-russos a batalha dos 3 imperadores perdeu-se fulminantemente mesmo antes de se travar. O filme de Bondarchuk teria a mesma sorte. E as reservas materiais, técnicas e humanas postas à disposição do realizador equivaliam em grandeza ao oceano de tropas que tentou travar a maré bonapartista.

Os cineastas russos mostraram uma invulgar capacidade para dirigir massas (Eisenstein é um caso entre muitos). Bondarchuk esqueceu-se que há uma maneira criativa, ardente, transbordante de conduzir grandes movimentos colectivos em que os seus antigos colegas eram especialistas. Assim, a grandeza de Tolstoi transforma-se na gravura do apartamento burguês, bonita, estilizada, sem expressão. *Austerlitz* é uma parte imensa de um imenso filme de que Hollywood se poderia orgulhar e que mostra que também na U. R. S. S. o conflito entre uma arte verdadeiramente renovadora e uma arte convencional que dispõe de recursos prodigiosos se faz sentir com dolorosa agudeza.

Aliás, o próprio Bondarchuk nos avisa: Nada de aventuras, trata-se de uma fidelidade sem complicações. Há que copiar o romance e... pronto.

Ora esta fidelidade ir-se-ia revelar traiçoeira e representaria, de qualquer modo, uma demissão *ab initio* das potencialidades do cinema. Por outras palavras, renunciava-se à capacidade do cinema recriar a atmosfera e o espírito de Tolstoi e procurava-se um refúgio na tranquilidade medíocre de uma adaptação bem planificada. Os mandarins de Hollywood jogara● muitas vezes a mesma cartada. Justo será dizer, aqui e ali com melhores resultados, se bem que na *Guerra e Paz* made in U. S. A. tenham sido particularmente ineptos, mesmo com King Vidor.

Bondarchuk. «Há que copiar o romance e... pronto»

Não há dúvida, por outro lado, de que existia um certo sebastianismo em relação ao filme. Tal como o Benfica, não era «homem» para perder. Um Bondarchuk, uma *Guerra e Paz* sólidos, inatacáveis, coerentes, demonstrariam uma seriedade e uma profundidade que só garotos pouco responsáveis confundiriam com retórica. O raciocínio estava certo, o filme é que não. A força de tanto lirismo, a pieguice acaba por despontar no horizonte. Lirismo de câmara que soletra irritantemente o abc moderno da técnica gramatical do cinema. Funcionando como uma espécie de solução universal para todas as dificuldades narrativas, para todos os momentos sem vitalidade. Lição bem decorada de um aluno que preferiu soletrar a sua composição em vez de interpretá-la. Anunciando antecipadamente, absurdamente, a revoada subjectiva, o pensamento individual como se fosse necessário um sinal de trânsito para a inspiração.

Temos, portanto, um filme de escrita antiquada.

(Continua na 7.ª página)

Bandas desenhadas

A BANDA DESENHADA continua a provocar opiniões desencontradas e não raro extremas. Da polémica gerada à volta desse meio de expressão «redescoberto» há poucos anos, lucram sobretudo os editores, em especial Eric Losfeld, que ao lançar Barbarella viu a sua casa editora — Terrain Vague — sair de um quase anonimato e de uma provável falência.

O artigo que a seguir transcrevemos (traduzido do último número da revista «La Quinzaine Littéraire» chegado a Portugal) incide justamente sobre a actividade próxima e futura do afortunado editor e constitui, pelo seu teor «envinagrado», mais uma acha para a fogueira das discussões. Entretanto, a banda desenhada (proposta ou não em figurinos de luxo) soma e segue.

DE *Barbarella* a *Scarlett Dream*, passando por *As Aventuras de Jodelle, Lone Sloane, Epoxy, A Saga de Xam, Pravda la survireuse*, etc., a banda desenhada artística, erótica e espacial assegurou, nestes últimos anos, um largo público particularmente entre os cinéfilos e os amadores de experiências gráficas, aos quais revelou as possibilidades específicas de um modo de expressão vindo do outro lado do Atlântico, e até então fortemente desacreditado.

Os princípios de *Barbarella* (cuja primeira tiragem não ultrapassou os 5000 exemplares) foram, entretanto, pouco menos que prometedores. Introduzindo no mercado do livro esta edição de luxo, exclusivamente destinada aos adultos e cujo preço elevado só podia afastar os habituais compradores deste género de publicações, Eric Losfeld devia arrostar com a desaprovação dos restantes editores e fazer, aos olhos dos livreiros e do grande público, figura de provocador — o que não desagradava a um homem que declara, como se pode ler na primeira página do catálogo das edições *Terrain Vague:* «Se amanhã com um objectivo demográfico, o Governo tornar obrigatória a literatura erótica, então eu editarei Bernardin de Saint Pierre, com um objectivo de provocação».

Bem depressa, entretanto, as medidas de interdição de que a obra (ao fim e ao cabo inofensiva) era objecto, provocaram uma série de artigos retumbantes em favor da heroína de Jean-Claude Forest, e, enquanto sociólogos e críticos se debruçam à porfia sobre um fenómeno que subverte as tradições culturais francesas e a campanha publicitária que, durante mais de três anos, vai rodear a realização do filme de Vadim mobiliza a atenção do grande público, um entusiasmo tão súbito como frenético apodera-se dos meios intelectuais por esta nova forma de literatura que restitui à imaginação os seus poderes, busca as suas técnicas no cinema e dá-se aos mais extremos delírios eróticos, fantásticos e antecipadores. Mal aparecerão *As Aventuras de Jodelle*, de Guy Pellaert, glosar-se-á até ao infinito sobre os seus «extraordinários enquadramentos e suas sumptuosas colisões de cores agressivas». Comparar-se-á Philippe Druillet, autor de *Lone Sloane*, a Lovecraft, e a heroína de *Pravda* (Guy Pellaert) a Dom Quixote. A falta de epítetos mais percutantes, qualificar-se-á o estilo de Gigi, desenhador de *Scarlett dream*, de «hipergráfico». A propósito da *Saga de Xam*, de Nicolas Devil, não se hesitará em evocar Homero, Velasquez, Goya e Picasso.

Saga de Xam, de Nicolas Devil: por que não Homero e Picasso?...

O impulso extraordinário da banda desenhada que aos olhos de uns, aparece como uma facécia sem futuro e, aos olhos de outros, prefigura a literatura de amanhã, é consequência de um snobismo passageiro ou o signo precursor de uma total mutação das técnicas literárias? «A banda desenhada, responde Losfeld, não é senão uma das múltiplas tentativas que foram feitas no decorrer da última metade do século, de *Ulisses* às produções da «escola do olhar» à qual ela se aparenta, a meu ver, pelo papel privilegiado que confere à visualização do objecto, para varrer as técnicas herdadas do romance balzaquiano». Mas, felicitando-se por um sucesso comercial que, junto ao recente êxito de *Emmanuelle* (mais de 300 000 exemplares vendidos) o põe hoje ao alcance de realizar um velho sonho de editor (a publicação, em 7 volumes, das Obras Completas de Benjamin Péret), o promotor da «sex-ópera», do «western interestelar» e do «flipper-story» mostra-se um tanto ou quanto

(Continua na 7.ª página)

DESENHADOR

Precisa-se especialista des. de letras para criação de marca industrial. Indicar referências. Resp. ao jornal ao n.º 243

UM JORNALISTA DIALOGA COM O SEU PÚBLICO

BAPTISTA-BASTOS dá-nos em

AS PALAVRAS DOS OUTROS

uma das mais lúcidas e corajosas obras do jornalismo contemporâneo.
Col. «PRISMA», 392 págs., 35$
À venda em todas as livrarias e no encontro do «DIÁRIO POPULAR»
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8, Mem-Martins
Delegação em Lisboa: R. das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: R. de Entreparedes, 8, 2.º